AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU,* referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (https://monografiashistoriaufu.wordpress.com).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia.* Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

T. C
3625
S. 9/

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

CIDADE EM MEMÓRIAS, HISTÓRIA DE UMA CIDADE: UBERABA: POR HILDEBRANDO PONTES.

PAULA CRISTINA DE SOUZA FRANCISCO

...AL DE UBERLÂNDIA
...e Pesquisa em
...Bloco 1Q (Antigo Mineirão
Av. Universitária, s/Nº
...Uberlândia - M...

PAULA CRISTINA DE SOUZA FRANCISCO

CIDADE EM MEMÓRIAS, HISTÓRIA DE UMA CIDADE: UBERABA POR HILDEBRANDO PONTES.

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial de obtenção do título de bacharel em História, sob a orientação da Profª. Drª. Heloísa Helena Pacheco Cardoso.

Uberlândia, Janeiro de 2008.

Ficha Catalográfica

Francisco, Paula Cristina de Souza.
Cidade em memórias, história de uma cidade : Uberaba por Hildebrando Pontes / Paula Cristina de Souza Francisco. – 2008.
107 f.

Orientadora: Heloisa Helena Pacheco Cardoso.
Monografia (Bacharelado)- Universidade Federal de Uberlândia, Curso d
Graduação em História.
Inclui bibliografia.

1.Uberaba (MG) - 2. Pontes, Hildebrando 3. Memória

PAULA CRISTINA DE SOUZA FRANCISCO

CIDADE EM MEMÓRIAS, HISTÓRIA DE UMA CIDADE: UBERABA POR HILDEBRANDO PONTES.

BANCA EXAMINADORA:

Profª. Drª. Heloísa Helena Pacheco Cardoso – Orientadora

Profª. Drª. Dilma Andrade de Paula

Ms. Sheille Soares de Freitas

Com amor, dedico este trabalho ao meu noivo Fúlvio e aos meus pais Divina e Antônio.

AGRADECIMENTO

À minha família e amigos, pelo carinho, compreensão e principalmente pelo incentivo.

À professora Heloísa Helena Pacheco Cardoso que, apesar de tantos compromissos, mostrou-se sempre presente e dedicada. Sou grata também por sua acolhida sempre carinhosa.

Aos colegas de graduação, principalmente à Ana Flavia, Heloísa, Geisane, Jacione, Neubiana, Poliana e Vânia pelo companheirismo.

Aos funcionários do Arquivo Público de Uberaba.

Aos funcionários do Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia.

Aos funcionários da Biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia em especial ao Wilmar, Wilma e Marco Antônio que sempre me ajudaram nas solicitações de documentos em outras bibliotecas.

Agradeço também todas as pessoas que contribuíram direta ou inderetamente para a realização deste trabalho: Senhora Aurelita, Luciene (minha cunhada), Professor Pedro Coutinho, Professor Thiago Riccioppo, Professora Patrícia, Professora Sidnéia e Senhora Regina.

Sumário

Introdução 8

Capítulo I.

Hildebrando Pontes e a História de Uberaba: memória de uma cidade. 15

Capítulo II

Histórias, Fatos e Personagens: os sentidos do passado. 37

Capítulo III

História Local e do Cotidiano: as experiências no ensino fundamental. 59

Considerações Finais 74

Fontes 77

Bibliografia 80

Anexos 83

Anexo I - Notijubileu. Escola Estadual Prof. Hildebrando Pontes 84

Anexo II - Trabalho Integrado de Pesquisa – Projeto Artecultura. Colégio Cenecista Dr, José Ferreira 88

Anexo III- Teste de avaliação da Turma de 9 anos Escola Municipal Madre Maria Georgina 103

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo, a partir da temática da cidade, analisar as narrativas de Hildebrando Pontes professor, engenheiro agrônomo, vice-prefeito e prefeito sobre município de Uberaba. As questões que orientam este trabalho giram em torno da relação história e memória. Das memórias surgidas dos escritos de Pontes e da história que é eleita como oficial, principalmente pelo poder. Neste sentido, para entender a memória da cidade registrada pelo autor e como esta é, ou não, (re) apropriada pela história oficial algumas questões foram levantadas: qual memória que surge dos escritos do autor? Quem ele privilegiou? Quais os fatos considerados mais importantes? Até que ponto os escritos dele continuam a influenciar a história do município? Como as escolas do município trabalham a história da cidade e se esta tem alguma relação com os escritos do autor? A partir destas questões percebemos ao longo do trabalho que as narrativas do autor, os fatos e personagens selecionados por ele, estão presente nos jornais, nas comemorações do aniversário da cidade, nas escolas de ensino fundamental, quando os professores trabalham o tema História da Cidade. Assim sendo, percebemos que a obra do autor é utilizada para reproduzir argumentações que continuam sendo importantes nas relações de poder vividas na cidade.

Introdução

O presente estudo tem como objetivo discutir as argumentações e posições nos escritos de Hildebrando Pontes sobre a cidade de Uberaba. A partir dessa análise pretendemos refletir sobre as questões da memória registrada por ele e como esta continua, ou não, a influenciar a história oficial do município.

A relação memória história vai estar no centro dessas reflexões, posto que a relação entre ambas é um dos grandes debates teóricos atuais. Temos por intuito entender a importância da memória para história e como essa é constantemente apropriada e reelaborada, principalmente pelo poder, ou seja, pelas classes dominantes, que ainda tendem a fazer uma história oficial não respeitando as diversidades presentes na sociedade.

Para orientar os caminhos dessa pesquisa consideramos importante utilizarmos teóricos como: Alessandro Portelli, Jacques Le Goff, bem como Joseph Fontana, entre outros, que não somente nos serviram de inspiração para iniciar este projeto, mas mostraram-nos como é importante a (des) construção de uma certa memória.

Atualmente, muitos autores já concordam que a memória não pode ser vista somente como um processo de rememoração limitado a lembrar fatos passados, a memória esta carregada de significados.[1] Trata-se da construção de referenciais

---

[1] Sobre memória ver:
GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, história, testemunho. In: BRESCIANI, Stella: NAXARA, Márcia. *Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Unicamp. 200. 85-93.
_____. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro. Imago, 1997.
POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro. 2 (3) 1989 p.03-15.
SEIXAS, Jacy Alves. Percursos de memórias em terras de história: Problemáticas atuais.In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2001.

sobre o passado e o presente de diferentes grupos sociais, ancorados nas tradições e intimamente associados a mudanças culturais. Há também um consenso de que a história não tem mais a pretensão de estabelecer os fatos como realmente aconteceram. Apesar de muitos autores concordarem nestes pontos, persistem divergências com relação a como considerar a memória para a construção de uma interpretação histórica.

Para Seixas, a crescente valorização da memória, tanto na esfera individual como nas práticas sociais reivindicadas por inúmeros grupos sociais e políticos, converge para uma espécie de prática de 'vergonha de memória' por parte de historiadores que de alguma maneira esforçam-se para apagá-la como tal. Segundo a autora:

> *Recentemente, a partir do inicio da década de 80, a historiografia vem afirmando noção diversa: ela toma consciência de que a relação memória-história é mais uma relação de conflito e oposição do que de complementaridade, ao mesmo tempo - aqui se inscreve a novidade da critica -em que coloca a história como senhora da memória, produtora de memórias.*[2]

A memória, para autora, encontra-se prisioneira da história transformando-se em memória historicizada e esse movimento é sem volta, sendo a memória, atualmente, uma memória exilada que busca refúgio na história: *restam-lhe assim, os lugares de memória de uma memória que apenas vive sob o olhar de uma história reconstituída como seu grande testemunho.*[3]

Seixas acredita que na tentativa de conciliar memória e história, a memória é aproximada em excesso da noção de história a tal ponto que acabamos por não reconhecer uma distinção clara entre ambas. No lugar do caráter espontâneo e natural, ressaltam-se as análises de reconstrução empreendida pela memória, que responde por via de regra a demandas e interesses políticos precisos.

VESENTINI, Carlos A. *A teia do fato: uma proposta de estudo sobre a memória história*. São Paulo. HUCITEC, 1997.

[2] SEIXAS, Jacy Alves. Percursos de Memórias em Terras de História: Problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella eNAXARA, Márcia (org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2001. p. 39.

[3] Ibidem, p.41.

> *A memória é ativada visando, de alguma forma, ao controle do passado (e, portanto, do presente). Reformar o passado em função do presente via gestão das memórias significa, antes de mais nada, controlar a materialidade em que a memória se expressa (das relíquias aos monumentos, aos arquivos, símbolos, rituais, datas, comemorações...) Noção de que a memória torna poderoso(s) aqueles(s) que a gere(m) e controla(m).*[4]

Pollack, se referenciando em Halbwachs, acredita que os monumentos, o patrimônio arquitetônico e seu estilo, as paisagens, as datas e personagens históricos cuja importância sempre nos é relembrada, as tradições e costumes, certas regras de interação, o folclore e a música, bem como a culinária, são diferentes pontos de referência que estruturam nossa memória e que a inserem na memória da coletividade a que pertencemos.[5]

Entretanto, a memória que por vezes é institucionalizada não visa somente gerar um sentimento de pertencimento a um grupo social. De acordo com o autor o trabalho de centralização da memória que se alimenta do material fornecido pela história se guia pela preocupação de manter as fronteiras sociais e também de modificá-las. Por isso esse trabalho reinterpreta constantemente o passado em função dos conflitos do presente e do futuro. Mas, para o autor, esta reinterpretação em função destes conflitos, limita-se na falsificação pura e simples do passado na sua reconstrução política e, este trabalho é contido por uma exigência de credibilidade que depende da coerência dos discursos. Neste sentido: *toda organização política, por exemplo- sindicato, partido, etc.-, veicula seu próprio passado e a imagem que ela forjou para si mesma.*[6]

Segundo o autor, dentro dessa preocupação com a imagem que a associação passa de si mesma e da história, que é sua razão de ser, é necessário, portanto, escolher testemunhas confiáveis aos olhos dos dirigentes, com produções de discursos organizados em torno de acontecimentos e de

---

[4] SEIXAS, 2001, p.42.
[5] POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, Vol. 2 n.3 1989, p. 3. Disponível em:< http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf >Acesso: 05/out. /2006.
[6] Ibidem p. 7

grandes personagens. Assim sendo, verificamos que as obras de memorilistas[7], em especial Hildebrando Pontes, se inserem nesta perspectiva, haja vista que as produções por eles escritas são, em sua maioria, glorificações de personagens, de acontecimentos econômicos ou políticos que marcaram a vida da cidade desde o seu surgimento.

De acordo Pollack, essa memória defendida por esse trabalho centralizado é um ingrediente importante para a perenidade do tecido social, das estruturas institucionais de uma sociedade. Mas nenhum grupo social, nenhuma instituição tem sua perenidade assegurada, porém sua memória pode sobreviver a seu desaparecimento, assumindo a forma de um mito que, por não se basear na realidade política do presente, alimenta-se de referências literárias, culturais ou religiosas. Assim sendo, o passado longínquo pode então se tomar promessa de futuro.

Acreditamos, pois que essa tentativa de centralizar a memória é derivada de um modelo interpretativo já falido que, segundo Fontana, nasceu com a visão da história elaborada pela ilustração escocesa, no século XVII, consistindo num esquema único e ordenado de desenvolvimento, cujas etapas teriam que percorrer sucessivamente todos os povos e convertia uma noção de progresso baseada no desenvolvimento tecnológico, no motor da história, ou seja, a história teria como método um esquema único e linear que visava a evolução e o progresso.[8]

Segundo o autor, esse modelo, que apresenta uma fábula de progresso universal, tem como protagonistas essenciais os grupos dominantes, políticos e econômicos das sociedades desenvolvidas considerados os atores decisivos deste tipo de progresso, deixando os grupos considerados subalternos –mulheres, crianças, pobres - à margem da história. Esse modelo ainda foi um dos maiores

---

[7] O termo memorialista consiste em designar indivíduos que, mesmo sem formação acadêmica em História registram a história de seu município. Essas pessoas podem, também, ser denominadas por 'historiados locais', 'historiadores amadores' ou 'diletantes'. Sobre a noção de historiador local ver: LE GOFF, 1992 apud FERNANDES, Marilena Julimar. *Percursos de Memórias: A trajetória política de Pedro Ludovico Teixeira*. Dissertação (Mestrado) 2003 – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. 2003.

[8] FONTANA, Josep. Reflexões sobre a história, do além do fim da história. In: *História: análise do passado e projeto social*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1998, p.267-281.

desafios enfrentados pela história na segunda metade do século XX e que continua presente no inicio do XXI.[9]

Neste sentido, verificamos que a história oral se insere neste contexto como uma possibilidade de "(des) construção" dessa história oficial. Para Alessandro Portelli a memória coletiva está situada em atividades intelectuais de cada um dos indivíduos. Segundo o autor cada indivíduo possui uma memória, de alguma forma, diferente de todas as demais, por isso mais que uma memória coletiva o que se tem é um horizonte de memórias possíveis.

> *Portanto, a palavra-chave aqui é possibilidade. No plano textual, a representatividade das fontes orais e das memórias se mede pela capacidade de abrir e delinear o campo das possibilidades expressivas. No plano dos conteúdos, mede-se não tanto pela reconstrução da experiência concreta, mas pelo delinear da esfera subjetiva da experiência imaginável: não tanto o que acontece materialmente com as pessoas, mas o que as pessoas sabem ou imaginam que possa suceder. E é o complexo horizonte das possibilidades o que constrói de uma subjetividade socialmente compartilhada.*[10]

Para o autor, a subjetividade diz respeito aos indivíduos, ao passo que a história e a pesquisa social dizem respeito a grupos humanos, por isso a importância das narrativas orais. Fazendo uso da história oral vamos indagando sobre as relações entre memória e história e sobre os modos de explorar essas questões nos estudos da experiência cotidiana narrada. O autor acredita que devemos trabalhar as narrativas analisando-as como textos, retirando delas fatos, significados, buscando nas formas, como cada narrador organiza os fatos, como interpreta a realidade e nela se situa.

Assim sendo, a partir da sistematização do conhecimento utilizado como base para a confecção deste estudo, tentaremos refletir sobre a memória escrita por Hildebrando Pontes sobre o município de Uberaba. Pretendemos identificar suas principais idéias e entendê-las no contexto histórico do período, assim como analisar os principais elementos norteadores do trabalho de Hildebrando e como estes continuam ou não a influenciar a história da cidade.

---

[9] Id. Por uma história de todos. In: _____*A história dos homens*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2004.439-469.
[10] PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In *Tempo*, Rio de Janeiro: vol. 1 n. 2. 1996. p 70.

Para alcançar esse objetivo consideramos importante, primeiramente a leitura das obras de Hildebrando Pontes[11] sobre o município, assim como de outros memorialistas[12] que trabalham o mesmo tema. Para entender o contexto histórico em que a obra foi escrita fizemos uma visita ao Arquivo Público de Uberaba para pesquisarmos os jornais da época.

Também pesquisamos os jornais recentes com o objetivo de verificar como a memória de Pontes é (re) apropriada pela história oficial. Sabendo, pois que a temática "História do Município" é proposta pelos PCNs nas séries iniciais do ensino fundamental, consideramos importante analisarmos como as escolas trabalhavam com essa temática. Ademais sentimos a necessidade de entrar em contato com moradores da cidade para saber se estes conhecem ou não a história do município.

Sendo assim, nosso trabalho foi constituído em três capítulos. No primeiro capitulo: *Hildebrando Pontes e a História de Uberaba: memória de uma cidade; buscamos* refletir sobre qual história surge dos escritos do autor, quem ele privilegia ao construir uma história da cidade e como esses elementos podem ser analisados nos seus significados.

No segundo capitulo: *História, Fatos e personagens: os sentidos do passado; tentamos* a principio entender os significados das mediações entre os trabalhos de Hildebrando e os trabalhos já escritos sobre a cidade, assim como percebermos, no presente, as lembranças que existem sobre o autor e sua obra e

---

[11] Obras de Pontes que contribuíram para compor este trabalho: PONTES, Hildebrando Araújo. História de Uberaba e a Civilização no Brasil Central. 1ª ed. Academia de letras do Triangulo Mineiro. 1970.
_____.A Imprensa de Uberaba. Jornal Correio Católico de Uberaba, 1993.
_____. De Ermida a Catedral (Egreja Matriz de Uberaba-1939) s/d.
_____.Nobiliarchia do Triângulo Mineiro: subsídio para a história dos grandes na mesopotâmia triangulina. Uberaba s/d.
_____. Vida Casos e Perfis. Uberaba: Arquivo Público de Uberaba, 1992.
1971.

[12] Memorialistas que trabalham a história do município:
FERREIRA, Orlando. *Terra Madrasta*. Uberaba. S/d p.
MENDONÇA, José. *História de Uberaba*. Academia de Letras do Triangulo Mineiro. 1ªed. Uberaba. 1974
SAMPAIO, Borges. *Uberaba: História, Fatos e Homens*. Academia de Letras do Triângulo Mineiro. Uberaba.

até que ponto os seus escritos continuam a influenciar a história oficial da cidade, estabelecendo uma relação entre memória e história.

No terceiro capitulo: *História local e do cotidiano: as experiências no ensino fundamental; tentamos* buscar a memória da cidade a partir dos personagens e feitos selecionados por Pontes, refletindo sobre os significados dessa memória no processo educacional. Buscamos mostrar como as escolas lidam com o tema "História de Uberaba", se os materiais utilizados reproduzem ou não, a memória oficial sobre a cidade.

CAPÍTULO I

Hildebrando Pontes e a História de Uberaba: memória de uma cidade.

Este estudo tem como objetivo, a partir da temática da cidade, refletir sobre a relação memória e história, tomando como material de análise os trabalhos de Hildebrando Pontes, sobre a cidade de Uberaba. Buscamos, a partir dos personagens e feitos selecionados por ele, refletir sobre os significados dessa memória e como esta continua (ou não) a influenciar a história oficial de Uberaba.

As bibliografias[13] existentes destacam aquilo que seus autores consideram importante divulgar na trajetória de Hildebrando de Araújo Pontes. Nasceu em 1879 em Jubaí, distrito de Conquista em Minas Gerais, no mesmo ano mudou com sua família para Uberaba. Formou-se em Agronomia e, em 1897, juntamente com outros companheiros fundou a Revista Agrícola, sendo o jornal o primeiro contato que teve com o público. Em 1902 casou com Salvina Barra Pontes e, em 1906, idealizou e fundou o Clube Separatista, do qual foi presidente.

Hildebrando defendeu a separação do Triângulo Mineiro para formar um Estado Independente. Em *Vida Casos e Perfis,* obra realizada pelo Arquivo Público de Uberaba e que consiste na organização de artigos e manuscritos produzidos por Pontes, encontramos a defesa do autor para um Estado independente na região:

---

[13] Sobre Hildebrando Araújo Pontes ver:
COUTINHO, Pedro dos Reis. Prefácio. In: PONTES, Hildebrando de Araújo. *Vida Casos e Perfis.* Uberaba: Arquivo Público de Uberaba, 1992.
PRATA, Edson. Nota Prévia. In: PONTES, Hildebrando de Araújo. *História de Uberaba e a Civilização no Brasil Central*. 1ª ed. Academia de letras do Triangulo Mineiro. 1970.

> *Certa ocasião, em 1906, estando a ler velhos jornais de Uberaba, deparei-me em um deles, o "Eco do Sertão" com uma série de interessantes artigos sobre a Separação (...) a leitura dos artigos do "Eco do Sertão" sobre o separatismo no momento em que o Triangulo se via a braços com esse terrível estado de coisas, despertou-me a idéia de agitar, novamente, a campanha separatista, não para incorporar-se o Triangulo a S. Paulo, como em 1875 queria o Dr. Des Genettes, mas para construir um à parte.*[14]

Segundo o autor, movimento separatista de 1906 ocorreu devido à omissão do governo estadual em relação à região. A região não tinha representantes no governo e este estava interessado, somente, em recolher os impostos, retirando o 2º batalhão de Policia da cidade e fechando a Escola Normal Superior de Uberaba, que atendia não só o Triângulo Mineiro como também o Sul de Goiás.

O movimento foi ganhando vários adeptos, três jornais defendiam a idéia de separação: *Gazeta de Uberaba, O Tribuna e O Município.* A cidade de Araguari também aderiu a campanha, fundando o Partido Separatista. A partir da proporção que teve a campanha, o governo estadual atendeu várias reivindicações da região dentre as quais se destacam: abertura da primeira Agência Bancária (Banco de Crédito Real de Minas Gerais S/A); ampliação dos trilhos da Mogiana; construção da Ponte Afonso Pena (ligando o Triângulo Mineiro ao Sul de Goiás) e a volta do Batalhão de Polícia do Estado. Mediante as reivindicações atendidas, os separatistas deram se por satisfeitos.

Pontes também participou ativamente da política na cidade, em 1912 foi eleito vereador pelo Partido Republicano Democrata, sendo eleito também vice-presidente da Câmara. Ocupou o governo municipal na ausência de Felipe Aché, permanecendo na administração de junho de 1912 a dezembro de1915. Fundou em 1921, após ter se aposentado, devido a problemas de saúde, o Externato Santa Filomena, colégio de instrução primária e secundária para ambos os sexos.

---

[14] PONTES. Hildebrando de Araújo. *Vida Casos e Perfis*. Uberaba: Arquivo Público de Uberaba, 1992, p. 25.

Pontes não só participou ativamente de vários acontecimentos em Uberaba, mas registrou a memória dos mesmos. Escreveu em vários jornais, de Uberaba e da região como também escreveu alguns livros: *"A história do Futebol em Uberaba", "Meus cinqüenta anos", "A história da Revolução de 1930 em Uberaba",* entre outros[15]. Faleceu em 1940 aos 61 anos.

Alguns trabalhos do autor foram publicados após a morte dele, outros estão inéditos e encontra-se em arquivos familiares ou públicos. Dentre os trabalhos de Pontes, um dos principais é a *História de Uberaba e a Civilização do Brasil*[16]. Neste o autor narra, de forma cronológica, a história da construção da cidade, desde o povoamento da região até a formação do município. Ele utiliza o escudo do município, símbolo da cidade para mostrar os atributos do mesmo. Em suas palavras: *o escudo de Uberaba é um conjunto de símbolos que resumem, expressivamente, a história e a geografia do município.*[17]

---

[15] Entre as obras de Hildebrando Pontes destacamos:
PONTES, Hildebrando Araújo. *História de Uberaba e a Civilização no Brasil Central*. 1ª ed. Academia de letras do Triangulo Mineiro. 1970.
_____. *Vida Casos e Perfis*. Uberaba: Arquivo Público de Uberaba, 1992.
_____. *História do Futebol em Uberaba*. 1ª ed. Academia de Letras do Triângulo Mineiro. 1972.
_____. *A Imprensa de Uberaba*. Jornal Correio Católico de Uberaba, 1993.
_____. *De Ermida a Catedral* (Egreja Matriz de Uberaba-1939)
_____. *Nobiliarchia do Triangulo Mineiro. Subsidio para s historia dos grandes da mesopotâmia triangulina*. 1939.

[16] A obra em questão é a primeira edição de 1970. Ela está dividia nos seguintes temas:
I-O Município de Uberaba: Posição – Configuração –Situação – Confrontações- Limites; II Divisão – Superfície – População; III Etnologia- Elementos Formadores- O Indígena- O Branco- O Negro- Costumes- Origem do Povoamento-Evolução Social, Comercial e Política- Os Partidos Políticos- Os Governos Municipais e sua Administração; IV A Sede Municipal- Sua Formação – Arquitetura etc; V A Situação Física: Composição, Aspecto e Relevo do Solo; VI Sistema Fluvial- Lagoas – Ilhas; VII Clima; VIII Situação Econômica: Riquezas Naturais; IX Lavoura e Criação; X Indústrias; XI Vias de Comunicação e Transportes; XII Crédito e Previdência; XIII Propriedade Territorial; XIV Comércio; XV Situação Social; XVI Melhoramentos Urbanos- Água- Luz- Esgoto- Calçamento-Pontes; XVII Ensino Público e Particular; XVIII Imprensa, seu desenvolvimento- Bibliotecas e Museus- Ciências: Medicina, Direito, Engenharia, Farmácia e Odontologia-Letras: Intelectualismo, Jornalismo, Poligrafismo, Poesia, Oratória, Poliglotismo; XIX Teatros e Cinematógrafos; XX Assistência Publica; XXI Criminalidade e Suicídios; XXII Associações; XXIII Religião; XXIV Situação Administrativa e Política; XXV Finanças Públicas; XXVI Política e Repressão; XXVII Justiça; XXVIII Organização Eleitoral.

[17] Ibidem, p. 2.

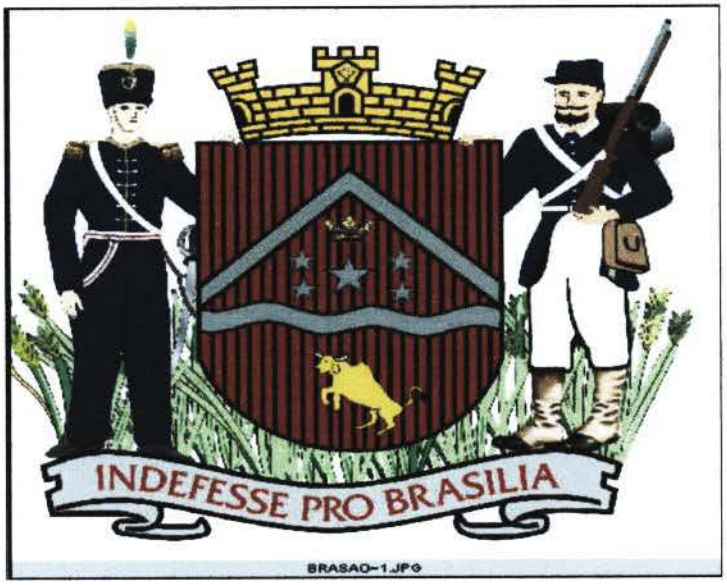


Figura 1- Brasão do Município de Uberaba (MG) – 1928
Fonte: Disponível em:<http://www.arquivopublicouberaba.com.br/galeria/arquivo_08.pdf >
Acesso em: 05 mar. 2007

De acordo com Pontes, a faixa prata no campo vermelho simboliza o rio de água brilhante, o Y-berab, nome do qual provém o nome da cidade. A aste também prata conjugada à faixa forma um triangulo irregular, este, simboliza o Triângulo Mineiro, as cinco estrelas simbolizam as principais cidades do Triângulo Mineiro, sendo Uberaba a maior estrela dentre todas. A coroa de príncipe é para lembrar o titulo conferido a Uberaba a anos, "Princesa do Sertão". O zebu na parte inferior do escudo simboliza a riqueza gerada pela importação do gado, devido à iniciativa uberabense.

Há no escudo dois oficiais: um soldado da milícia mineira do inicio do século XIX, que recorda os fundadores do até então Sertão da Farinha Podre e um soldado com o uniforme dos voluntários da Pátria, que lutou na campanha do Paraguai. Tais aspectos são mostrados para engrandecer os primeiros habitantes da cidade demonstrando as dificuldades que superaram.

O intuito de destacar em um primeiro momento o escudo do município visa descrever os sentidos que são atribuídos à história da região e sua importância. Ele está cheio de significados que marcam a história da cidade

desde a sua formação até o povoamento do município que vão sendo realimentados ao longo dos anos em vários espaços e ocasiões.

Pontes descreve que a região do Brasil Central, triângulo mineiro, foi primeiramente habitada por índios: Tremembés, Caiapós, Tupis, Tapuias. Os caiapós constituíam uma grande ameaça aos fazendeiros e viajantes desta região devido aos seus constantes ataques. Por esse motivo vieram para esta região o Coronel Antonio Pires de Campos acompanhado de um contingente de índios: Bororós, Carajás, entre outros, amansados por ele em Mato Grosso, com o intuito de expulsar os caiapós.

Com a expulsão dos Caiapós, o Coronel Pires de Campos estabeleceu os índios mansos em aldeias, ao longo de uma estrada entre os rios Grande e Paranaíba aberta por Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera. O propósito de instalar índios nesta região era para que os mesmos servissem de guarda e garantissem a segurança dos fazendeiros daquela região e aos viajantes. De acordo com o autor: *Foi essa gente que o elemento branco civilizado, arrastando consigo o negro feito escravo veio encontrar nesta região ao conquistá-la em meados do século XVIII.*[18]

Segundo o autor a relação entre os índios, os negros e o branco forneceu os elementos básicos na formação do tipo brasileiro, os costumes foram herança dessa relação e por isso a razão de estudá-los:

> *Estudamos mais demoradamente o elemento indígena, cuja história pode ser mais facilmente apanhada pelos documentos étnicos existentes. O elemento branco, imigrante, está perfeitamente estudado e é o português cuja história dominou a idade heróica dos descobridores marítimos dos quais é, talvez, o Brasil o mais belo capitulo. O negro – o cafre – transplantado dos sertões adustos da África representou o motor de que precisava o homem baldo de forças, para a conquista da fortuna.*[19]

[18] PONTES, 1970, p.23.
[19] Ibidem. Loc. cit.

Percebemos nesta narrativa de Pontes a busca pela identidade nacional, questão esta que aflorou no fim do século XIX e que consistia na formulação de uma teoria do tipo étnico brasileiro, na busca de uma identidade coletiva para o país, de um alicerce na construção da nação. Esta formulação representava uma grande preocupação de vários intelectuais da época como: Silvio Romero, Euclides da Cunha, Gilberto Freyre, entre outros. De acordo com Munanga, citando Seiferter:

> *O que estava em jogo nesse debate intelectual nacional, era fundamentalmente a questão de saber como transformar essa pluralidade de raças e mesclas, de culturas e valores civilizatórios tão diferentes, de identidades tão diversas, numa única coletividade de cidadãos, numa só nação.*[20]

Pontes explica que o povoamento que ocorreu na região se deu devido, ao que ele chama de 'mania das descobertas de minas de ouro'. Este acontecimento podia se dar com qualquer indivíduo. Mesmo aquele que nascera de famílias desbastadas, poderia ter grandes honrarias junto ao governo da metrópole se descobrisse ouro. O desejo de descobrir ouro estava no pagamento do rei, com títulos honoríficos. Devido a esse anseio, viu-se a necessidade de abrir uma estrada que ligasse São Paulo a Goiás, região que continha ouro, mas, naquele período, 1720, ela era ainda pouco explorada, sendo necessário expulsar os índios, no caso os Caiapós e também quilombolas. Esta estrada é muito importante para entender como se deu o inicio do povoado em Uberaba e será discutida no próximo capitulo.

Após expulsarem os habitantes da terra, a questão que começou a imperar entre os ocupadores foram as divisas entre Minas e Goiás, pivô de muita desarmonia entre as famílias do Desemboque. De acordo com Pontes, a origem dessa questão estava em Minas Gerais, São Paulo, Goiás, terem sido partes integrantes da capitania de São Vicente. A duas primeiras estiveram reunidas até 1720, quando, pelo Alvará de 2 de dezembro desse ano,

---

[20] SEIFERTER, 1989 apud MUNANGA, Kabengele. Mestiçagem e experiências interculturais no Brasil. In: Schawarcz, Lilia Moritz, REIS, Letícia de Souza (orgs.) Negras Imagens. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Estação Ciência, 1996. p.181

separaram e se constituíram em capitanias independentes. Em 1748 Goiás se separou de São Paulo constituindo em capitânia independente. Entretanto as divisas entre as capitanias eram muito vagas, o que possibilitou a muitos tirarem proveito dessa situação, haja vista que não pagavam impostos a nenhuma capitania por "não saber" a qual pertenciam.

Assim sendo, o intuito do autor é mostrar como se deu o povoamento do Brasil Central, como se deram às relações entre as pessoas que povoaram essas terras, como as terras foram apossadas e povoadas até chegar ao povoamento de Uberaba. Segundo Pontes, José Francisco de Azevedo iniciou a fundação do município[21] em um pequeno núcleo colonial, nas cabeceiras do ribeirão do Lajeado. Porém o sargento-mor Antônio Eustáquio da Silva e Oliveira, visitando o núcleo, notou que faltavam elementos que garantissem um futuro promissor para ele: água e terras florestais.

Por esse motivo avançou para Oeste, cerca de quinze quilômetros, onde tais condições eram favoráveis e se estabeleceu. Este lugar era o córrego da Laje, afluente da margem esquerda do rio Uberaba. Neste córrego, foi erguida uma casa de morada que recebeu o nome de Chácara Boa Vista e, em 02 de março de 1820 criou, no distrito de Uberaba, uma Paróquia em homenagem a Santo Antonio e São Sebastião.

Na sua visão linear e cronológica da história local, Pontes volta às origens no inicio do século XIX, acompanhando a evolução da cidade até o século XX. Segundo o autor, Uberaba tornou-se Freguesia pelo decreto real de 02 de março de 1820 e vila pela lei provincial de 22 de fevereiro de 1836. Em 02 de maio de 1859 foi elevada à cidade pela lei nº 759, de 2 de maio de 1856.

Para o autor, as condições favoráveis da terra para pastagem, a sua fecundidade, e o clima da região serviram de incentivo para que várias famílias imigrassem para Uberaba. As correntes imigratórias se caracterizaram por

[21] A questão da fundação do município será discutida no segundo capitulo.

quatro épocas distintas; a primeira entre 1800 a 1827; a segunda de 1827 a 1859; a terceira, de 1859 a 1889 e a quarta a partir de1889.

O autor reporta a primeira fase como sendo representada por famílias menos abastadas, nada mais fala sobre o assunto. Entretanto, a segunda foi representada por famílias que provinham de recursos[22]. Estas famílias construíram vários prédios no arraial e abriram diversos negócios. Esta época também é marcada pela abertura de novas estradas em direção ao Sul de Goiás possibilitando mais transações comerciais entre Uberaba e outras localidades. Neste período o Major Eustáquio junto com Vigário Silva abriram o Porto de Ponte Alta iniciando a navegação pelo rio Mogi-Güaçu até o Rio Grande para o transporte de sal, um dos gêneros mais comercializados naquele período. Com a inauguração deste transporte o comércio teve um grande crescimento. De acordo com Pontes:

> *Esses trinta e dois anos (1827-1859) foram, no principio, a época mais pujante do desenvolvimento de Uberaba, que alcançou as prerrogativas de vila à cidade. A sua população aumentou e o comércio nos três últimos anos quadruplicou a venda do sal cuja importação subia a 135 mil sacas ou alqueires.*[23]

A terceira fase é marcada pela Guerra do Paraguai, pelo constante transitar das tropas e paragem das mesmas no município, por muito tempo. Este período coincidiu com a entrada de muitas famílias ricas, que haviam enriquecido com a extração de diamantes, porém, em conseqüência da baixa do diamante, vieram se estabelecer em Uberaba investindo seus capitais em negócios.

> *Em 1874, a situação desta praça era a mais lisonjeira possível, com tendência á elevação. Havia, além de muitos armazéns de sal e molhados, dez casas de varejo e doze de atacados e varejo (...) Esse movimento animador multiplicou-se com a aproximação dos trilhos da*

---

[22] Conforme Pontes, no ano de 1827, tendo como objetivo a fundação de um Seminário na região do Triangulo Mineiro, a Congregação da Missão de São Vicente de Paulo, com sede em Ouro Preto, enviou para conhecer a região o Padre Leandro Rabelo Peixoto e Castro. O padre após conhecer a região, expediu uma carta, esta resultou na fundação do Seminário de instrução secundária e superior, atraindo varias famílias procedentes de Vila Rica, São José, São João Del'rei, entre outras. (PONTES, 1970, p 88.).

[23] PONTES, 1970, p. 91.

> *Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, atingindo ao auge, depois que a mesma aqui inaugurou o seu trafego de passageiros e mercadorias, a 23 de abril de 1889.*[24]

O ano de 1889 marca o fim da terceira época e o inicio da quarta. Esta é marcada pela vinda de estrangeiros para o município, famílias japonesas, sírias-turcas, francesas, inglesas, dinamarquesas, italianas, bem como de brasileiros. Com a imigração estrangeira, abriram-se diversas casas de negócios.

Em 1911 a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil penetrou o Estado de Mato Grosso, canalizando, inteiramente, as transações comerciais com São Paulo, antes feita com Uberaba, limitando a transações comerciais da cidade, posto que a parte oeste do Triangulo passou a se relacionar com as praças de Barretos e Bebedouro.

Pontes, neste momento, não deixa claro o que ocorreu em relação ao desvio da rota comercial, que até então passava por Uberaba, para outra cidade, fazendo com que a cidade passasse a ter relações comerciais somente em seus limites territoriais. O autor deposita toda sua confiança na agricultura pastoril e na criação de gado zebu:

> *Uberaba, insulando-se, libertou-se, afinal, da dependência daquelas praças e se entregou, animadamente, à agricultura e indústria pastoril, as quais colocam este município em lugar de marcado destaque no Brasil Central.*[25]

Essas ausências de relatos em detrimento da mudança das relações comerciais no município são criticadas por Wagner[26], que analisa o papel das elites no desenvolvimento político e econômico do município de Uberaba bem como o poder destes grupos tanto econômico, como político e cultural. De acordo com a autora, o processo do desvio da rota comercial que passava por

---

[24] PONTES, 1970, p. 92.
[25] Ibidem, p.96.
[26] WAGNER, Roberta Afonso Vinhal. *O papel das elites no desenvolvimento político e econômico do município de Uberaba (MG) –1910 a1960.* Dissertação de Mestrado. Uberlândia. Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

Uberaba, a partir da ligação entre São Paulo e Mato Grosso, pela Estrada Noroeste Brasil, evidencia o declínio do comercio na cidade, porém o livro de Pontes, *A História de Uberaba e a Civilização do Brasil Central,* sustenta a "verdade" de que a cidade "libertou-se" de transações comerciais para se dedicar a industria pastoril. Para a autora, os relatos de Pontes contradizem os jornais locais:

> *A contradição de autores como Pontes (1978) é evidente no instante em que consultamos os jornais locais, como a Gazeta de Uberaba (1895-1911) Lavoura e Comércio (1903-1910) e o Correio Católico (1901). As respectivas datas dos jornais acima foram criteriosamente escolhidas para evidenciarem o início e término do processo de decadência das atividades comerciais no município de Uberaba, considerando-se o fim da posição de destaque econômico como entreposto comercial na região.*[27]

Nesta perspectiva, verifica-se qual a memória que Pontes quis registrar: uma cidade próspera, pronta para o futuro. Apesar de Wagner cobrar um posicionamento critico do autor, o mesmo não está interessado em uma análise critica em relação aos fatos, ao contrário, o autor está interessado em registrar determinados acontecimentos que acredita serem necessários para gerações futuras entenderem como se deu a história do município. Por isso verificamos que a obra tem um caráter seletivo, ou seja, o autor escolhe os fatos que contribuíram para a formação de uma memória da cidade progressista, preparada para o futuro.

Pontes sabe o que escreve e para quem escreve. O intuito dele, assim como outros memorialistas[28], que falam sobre a história do município é mostrar os grandes feitos políticos, acontecimentos econômicos, bem como dos personagens políticos que marcaram a vida da cidade desde o seu surgimento.

---

[27] WAGNER, 2006, p.20.

[28] Memorialista que falam da História de Uberaba:
MENDONÇA, José. *História de Uberaba*. Academia de Letras do Triangulo Mineiro. 1ªed. Uberaba. 1974
SAMPAIO, Borges. *Uberaba: História, Fatos e Homens*. Academia de Letras do Triângulo Mineiro. Uberaba. 1971

Em *Nobiliarchia do Triângulo Mineiro: subsídios para a história dos grandes da mesopotâmia triângulina*, podemos a observar para quem Pontes escreve. O livro fala sobre os títulos de nobreza conferidos aos cidadãos triângulinos. Mostra seus feitos que justificam o merecimento de determinado título. Ademais, Pontes narra, cronologicamente, a vida de cada pessoa a quem foi conferida o titulo de nobreza. Observamos a descrição feita sobre o Barão de Campo Formoso, que foi um político de prestigio na cidade, pertencente ao Partido Liberal.

> *Este illuste mineiro, natural de São João del-Rey, era filho legitimo de Manoel Thomaz de Carvalho [...] por serviços prestados à causa pública, o Imperador o agraciou com o titulo de Barão do Campo Formoso. Falleceu, em Uberaba, em edade avançada, vítima de antigos padecimentos, no dia 08 de outubro de 1887.*[29]

Nota-se que cada pessoa possuía, além de recursos pecuniários, prestígios com o Imperador e que só conseguiam o título de nobre por um serviço prestado à coroa, como lutar na Revolução Mineira de 1842 ou na Guerra do Paraguai. Os títulos também eram concedidos por feitos na região, ou seja, fazendeiros e comerciantes que após se estabelecerem na região aumentaram suas fortunas.

Os títulos também eram conferidos às pessoas já influentes na cidade e que ocupavam vários cargos, como vereadores, delegados, juizes. No caso do Tenente Coronel Antônio Borges Sampaio, o seu perfil de homem culto, dedicado às questões do município, justificaram o título recebido:

> *O jovem Sampaio desenvolveu extraordinária actividade neste sertão, chegando a ser tudo em Uberaba, isto é pharmaceutico, curador geral de orphãos, advogado, jurisconsulto, literato, jornalista, escritor, historiographo etc. Foi promotor de justiça, vereador à Câmara Municpal e presidente desta corporação (...). Fez parte de numerosas associações de letras, sociaes e de classes. Desempenhou os cargos de supplente, de sub-delegado de polícia; cirurgião do 32º do Serviço activo de Uberaba.*[30]

---

[29] PONTES, Hildebrando de Araújo. *Nobiliarchia do Triângulo Mineiro: subsídios para a história dos grandes da mesopotâmia triangulina*. Uberaba. 1939a, p.8.
[30] Ibidem, p.14.

Pontes deixa claro o que quer mostrar em relação à nobiliarquia do Triângulo Mineiro, ou seja, enfatizar a importância dessas pessoas para a região e o município. O título conferido a essas pessoas, apesar da influência e prestígio justificava-se, sobretudo por merecimento. Assim, Pontes ressalta a importância desse grupo social para a cidade de Uberaba.

Nessa perspectiva, verificamos o trabalho *De Ermida a Catedral (Egreja Matriz de Uberaba),* em que o autor narra, também cronologicamente, as transformações ocorridas na Igreja desde a formação do povoamento no município até a construção da Catedral. Segundo o autor, foram quatro as igrejas matrizes de Uberaba. A primeira, erguida em 1807 nas cabeceiras do córrego Lajeado no antigo arraial da capelinha. O autor se referencia em Saint-Hilaire para descrever a capela:

> *Aquela capelinha segundo o testemunho de Saint-Hilarie que por ali passara em 1819, era extremamente baixa, sem ornamentos, como sem duvida foram os primeiros oratórios dos portugueses que descobriram o Brasil.*[31]

A pequena capela teve como oragos Santo Antonio e São Sebastião. Com a mudança, em 1815, dos moradores do Arraial da Capelinha para o arraial que o Major Eustáquio fundou, uma nova capela foi construída no novo local com a mesma invocação a Santo Antonio e São Sebastião. Em dois de março de 1820 o arraial foi elevado à condição de Freguesia e a capela à categoria de Paróquia, respectivamente, sendo esta a primeira Matriz.

Nas narrativas de Ponte, verifica-se, mesmo o autor não deixando claro o ano, que a Capela passando a ser Paróquia foi demolida pelo primeiro vigário da cidade, padre Antonio José da Silva. A paróquia foi inaugurada em 20 de janeiro de 1828, sendo este o terceiro templo religioso, entretanto, já em 1827 iniciara uma nova reforma. Para o autor, as obras decorreram com muita morosidade, mas se tinha uma explicação para a demora: naquele tempo,

---

[31] PONTES, *De Ermida a Catedral (Egreja Matriz de Uberaba*). Uberaba, 1939b, p.05.

Uberaba era uma simples Freguesia e o edifício projetado constituía em uma grande ousadia tanto pelo seu tamanho como seu custo elevado.

Devido a pequena população na Freguesia, a Igreja não conseguia angariar fundos para a reforma do prédio. À frente das reformas estava o Major Eustáquio, este, preocupado com o andamento das obras declarou em seu testamento:

> *Deixo livre o meu escravo Manoel Ferreiro com a obrigação de fazer todas as obras de ferro empregadas na construção da Matriz Nova de Santo Antonio e São Sebastião de Uberaba e também quatro arrobas de ferro e uma de aço, para o começo das mesmas obras.*[32]

Entretanto com o falecimento do Major Eustáquio, em 1932, as obras ficaram paralisadas durante anos. Em 1848, o capitão Joaquim Antonio Rosa, constituiu-se procurador da Igreja para receber donativos para a mesma e assim dar prosseguimento as obras. Estas prosseguiram até 1856, esta era a quarta igreja construída, de acordo com Pontes, mas, novamente, as obras de melhorias não pararam. Foram várias reformas e melhorias dentre as quais destacamos:

- Em 1859 o artista Joaquim Francisco Ananias foi contratado para construir duas torres, o coro, o arco do cruzeiro e o altar-mor;

- Nos anos de 1865-1867 suas torres foram revestidas de tijolos, argamassa e óleo e então, posteriormente, foi colocados dois sinos nas torres.

- Em 1896, o arco-cruzeiro foi demolido por ordem do então vigário Aurélio Elias de Souza. As torres foram demolidas e foi edificada uma única torre.

---

[32] PONTES, 1939b, p.08.



Figura 2 - Catedral de Uberaba década de 1920.
Fonte: Arquivo Público de Uberaba. Disponível em:
< http: //www.arquivopublicouberaba.com.br/galeria/arquivo_31.pdf >
Acesso: 27/mar 2007.

Em 1896, a sede do bispado foi transferida de Goiás para Uberaba e a Igreja matriz passou por mais uma reforma, alcançado as prerrogativas de catedral, sendo novamente conhecida como igreja matriz de Santo Antônio e São Sebastião de Uberaba[33] e as obras para melhoria da mesma continuaram. Em 1933, após um apelo de Dom Frei Luiz Maria de Sant'Ana foi criada uma comissão para conseguir fundos para reformar a igreja:

> *No decorrer de 1933, orando na velha catedral, Dom Frei Luiz Maira de Sant'Anna, bispo diocesano, disse: 'Uberaba, pelo seu adiantado grau de cultura e progresso, não mais permitir que sua catedral (?) como está, ameaçando ruínas. É mister que reformamos. No sentido, pois de o fazer, lanço desde já do alto desta tribuna sagrada, o meu apelo veemente ao bom povo católico desta católica cidade de Uberaba.*[34]

[33] Em 1926 o segundo bispo de Uberaba mudou o nome da Paróquia de Santo Antônio e São Sebastião para o nome de Sagrado Coração de Jesus.
[34] PONTES, 1939b, p. 18.

Mesmo não explicitando quem são os membros da comissão, o autor enfatiza a importância dos mesmos, parecendo que esta era uma solução para os problemas do município, eles possuíam a "chave" para o progresso: *A comissão logo entrou em atividade, angariando dinheiro, prendas e donativo de toda a espécie, cujo produto e obras iniciaram-se a 9 de dezembro de 1933.*[35]

Conforme o autor, a Igreja era, de fato, o maior pardieiro, as paredes estavam desgastadas; o assoalho e as colunas estavam empestados de cupim e traças. A comissão logo que entrou em atividade mudou este cenário, a Igreja foi totalmente reconstruída, o piso foi substituído por granito artificial, à iluminação recebeu refletores embutidos nos capitéis das colunas, a pintura interna ficou sendo toda branca, a capela do Santíssimo foi decorada por um pintor italiano e os vitrais obedeciam aos assuntos bíblicos.

Segundo Pontes, a população era quase toda católica. Em sua obra ele mostra com detalhes as paróquias do município, entretanto, ao abordar outras religiões ele o faz em um parágrafo:

> *A população municipal de Uberaba é quase inteiramente católica, havendo, contudo, núcleos de espíritas em Veríssimo, na fazenda de Ponte Alta, na Estação de Buriti e na cidade, onde os respectivos adeptos construíram os Sanatório Espírita ou Hospital de Dementes. Os protestantes evangelistas, que pouco tem progredido, construíram o seu templo à rua Moreira César* [36].

A Igreja Católica se fazia presente, regendo o cotidiano das pessoas. Estas viviam sob o olhar atento e disciplinador dos clérigos e a preocupação de Pontes com a história da Igreja, transformando-a em um dos temas importantes para a história de Uberaba, parece justificar esse poder da Igreja Católica com seus padres e bispo na região. Ao lado dos "coronéis" fazendeiros e comerciantes portadores de títulos nobiliárquicos concedidos por "serviços prestados à causa pública", os clérigos completavam a elite local que exercia o poder de mando no município.

---

[35] PONTES, 1939b, p. 19.
[36] Id, 1970, p. 418.

Assim sendo, percebemos que a obra de Pontes apresenta cunho ideológico e político evidente, mostra de maneira implícita a que grupo pertencia e quais eram os seus interesses, excluindo de seus registros qualquer fato que fosse contrário ao objetivo do mesmo.

Em relação à imprensa, o autor analisa a formação da mesma em Uberaba. De acordo com Pontes, alguns jornais tiveram somente uma edição, eles eram editados para comemorar um determinado acontecimento e não foram além, pois não tiveram uma aceitação do público, visto que a população não estava habituada com a leitura. Mas, para o autor, foi graças ao jornal que a população mudou seus hábitos em relação à leitura e naquele momento as leituras nos jornais eram tão necessários para a vida da população quanto o próprio alimento.

A importância dada ao jornal como sendo necessário como o próprio alimento mostra que para autor o jornal era símbolo de uma sociedade culta. Este abordava todos os ramos de atividades na cidade noticiando os principais acontecimentos como: comemorações religiosas, propagandas de casas comerciais, o desenvolvimento do zebu:

> *Trinta e cinco exemplares de zebu mineiro seguem para Pernambuco. O Brasil é o paiz da America do Sul que maior <<stock>> do gado possue. Isto prova o extraordinário desenvolvimento da industria agro pecuária entre nós, até há bem pouco tempo.*
>
> *Um dos maiores centros criadores é o Estado de Minas, onde a raça zebu se tem diffundido com rapidez extraordinária, pois o gado indiano alli se aclimata admiravelmente, desenvolvendo-se, por último é o que maior resistência offerece nas longas viagens que o esperam*[37].

À medida que a população crescia fazia se necessário o melhoramento na imprensa, foram adquiridos novos equipamentos para aumentar e aperfeiçoar as tiragens dos jornais, entretanto, os trabalhos gráficos não eram tão bons quantos os jornais das grandes cidades.

Percebemos que os jornais serviam aos interesses financeiros comerciais e principalmente políticos da cidade. A política, para o autor, foi uma

---

[37] Pela Pecuária, GAZETA DE UBERABA, 1916 p.1-2.

das causas que mais eficazmente contribuíram para o desenvolvimento da imprensa e os jornais serviam para campanha partidárias, a cada fase política fundava-se jornais que tinham como objetivo a luta partidária.

Pontes destina boa parte de seu livro para destacar as disputas políticas travadas entre os partidos. De acordo com o autor, a "primitiva" organização política de Uberaba deriva dos partidos: Liberal e Conservador criados após a independência do Brasil. Em Uberaba, a organização constituiu-se de elementos emigrados da antiga Vila do Desemboque onde só existia o partido conservador liderado pelo Cônego Hermógenes Cassimiro de Araújo Brunswick. Os liberais não formavam partido pelo respeito que tinham ao cônego e assim permaneceram por muito tempo sem travar disputas políticas.

Entretanto, com a revolução de 1842, os liberais de Uberaba, mesmo não enviando ninguém para o campo de luta, não ocultavam sua alegria e apoio a seus corregilionários e, por isso, ao fim da luta, saindo os liberas fracassados, estes foram alvos de perseguições pelos adversários conservadores. A partir deste período várias disputas foram travadas entre liberais e conservadores, estes se alternavam no poder do município.

Com a proclamação da República, novos partidos surgiram: Partido Monarquista de Uberaba, Partido da Lavoura; Partido Republicano Mineiro, estes dois últimos vieram a se fundir em 1903, porém, esta fusão durou somente um ano: separaram em 1904 formando o Partido Republicano Mineiro e o Partido Republicano Municipal cognominados de Pacholas e Araras respectivamente. O Partido Republicano Municipal para sua propaganda partidária fundou *O Município*:

> *Bi-semanário de grande formato (55X39) de quatro páginas a seis colunas, impresso em prelo Alauzet, distribuído a 10 de setembro de 1904. Órgão do Partido Republicano Municipal (Pachola) (...) Além da política, esta folha era também órgão dedicado aos interesses do município de Uberaba, leve de feição moderna, leitura agradável, com esplendia secção telegraphica. Como órgão político daquelle partido e para cuja defesa fora criado, assim se externou em seu artigo de apresentação: 'Interpretando fielmente o pensamento do partido, a*

nossa causa será a causa do povo, nosso combate será pelo respeito à lei,nossa bandeira apenas se curvara a força da justiça[38].

O Partido Republicano Mineiro, sem jornal, era defendido pela *Gazeta de Uberaba*. Os jornais também mudavam de opinião à medida que iam sendo vendidos, assim representavam os interesses do novo proprietário. Essa "mudança" de opinião ocorreu com *O Município,* que, partir de 1907, passou a ser do Partido Republicano Mineiro. Em 1909 o Partido Municipal foi extinto surgindo com um novo nome: Partido Republicano Democrata concorrendo à Câmara com o Partido Republicano Mineiro.

Neste período surgiram duas denominações para os partidos: Hermista, para o Partido Republicano Mineiro e Civilista para o partido Democrata. A *Gazeta de Uberaba* que era simpática aos civilistas inverteu os pólos, após ser vendida ao Coronel Américo Brasileiro passou a defender os interesses dos hermistas. O Partido Civilista fundou, então, *o Civilista.*

Em 1913 o Partido Republicano Democrata tomou posse na Câmara Municipal, sendo, Felipe Aché presidente e Pontes vice-presidente. Provavelmente a riqueza de detalhes na obra de Pontes se dá pelo fato do autor, além de fazer parte da sociedade, está inserido em vários acontecimentos que foram por ele registrados.

No período em que Pontes dispõe do cargo de vice-presidente da Câmara e logo após a presidência - devido a ida de Felipe Aché para São Paulo e que será discutido no próximo capítulo - o autor aborda as questões do município que ele presenciou em terceira pessoa, ou seja, parece tentar fazer do vice-presidente da Câmara e o autor do livro pessoas distintas. Como podemos ver na seguinte passagem:

A nova câmara empossou-se no dia 1º de junho seguinte, constituindo-se a respectiva mesa dos senhores: dr. Felipe Aché, presidente, dr

[38] PONTES, Hildebrando Pontes. *A imprensa de Uberaba por Hildebrando Pontes*. Jornal Correio Católico de Uberaba de 21 de marco de 1931, Uberaba, S/d p.43.

Hildebrando de Araújo Pontes, vice-presidente e dr. Silvério José Bernardes, secretário.[39]

O autor também fala sobre a arquitetura da cidade dividida em dois períodos, o primeiro devido a fundação da estrada de ferro, em 1889, e o segundo até os dias, ou seja, década de 30, período que o autor escreve a obra. Pontes, afirma, que desde seu inicio, a cidade de Uberaba possuía boas casas Nos relatos dele não se vê nenhuma área pobre da cidade. O que se encontra é a beleza das casas e dos jardins organizados, que possuíam estátuas de madeira. Os seus escritos parecem camuflar a pobreza, mas pressupõe que ela exista, haja vista que nos períodos de 1908-1915 (período em que o autor é presidente da Câmara) foi decretado que as construções no perímetro urbano deveriam ter pelo menos 4 ½ metros de pé direito.

> *A administração municipal nos mandatos de 1908-1912 e 1912-1915, com o intuito de mudar o aspecto primitivo das construções da cidade, criou e pôs em execução a lei nº 227, de 8 de abril de 1908, determinando que os prédios a se construírem na área urbana deviam ter pelo menos, 4 e meio metros de altura de pé-direito; proibia a construção de meiáguas no patrimônio da cidade; estabeleceu que as construções e reconstruções fossem reformadas cada sessenta dias. Todo prédio dentro da área urbana, com aquela altura, podia ser reformado, exigindo-se o emprego da calha quando as goteiras fossem para rua. Para toda construção ou reconstrução exigia-se uma planta em duplicata. Daí resultou que, na área da cidade, havia um numero muito grande de prédios condenados, nos quais os respectivos donos não podiam tocar para o menor conserto. E foi daí que a cidade se povoou de um grande número de construções modernas que vieram, assim, modificar em boa parte o feio aspecto que até então tinha, cheirando a coisa velha.* [40]

Primitivo para Pontes significava as casas que eram construídas no antigo sistema português, as casas não tinham ornamentos, mesmo porque os esteios eram de madeira e não sustentavam qualquer decoração, por isso a cidade não conhecia alpendre. As casas se constituíam de porão alto ou de sobrado e tinham uma entrada lateral. Os tetos dos edifícios eram anteriormente, feitos de esteira de bambu ou taboca, porém no período em que foi escrita a obra estes tetos tinham sido substituídos por madeira e

---

[39] PONTES, 1970. p.155. (Grifos nossos)
[40] Ibidem, p. 256. (Grifos nossos).

estuque[41],introduzido pelo alemão Frederic Schamaltz, sendo utilizado em vários prédios como o salão nobre da Prefeitura e o salão nobre da Casa do Rosário.

O cemitério também caracterizado pelo autor de primitivo devido suas dimensões muito pequenas, feitos de taipas e contendo cerca de 30 túmulos foi interditado e em 17 de maio de 1900 foi inaugurado o "Grande Cemitério Municipal do Brejinho", onde cada sepultura tinha seu número em placa esmaltada. Havia cerca de 300 túmulos de mármores e o carro fúnebre que antes sustentado por cavalos foi substituído por um automóvel.

Se mudar o aspecto primitivo das construções, introduzindo nelas os avanços tecnológicos das edificações expressos em novos materiais e novas normas, era uma ação possível para a elite local que tinha nas suas moradas um elemento de visibilidade de seu poder, proibir a construção de meiáguas no patrimônio da cidade tinha outros sentidos: afastar do centro urbano a população pobre que não teria condição de atender as novas exigências da modernidade.

A partir dos trabalhos do autor podemos verificar que a narrativa dele é carregada de significados, que devemos interpreta-los. A interpretação destas obras permite uma discussão sobre o conhecimento produzido sobre o passado, e qual memória se quer registrar para gerações futuras. Para Freitas, outro aspecto relevante na obra de memorialistas, assim como em Pontes, é que do conhecimento produzido não é neutro, ele se insere na sociedade como uma articulação política e ideológica[42].

---

[41] Revestimentos ou ornamentos feitos com gesso.

[42] Ver essa discussão sobre história e memória e a produção dos memorialistas em:
FERNANDES, Marilena Julimar. Percursos de Memórias: A trajetória política de Pedro Ludovico Teixeira. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. 2003.
FREITAS, Eliane Martins. *Memória de Uma "Odisséia" Tito Livio (Teixeira) e a construção da memória histórica sobre a "Revolução de Trinta" em Uberlândia-MG*. Dissertação mestrado. Campinas Universidade Estadual de Campinas. 1999.

Os trabalhos de memorialistas, muitas vezes são criticados por estes estarem inseridos, no segmento de intelectuais da cidade e bem próximos do poder. Segundo Freitas, no estudo que faz sobre Tito Teixeira e a construção da memória sobre a "Revolução de Trinta em Uberlândia – MG". Os memorialistas parecem comungar da idéia de que há fatos históricos em si e basta extraí-los dos documentos e ligá-los a outros fatos. Para a autora, estas características fazem com que muitos historiadores classifiquem as obras de memorialistas como positivistas.

Outro fator importante em relação às obras dos memorialistas é a contribuição para a história oficial da cidade, haja vista que são as únicas a resgatar a história local de forma linear e cronológica, apresentando aquilo que a memória oficial elege como história. Segundo Freitas, essas obras são amplamente utilizadas como fonte de pesquisa pelos jornais nos períodos de comemoração do aniversário da cidade e pelas escolas de 1º e 2º graus.

Tanto Freitas como Fernandes[43], que trabalha com memória de Pedro Ludovico Teixeira, os memorialistas fazem parte do segmento de intelectuais da cidade (médicos, advogados, jornalistas, professores, entre outros) estando muito próximos do poder. Este aspecto faz com que suas obras sejam influenciadas posto que, contam com o apoio institucional.

De acordo com Freitas existe um preconceito em relação aos memorialistas, devido ao fato de que as produções realizadas por eles (como vimos em Pontes) são na sua maioria glorificações a grandes personagens políticos, ou a acontecimentos econômicos que segundo esses autores marcam a vida da cidade desde a sua fundação, buscando se uma verdade absoluta em relação a esses acontecimentos.

---

[43] FERNANDES, Marilena Julimar. *Percursos de Memórias: A trajetória política de Pedro Ludovico Teixeira.* Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. 2003.

A partir dessa análise verificamos que Pontes não tem como objetivo fazer uma análise crítica dos acontecimentos históricos da cidade, ao contrário, ele tenta, com um discurso progressista, homogeneizar os interesses da cidade privilegiando um grupo da sociedade. Entretanto mesmo a obra de Pontes como de outros memorialistas sendo criticadas por pesquisadores, visto que as mesmas anulam determinados acontecimentos da cidade, elas continuam a contribuir para a formação de uma história oficial da cidade.

CAPÍTULO II

Histórias, Fatos e Personagens: os sentidos do passado.

Os escritos de Hildebrando Pontes sobre a cidade de Uberaba continuam a influenciar a historia do município, fazendo com que estes componham a historia oficial da cidade. Pontes, ao escrever utilizou como referência os estudos de Borges Sampaio[44] que, por sua vez, se referenciou no o primeiro estudo do município intitulado *A história Topográfica do Município de Uberaba*, de autoria de Vigário Silva[45].

Neste sentido, para entendermos a história do município, principalmente, a história de Pontes que é (re) contada atualmente, faz-se necessário entendermos os significados dos estudos de Borges Sampaio bem como de outros memorialistas e as relações destes com a obra de Hildebrando Pontes.

---

[44] Borges Sampaio, assim como outros posteriormente citados, são personagens, selecionados por Pontes, importantes na trajetória do município. Hoje esses nomes estão em praças, ruas, escolas e avenidas em Uberaba. A prefeitura lançou um projeto denominado Primavera na Praça com o intuito de mostrar o motivo da denominação, não só de praças, mas de ruas e avenidas. Quanto ao projeto é uma iniciativa do Arquivo Público e outras secretárias para desenvolver os senso de pertencimento e valorização dos espaços locais, como a preservação do meio ambiente e a memória.
Por isso, buscando entender a importância hoje atribuída a esses personagens, toda a citação referente aos mesmos é de Pontes. Começando com Sampaio:

O jovem Sampaio desenvolveu extraordinária actividade neste sertão, chegando a ser tudo em Uberaba, isto é, pharmaceutico, curador geral dos órgãos, advogado, jurisconsulto, literato, jornalista, escriptor, historiographo etc. Foi promotor de justiça, vereador à Câmara Municipal e presidente desta Corporação. Escreveu longamente sobre a climatologia de Uberaba. Fez parte de numerosas associações de letras, sociais e de classes (...) nomeado tenente-coronel chefe do Estado maior do Comando Superior da Guarda Nacional de Uberaba e Prata, em 1865 (...) a consturccao da igreja matriz, hoje cathedral, teve de sua parte muitos auxílios, citando-se dentre elles o assentamento do regulador publico numa das torres da mesma, em 1874. (Prefácio do livro: SAMPAIO, Borges. *Uberaba: História, Fatos e Homens.* 1ª Ed. Uberaba. 1971. p. 17)

[45] Sobre Vigário Silva Pontes escreveu.

Tomou posse de Vigário da nova freguesia, ereta alguns meses antes a requerimento do Sargento-mor Antonio Eustáchio da Silva e Oliveira, por Alvará de S. Majestade o Sr. Dom João VI, o Padre Antonio Jose da Silva, que em 2 de dezembro de 1815, conforme se vê dos livros de batismo da paróquia de Uberaba, aqui já se achava e serviços divinos Por Alvará Régio daquele ano, o mesmo padre tomou posse da freguesia, governando-a como Vigário encomendado, ate 1830, e daí até 9 de janeiro de 1852, como Vigário colado e daqui por diante até 4 de janeiro de 1857, com licença do respectivo pároco. (PONTES, Hildebrando: *De Ermida a Catedral (Egreja Matriz de Uberaba)* Uberaba, 1939, p 5).

De acordo com o historiador Pedro Coutinho[46], três momentos da história de Uberaba são de muita importância para os pesquisadores do município: 1840,1860 e 1907[47]. Períodos esses marcados pela discussão sobre a quem pertencia as terras do município, à Igreja ou à Câmara? Nestes períodos foram produzidos vários documentos com o intuito de provar a posse da terra. Por isso, consideramos importante analisar como se deu a produção desses documentos.

Na obra de todos os memorialista[48] a primeira Uberaba formou-se em 1812, sendo José Francisco Azevedo[49] o fundador. De acordo com Borges Sampaio esse pequeno núcleo era composto por imigrantes vindos do Desemboque, não excedendo a uma dezena de cabanas construídas e uma capelinha onde colocaram Santo Antonio de São Sebastião.

Entretanto, quando o sargento-mor Antônio Eustáquio da Silva e Oliveira[50] visitou o povoado decidiu avançar para oeste, em terras aldeanas, onde achava que seria melhor para o desenvolvimento do povoado. Era o córrego da Laje, na margem esquerda do rio Uberaba, rico em água e matas.

---

[46] Pedro Coutinho. Professor, teólogo, pedagogo, historiador da equipe técnica do Conselho do Patrimônio Histórico e Artístico de Uberaba – CONPHAU.Entrevista gravada em outubro 2007.

[47] Esses marcos cronológicos selecionados pelo Professor Pedro Coutinho também apacem nas obras de Hildebrando Pontes, José Mendonça e Borges Sampaio e serão explicados no decorrer do capítulo assim como suas respectivas obras.

[48] Memorialistas que abordam a história de Uberaba e que foram utilizados para compor este capitulo:

FERREIRA, Orlando. *Terra Madrasta.* Uberaba; O Tri6angulo,1928.

MENDONÇA, José. *História de Uberaba.* Academia de Letras do Triangulo Mineiro. 1ªed. Uberaba. 1974

PONTES, Hildebrando Araújo. *História de Uberaba e a Civilização no Brasil Central.* 1ª ed. Academia de letras do Triangulo Mineiro. 1970.

_____. *De Ermida a Catedral (Egreja Matriz de Uberaba).* Uberaba, 1939.

_____. Vida Casos e Perfis. Uberaba: Arquivo Público de Uberaba, 1992.

SAMPAIO, Borges. Uberaba: História, Fatos e Homens. Academia de Letras do Triângulo Mineiro. Uberaba. 1971.

[49] Para Pontes Jose Francisco Azevedo foi:

Um dos fundadores do já então extinto arraial da Capelinha do Lajeado ou da Farinha Podre (...) José Francisco Azevedo, homem 'ambicioso e injusto', deixou fama como demandista; era medidor de terras, cujos trabalhos não primavam pela exatidão. (PONTES, 1970, p. 565.).

[50] Sobre Major Eustáquio o autor relata:

Foi um espírito forte que sabia com segurança imprimir nos seus atos cunho severo. No cumprimento dos deveres nunca logrou o desanimo vence-lo (...) Amparado pelo bafejo oficial e de amigos dedicados, viu aos poucos se erguer a sua grande obra que é esta muito leal e nobre cidade de Uberaba e o desbravamento da zona que lhe fica adjacente, em longo raio, no sentido de leste-oeste.(PONTES, Hildebrando Araújo, 1879-1940: _____*Vida, Casos e Perfis.* Uberaba. APU. 1992. p. 79).

Neste córrego, o sargento edificou uma casa de morada e uma para retiro de suas criações.

O sargento-mor Antônio Eustáquio foi nomeado curador dos índios e a população que estava no povoado da capelinha migrou para onde é Uberaba atual, temendo, principalmente, o ataque dos índios. Mas, para o historiador Pedro Coutinho, Antônio Eustáquio instigou esse ataque para que as pessoas temessem aos índios, deslocando-se para o novo povoado, pois neste estava precisando de mão de obra para edificar as casas dos novos moradores.[51]

As terras aldeanas constituíam uma faixa de légua e meia para cada um dos lados da estrada de São Paulo a Goiás, em todo trecho compreendido entre os rios Grande e Paranaíba. Esta estrada foi aberta por Bartolomeu Bueno da Silva Filho – o Anhangüera – que procurava o caminho mais curto entre São Paulo e Goiás. Em 1818, o sargento-mor Eustáquio fez o desvio da estrada, passando esta por dentro da cidade. Neste local, ele junto com cônego Hermógenes, edificou a primeira capelinha de Uberaba e o movimento do comércio, então, passou a ser feito através da cidade, sendo este responsável pelo desenvolvimento da mesma.



Figura 1: Triângulo Mineiro - Estrada do Anhanguera.
Fonte: LOPES, Maria Antonieta Borges. Uberaba. Uma cidade entre sete colinas: historia e geografia.1996. p106

[51] Pedro Coutinho, entrevista gravada em outubro 2007.

O arraial da capelinha, também chamada de Uberaba primitiva não prosperou tendo o seu fundador, José Francisco Azevedo, também mudado para o novo povoado. Este novo povoado tornou-se freguesia de Santo Antônio de Uberaba pelo Decreto real de 2 de março de 1820 e vila pela Lei Mineira de nº 28, de 22 de fevereiro de 1836.

Até 1836, o arraial de Santo Antonio ainda não tinha patrimônio próprio e se desenvolvera inteiramente dentro das terras aldeanas. Os habitantes desse povoado começaram, então, a vender entre eles os terrenos apossados. Por isso, quando se instalou a primeira Câmara na vila, em 7 de janeiro de 1837, a mesma solicitou o tombamento do terreno.

Neste mesmo ano, José Francisco Azevedo apareceu com um documento datado de 28 de dezembro de 1812, pelo qual Tristão de Castro[52] e sua esposa Frutuosa Rodrigues Pires declaravam doar para a Igreja, da qual Azevedo se dizia zelador, as terras da vila. Para Pedro Coutinho[53], Azevedo encontrou uma forma de ganhar dinheiro e não o fez antes pois temia ao Major Eustáquio. Só apareceu em 1837 com esse documento, pois o Major Eustáquio já havia falecido, assim como os supostos doadores das terras.

Para José Mendonça[54], José Francisco Azevedo começou a deturpar os fatos dizendo que as terras aldeanas só tinham uma légua de largura, ou seja, só meia légua da Estrada de Goiás, sendo assim, ele requeria a avaliação e arrematação das terras doadas por Tristão de Castro e sua mulher para Igreja.

Após muita discussão, o Juiz de Direito da Comarca, que tinha cede em Paracatu, anulou, por despacho em 11 de junho de 1838, as pretensões de Azevedo. Cumprindo o dispositivo da Resolução Provincial nº 206, a Câmara Municipal mediu e demarcou o seu patrimônio.

---

[52] De acordo com Pontes: "*Tristão de Castro Guimarães, homem rude, analfabeto, afeito ao trabalho rural. Foi apenas o modesto proprietário, naquelas imediações, de uma pequena fazenda (retiro) onde cultivava cereais, cana de açúcar e criava gado. Carecia de outro motivo para merecer a gratidão de Uberaba se não fosse um suposto ato generoso de seu coração. Nem mesmo tinha ele fortuna na sociedade em que vivem*". (PONTES,1970, p.562)

[53] Pedro Coutinho. Entrevista gravada em outubro de 2007.

[54] MENDONCA, José. *História de Uberaba.* Academia de Letras do Triângulo Mineiro: Uberaba, 1971.

Entretanto em 1845 houve uma retomada na discussão, provocada, desta vez, por uma confusão patrimonial em que Francisco Mateus de Souza e sua esposa contestavam a medição de um terreno herdado pelo casal. Este terreno, acreditava a antiga proprietária pertencer ao patrimônio da Câmara Municipal, por isso ao descrever os limites do imóvel para os novos proprietários não incluiu os terrenos que acreditava ser da Câmara. Ao herdar o terreno, Francisco Mateus de Souza entendeu que a antiga proprietária havia vendido as terras em questão.

Novamente o suposto documento de doação feito por Tristão de Castro, em 1812, que não falava de terras à margem do lajeado, foi utilizado. Os requerentes não contestavam todas as terras, mas somente a terra que herdaram. Neste período, Borges Sampaio, rábula, a favor das pretensões da Igreja, fez, em seus escritos, diversas considerações sobre o patrimônio da mesma, concluindo a partir do documento de Tristão de Castro que as terras doadas eram da Igreja e não da Câmara Municipal.

Segundo Pontes, o pleito durou até 1862, sendo julgado contra os autores, posto que a Câmara já havia demonstrado, por uma vistoria em 1856, que os terrenos em questão não eram da doação de Tristão de Castro, mas do município. De acordo com o autor, essa confusão de patrimônios só serviu para separar os uberabenses em dois partidos: um da Igreja e outro da Câmara.[55] Para José Mendonça, *essa questão deu lugar a mais importante das demandas até hoje transitadas pelos foros do Brasil Central.*[56]

Mas a disputa ainda não tivera fim. Em 1899, o vigário geral do bispado, Monsenhor Inácio Xavier da Silva, que também era o vigário da paróquia, retoma novamente a questão das Terras de Tristão de Castro, certo que se conseguisse comprovar a doação teria recursos - pois os contratos de renda e aforamentos não seriam mais pagos à Câmara, mas à Igreja – para a construção de um grande templo, por isso a discussão é retomada.

---

[55] PONTES, 1970, p.569.
[56] MENDONÇA, 1974, p.25.

Em fevereiro de 1902 Borges Sampaio publica um trabalho com o titulo: *Noticia Histórica Sobre a Igreja Matriz de Uberaba*[57], com o intuito de esclarecer a questão em torno das terras de Tristão de Castro. Segundo Sampaio o inicio do povoamento se deu de acordo com o crescimento da Igreja. O primeiro povoado, de José Azevedo - é o que nós vemos até hoje nas reproduções sobre a origem do município - era um pequeno núcleo composto de pessoas vindas do Desemboque, que construíram cabanas de cipós e folhas da palmeira baguaçu, e deste mesmo material e modo de construção simples foi erguida a Capela de Santo Antonio e São Sebastião de Uberaba.

Borges Sampaio não conheceu o arraial da Capelinha, mas presenciou o inicio da nova Uberaba, estava bem próximo dos fundadores e tudo que ele escreveu foi baseado no que ele presenciou ou a partir do que contaram a ele. De acordo com Sampaio, três foram às igrejas construídas naquele inicio para o culto religioso, a primeira no arraial da Capelinha, que ele não conheceu, a segunda inaugurada em 1818 no povoado atual, demolida posteriormente para ceder lugar ao cemitério, muito importante, pois foi neste período a capela foi elevada à condição de paróquia, em 2 de março de 1820- neste dia se comemora o aniversário da cidade-e a terceira, que começou a exercer cultos a partir de 1853.

A elevação da capela à condição de paróquia é importante para compreender a data do aniversário da cidade, haja vista que em 1995[58] a data do aniversário do município foi modificada de 02 de maio (data de elevação à cidade) para 02 de março, data em que a cidade passou a ter um Vigário fixo para exercer as atividades oficiais.

---

[57] Este trabalho foi publicado no livro de Sampaio: SAMPAIO, 1971, p. 85-120.

[58] EMENDA CONSTITUCIONAL N.013

Fixa a data de Comemoração do "Dia de Uberaba"

O povo do Município de Uberaba, Estado de Minas Gerais, por seus representantes, aprova e a Câmara Municipal promulga a seguinte Emenda à Lei Orgânica do Município:

Art.1º - O Art. 194, da Lei Orgânica do Município de Uberaba passa a seguinte redação:

"Art. 194 – Comemora-se, anualmente, em data de dois (2) de março, o" Dia de Uberaba ".

Art. 2º - Esta Emenda Constitucional entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrario.

Câmara Municipal de Uberaba, 07 de fevereiro de 1995.

Heli Geraldo de Andrade (Presidente); Dr. Paulo Silva (Vice-Presidente); Jesus Manzano (1º Secretário); Paulo César Soares (2º Secretário).

Verificamos em um dos boletins informativos do arquivo público de Uberaba[59] que essa mudança foi para atender interesses políticos e econômicos, pois a comemoração estava entre o dia do trabalhador e o inicio da exposição de gado zebu, inviabilizando o comércio e impedindo as comemorações oficiais.

> *O "feriadão" estabelecido pouco estimula a comemoração do dia de Uberaba nas escolas. A mudança se faz necessária mais por uma questão político-administrativa que histórica. Trata-se de definir uma data de comemoração oficial que concilie as necessidades de hoje: a formação da cidadania nas escolas e comunidade, aliada aos interesses da economia local.*[60]

Percebemos, assim, como a história pode ser (re) apropriada, haja vista que a partir de um determinado documento se muda o aniversário da cidade de acordo com os interesse que vigoram na época, ou seja, os interesses da economia local. Lembramos também que 13 de fevereiro foi uma data cogitada por pesquisadores para ser o dia do aniversário da cidade. Dizia Sampaio que nesta data a capela foi elevada a Distrito pelo ato de 13 de fevereiro de 1811.

Esta descrição aparece no ensaio de Borges Sampaio *Igreja Matriz de Uberaba* contida no livro *Uberaba: História, Fatos e Homens*. O autor não explica que ato é esse. Entretanto no livro de Pontes, *A história de Uberaba e a Civilização do Brasil Centra,* encontramos a seguinte descrição:

> *Uberaba foi, primitivamente, criada distrito de índios por uma ordem da Mesa de Consciência e Ordens aos 13 de fevereiro de 1811: o seu território, destacado de Julgado do Desemboque compreendia todas as terras à margem esquerda dos rios Paranaíba, das Velhas e Claro até as nascente; destas à Ribeirão de Ponte Alta; por este ao rio Grande e por este ao rio Paranaíba.*[61]

As informações contidas tanto nos trabalhos de Pontes como de Sampaio divergem-se em relação a esta data, por esse motivo a mesma não

---

[59] Boletim Informativo do Arquivo Público de Uberaba, nº6 março de 1995.
[60] FONTOURA, Op. Cit. p.02.
[61] PONTES, 1970, p. 84.

foi indicada para as comemorações oficiais da cidade[62]. Mas segundo Borges Sampaio, esta data é importante para a história do município, pois foi neste período que Tristão de Castro teria doado uma légua e meia de terras para a Igreja, mas ninguém se interessou pelo assunto.

> *É para lastimar-se que os encarregados representantes dos interesses de Ermida-Capela, como os das matrizes entrassem no gozo dele; por isso que, nem os Capelães, nem os Vigários colados, nem os paroquianos interinos, encomendados ou os provisórios, nem os fabriqueiros ou procuradores, se interessavam eficazmente desse importante assunto.*[63]

Em outubro de 1907 o Monsenhor Inácio Xavier da Silva entra com ação de reivindicação contra a Câmara Municipal. A ação foi julgada em 6 de março de 1911 pelo juiz municipal José Júlio de Freitas Coutinho, saindo a Igreja vitoriosa, condenando a Câmara a restituir os terrenos pedidos. Entretanto a Câmara apelou para o Tribunal da Relação de Minas, na qual o tribunal julgou improcedente a ação, saindo, em 1914, a Câmara vitoriosa.

Esse processo findou a discussão em torno à quem pertencia as terras do município. Com o término da discussão restaram os registros de ambas as partes. Esses são importantes, pois foram o ponto de partida para várias pesquisas em relação ao município e servindo, também, de base para os escritos de Pontes.

Em uma de suas pesquisas, Pontes discute as diversas contradições no estudo realizado por Borges Sampaio. De acordo com Pontes, as terras do povoado eram terras aldeanas doadas pelo coronel Antonio Pires de Campos, em 1748, aos índios "mansos" - bororós, xacriabás, javaés - com o intuito de servirem de guarda contras os caiapós. Com o povoamento da região por colonos, os índios foram se misturando com esses, ocasionando a extinção de algumas aldeias.

De acordo com o autor, os privilégios concedidos ao arraial, foram em virtude da solicitação do antigo arraial da Capelinha, que chegou muito tempo depois sendo aplicado indevidamente ao arraial da nova Uberaba para onde a

---

[62] Sobre este assunto ver: FONTOURA, Sonia Maria: Tradição e contradição na historiografia de Uberaba. Arquivo Publico de Uberaba, Edição especial: Origens de Uberaba. Nº 6, março de 1995.
[63] SAMPAIO, 1971, p. 91.

população havia mudado com seus oragos: São Sebastião e Santo Antonio. Devido a essa circunstância teve, os dois arraiais, o mesmo padroeiro. Sobre Tristão de Castro Pontes afirma:

> *Os nomes Tristão de Castro e sua mulher D. Frutuosa Rodrigues Pires, como doadores do patrimônio da Igreja Matriz de Uberaba, em 1812, quando aqui apenas havia apenas uma aldeia de índios, e a povoação de civilizados só se fundara em 1817, não podem figurar, por absurdo. Esses nomes entram na questão como Pilatos no credo.*[64]

Observamos então que estes três momentos marcados pela discussão em torno a quem pertenciam as terras do município foram importantes para a história da cidade, haja vista que se produziram muitos documentos e estes são uma forma *de armazenamento de informações que permite a comunicação através do tempo, fornecendo ao homem um processo de marcação, memorização de registro.*[65] Cabe indagarmos os significados desses registros e analisar o porque da sua repetição ao longo dos tempos.

Os estudos de Pontes, contrapondo aos escritos de Sampaio, serviram de base para o esclarecimento sobre as terras de Tristão de Castro. De acordo com o historiador Edelwiss Teixeira[66] a doação das terras em 28-12-1812 só poderia ter sido feita para o arraial da Capelinha haja vista que Uberaba atual só foi oficializada em 1º de dezembro de 1818. De acordo com o autor:

> *Para felicidade dos pesquisadores da História Uberabense o documento dessa doação esta inserido na coletânea de trabalhos escritos pelo benemérito Borges Sampaio (...) Ali encontramos os limites dessa segunda doação, onde se lê: '... e pela parte do leste contesta com a sesmaria já medida de José Francisco de Azevedo'. Não há dúvida de que o sitio do Lajeado de José Francisco Azevedo, junto ao qual estavam as terras então doadas por Tristão de Castro, fica a 15km da atual matriz da Praça Rui Barbosa, portanto, mais distante da Capelinha.*[67]

---

[64] PONTES, 1970, p. 570.
[65] LE GOFF, Jacques. Memória. in: Enciclopédia Einaudi, vol. I - Memória - História. Tradução: Bernardo Leitão, Irene Ferreira e outros. Porto: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984. p. 17
[66] TEIXEIRA, Edelweiss. Uberaba em seus Primórdios. Arquivo Público de Uberaba, 1986.
[67] Ibidem, p.08.

Pontes esclarece em seu livro que o documento utilizado por Borges Sampaio para defender a Igreja era um papel particular apresentado por José Azevedo, sem dizer de onde o tirara, com a data de doação das terras por Tristão de Castro e sua esposa, já falecidos, não tendo assinatura. Mas mesmo sendo o documento de origem duvidosa, Borges Sampaio utilizou-o como prova em defesa da Igreja.

Borges Sampaio defendia os interesses da Igreja com a qual tinha um vínculo muito próximo, posto que era casado com uma das filhas do cônego Hermógenes, um dos fundadores do município. Sendo assim, teve muita relação com os fundadores da cidade e os interesses desses eram seus também. Ele veio para Uberaba com o intuito de montar uma loja de representação de sal, mas o Barão da Ponte Alta, que se chamava Antonio Eloi Casimiro de Araújo[68] já era comerciante de sal na região e para não ter um concorrente, propôs sociedade a Borges Sampaio, que aceitou e casou-se com a irmã dele. Segundo Coutinho[69], Sampaio com o intuito de entrar para o Instituto Histórico Geográfico de Minas Gerais, escreveu alguma coisa sobre o município e sua origem. Produção feita a partir dos estudos realizados para defender a matriz.

Borges Sampaio também era sócio-correspondente do Arquivo Público Nacional; do Arquivo Publico Mineiro e de São Paulo para onde enviava cópias da documentação existente em Uberaba, além de artigos que o mesmo escrevia sobre a cidade, abordando os assuntos que achava importante. Segundo Fontoura[70], tudo o que Sampaio escreveu foi baseado nos documentos que ele teve acesso e depoimentos de seu sogro, cônego Hermógenes, que conheceu o major Eustáquio. Para a autora, as afirmações de Sampaio *sobre datas, documentos e aspectos da sociedade de Uberaba*

---

[68] Palavras de Pontes: *"Coronel Antonio Eloy Cassimiro de Araújo, Commedador e Barão De Ponte Alta, de que o seu biographo tenente-coronel Borges Sampaio, disse que: -'Em Uberaba do Triângulo Mineiro jamais outro cidadão obteve posição social tão elevada.'A história de sua vida está intimamente ligada á da cidade de Uberaba e quase todo o Triangulo Mineiro (...). Foi commerciante também. O seu nome de cidadão honrado e bom cresceu tanto na confiança do povo, como na do governo. Em Uberaba foi tudo: occupou todos os cargos públicos".* (PONTES, Hildebrando Araújo. *Nobiliarchia do Triângulo Mineiro: subsídio para a história dos grandes na mesopotâmia triangulina. Uberaba s/d. p.11).*

[69] Pedro Coutinho. Em entrevista gravada em outubro de 2007.

[70] FONTOURA, 1995, p.11.

são confiáveis, pois ele relatou os fatos que pesquisou e ouviu daqueles que povoaram esta região.[71]

Pontes teve acesso a alguns registros de Sampaio e assim pode aprofundar sobre a história do município. A partir desses escritos, Pontes escreve a história do município, fazendo uma pesquisa sobre o que ocorreu no interior do Brasil, como se deu o povoamento da região. Segundo Coutinho[72], *Hildebrando Pontes escreveu querendo ser um historiador, ele quis fazer um estudo da história de Uberaba, e para isso utilizou como embasamento os trabalhos de Borges Sampaio.* Não sendo uma reprodução do que Sampaio escreveu, mas um trabalho historiográfico capaz de contradizer o que o primeiro havia escrito sobre as terras que, para ele, não eram da Igreja.

O estudo de Pontes sobre o município foi publicado trinta anos depois, quando foi criada a Academia de Letras do Triangulo Mineiro que, de acordo com Coutinho, conseguiu uma verba, junto à prefeitura, para publicação de trabalhos feitos por historiadores locais. Nesta época também foi publicado o Livro de Borges Sampaio: *Uberaba, história, fatos e homens.* Obra esta que reúne artigos de jornais e trabalhos para o Instituto Histórico Geográfico de Minas Gerais. Tendo a Academia acesso a esses documentos, os organizou de forma sistemática e cronológica resultando no livro.

Acreditamos que o intuito da Academia de Letras do Triangulo Mineiro em publicar esses trabalhos era resgatar essa memória para ser ter uma história do município. Uma história da cidade promissora, que com o apoio institucional, relata o que é importante contar sobre a mesma. Nesta perspectiva, os trabalhos de Pontes e Sampaio, e também José Mendonça[73], que, segundo Coutinho, não acrescentou nada à história de Uberaba, pois foi uma reprodução do que Sampaio e Pontes haviam escrito, são os referidos quando a história de Uberaba se apresenta como tema, seja em algumas escolas, seja nas comemorações oficiais.

---

[71] Ibidem, loc. cit.
[72] Pedro Coutinho. Em entrevista gravada em outubro de 2007.
[73] José Mendonça também não havia escrito um livro, ele escreveu artigos em jornais que também foram copiados e sistematizados em um livro*: História de Uberaba*. 1974.

A Academia elegeu esses três autores como sendo os principais responsáveis pela historia de Uberaba. Estes, apesar de algumas discordâncias em relação a alguns fatos da história, concordavam em seus escritos com uma coisa, a forma com que Uberaba deveria ser lembrada prevalecendo o mesmo discurso, enfatizando o progresso, este não só é lembrando como reproduzido ao longo dos anos.

> *Uberaba, sobretudo, pelas suas casa de ensino e de cultura, tornou-se, ainda no século passado, verdadeiro luzeiro a iluminar o grande Sertão das descobertas do Novo Sul, depois, Sertão da Farinha Podre, e, finalmente, Sertão do Triângulo Mineiro.*[74]

Entretanto a história oficial com o intuito de resgatar a memória da cidade anulou as obras de um outro autor: Orlando Ferreira[75]. Suas obras são importantes para entender a história do município, principalmente nas décadas de 20 e 30. Ele foi funcionário dos Correios e Telégrafos além de jornalista e escritor. Doca, seu apelido, foi um crítico agressivo das oligarquias locais, da Igreja e demais ordens conservadoras da cidade. Foi autor de vários livros, dentre eles, se destaca *Terra Madastra,* onde lastima o atraso dos "infelizes uberabenses" dos anos 20, fazendo questão de pontuar as forças que, segundo ele, se opunham ao progresso da cidade: a administração; a política; a Igreja; a empresa Força e Luz e as famílias Borges, Prata e Rodrigues da Cunha.

Mesmo vivendo e escrevendo no mesmo período, a Uberaba de Ferreira não parece ser a Uberaba de Pontes. O trabalho de Pontes estava recortado pelo desejo de associar a imagem da cidade ao progresso, enfatizando qualidades do município: a arquitetura e as grandes construções, imprensa, eletricidade e a empresa Força e Luz. Em relação à empresa Força e Luz Pedro Coutinho nos diz:

> *Essa empresa é uma grande expressão da riqueza de Uberaba porque nós tivemos energia elétrica na cidade de Uberaba antes de ter*

---

[74] Relato dado pelo então prefeito da época, Arnaldo Rosa Prata, em Nota previa do Livro de Borges Sampaio: Uberaba: história, homens e fatos, março de 1971.

[75] De Orlando Ferreira Pontes escreve:

Escritor uberabense de grande erudição e um dos mais desbravadores combatentes que há pelo país em jornais e livros. (PONTES, 1970, p. 415).

> *no Rio de Janeiro. Aqui foi inaugurada a iluminação em 1905 e na capital foi em 1907. Ate a proclamação da república a primeira cidade que teve energia elétrica foi Juiz de Fora, a segunda na virada do século foi Poços de Caldas e a terceira foi Uberaba.*[76]

Para Pontes, estes eram símbolos de modernidade, enquanto para Ferreira, na mesma época, os símbolos referidos significavam o atraso do município, devido ao descaso da administração pública, que nunca visou o melhoramento da cidade, mas a permanência no poder. Por isso, a Câmara estava cercada de funcionários desonestos e o que vigorava eram os interesses particulares. Os funcionários e engenheiros municipais não fiscalizavam as construções públicas permitindo assim muitas irregularidades:

> *A indiferença, a criminosa indiferença dos nossos administradores, relativamente às construções, é outra coisa lamentável e um dos nossos mais graves defeitos. A cidade cresce, aumenta, e as moradas aparecem por toda à parte, mas a câmara só cuida no centro, de fixar o pé direito de certos e determinados prédios e sua atividade resumem-se nisso apenas e tudo o mais se faz à revelia dos poderes públicos; e devido a esta gravíssima anormalidade, surgem as 'casinhas de João de Barro' as construções extravagantes de alicerces fracos, de arquiteturas arcaica e ridícula.*[77]

A conseqüência, de acordo com o autor, da falta de fiscalização nas obras públicas foi as "casinhas de João de Barro", ou seja, muitos empreiteiros utilizaram materiais baratos em suas construções resultando em varias obras cheias de remendo e rachaduras, sendo uma vergonha para Uberaba.

Neste sentido verificamos que Pontes visando registrar uma interpretação para posteridade traz a noção de cidade promissora anulando as experiências humanas, ao contrário de Ferreira. Ao indagarmos o professor Coutinho sobre a diferença entre a história dos dois autores, o mesmo nos disse que:

> *Hildebrando estava mostrando que precisava fazer uma cidade bem feita, bem direitinha, e Doca estava fazendo uma crítica do que ele via na cidade. Ele era mais um critico da cidade do que um historiador, se bem que o que ele escreveu sobre aquele momento é história, ficou na memória*[78].

---

[76] Pedro Coutinho. Em entrevista gravada em outubro de 2007.
[77] FERREIRA, Orlando. Terra Madrasta, 1928, p.43.
[78] Pedro Coutinho. Em entrevista gravada em outubro de 2007.

Porém acreditamos que ambos autores tinham o mesmo objetivo: visavam o progresso da cidade, mas fizeram isto de ângulos diferentes, Orlando Ferreira criticava os órgãos públicos, com uma escrita bastante arrogante, usando e abusando de adjetivos que os desqualificavam deixando claro que estes eram o motivo para o atraso do progresso do município. Talvez por isso a historia que prevalece é a história contada por Pontes, esta está nos artigos de jornais; na história da cidade que aparece no Catálogo Telefônico[79], nas publicações do Arquivo Público; nas comemorações do aniversário da cidade.

> *Aos poucos o município, povoado por geralistas ousados e ricos, alem de comerciantes dinâmicos, foi crescendo e sendo identificado como "Porta de Entrada do Sertão". Tornou cabeça de comarca em 1840, criou escolas, abriu indústrias cresceu. Em 1856 tornou-se cidade, título reservado às vilas que tinham algum destaque (...) O desenvolvimento Urbano de Uberaba tem sido notável e o arraial do século XIX chega ao limiar do século XXI como grande centro regional, habitado por mais de 290.000 pessoas, que promovem o seu crescimento e o seu desenvolvimento.*[80]

O fato de esta história ser retomada nestas comemorações se dá pelo ato de comemorar ser entendido como voltar ao passado, sendo este considerado como ato fundador. Segundo Helenice Rodrigues da Silva, o poder político investe sempre nas lembranças das grandes datas, de maneira a encontrar no passado numa legitimidade histórica que permita consolidar a memória coletiva. Para a autora, comemorar tem como significado reviver de forma coletiva um determinado acontecimento como ato fundador e a socialização de valores e idéias de uma comunidade constituí o objetivo principal dessa comemoração.[81]

As comemorações nacionais oferecem exemplos pertinentes, com relação as afirmativas da autora, posto que, estas, são objetos de interesses ideológicos, políticos e éticos. A autora utiliza dois exemplos para legitimar seu pensamento: a comemoração dos '500 anos do Brasil' (as situações constrangedoras como o massacre de índios e a escravidão de negros foram

---

[79] A história que consta no Catálogo Telefônico da cidade foi resultado do trabalho do historiador Pedro Coutinho.
[80] COUTINHO, Pedro dos Reis. História. Catálogo Telefônico de Uberaba, 2006.
[81] SILVA, Helenice Rodrigues. "Rememoração" /comemoração: as utilizações sociais da memória. In: Revista Brasileira de História São Paulo, v.22, nº44, p 432.

esquecidas) e o bicentenário da Revolução Francesa onde o objetivo da data era esquecer a fase do Terror que marcou essa Revolução, prevalecendo as lembranças da vitória das liberdades na história da humanidade.

Esses exemplos mostram como a utilização social da memória é visível no fenômeno das comemorações, em toda parte do mundo. As comemorações buscam, no passado, significações diversas para uso do presente. Neste ato, além de estarem implícitos valores ideológicos e hegemônicos tenta-se também gerar uma história oficial que seja única de verdadeira. Em uma das publicações do Catálogo Histórico de Uberaba de 1989, série Documento e História notamos a seguinte perspectiva na apresentação do mesmo:

> *O arquivo público de Uberaba sente que assim está demonstrando ao público uberabense que seu trabalho de 'preservar a memória' está sendo explorados de forma útil, proporcionando elementos que venham as formar uma maior consciência cívica no povo desta terra. E que este povo conheça sua história, para que tenha motivos de se orgulhar dela!*[82]

Acreditamos ser por este orgulho que os escritos de Orlando Ferreira foram anulados pela história oficial do município, visto que, como já havia falado Coutinho, ele era um crítico da época e, para Ferreira, Uberaba não tinha motivos para se orgulhar. Ruas esburacadas, falta de saneamento básico; más construções e o descaso do poder público. A cidade estava entregue aos coronéis que não faziam nada para que esta saísse daquela inércia. *Em um século nada fizemos que demonstrasse a nossa intelligencia, o nosso esforço. Tudo estar por fazer*[83].

Segundo Ferreira, ninguém tomava solução aos problemas da sociedade e, para agravar, dizia que, no período das chuvas, o povo atolava na lama que existia nas ruas sujando toda a roupa e suas casas, e na época da seca o povo engolia poeira que existia por toda parte. Por isso, dizia ele, que existia uma quadrinha: *Em Uberaba tudo é fama, quando não é pó é lama.*[84] Como mostra a foto abaixo:

---

[82] MANZAN, Maria Aparecida Rodrigues, Produção do Arquivo Publico de Uberaba (MG), v.1 nº1 p. 3 nov.1989.
[83] FERREIRA, 1928, p.10
[84] Ibidem, p.57.



Figura 2 Rua São Sebastião, parte central de Uberaba
Fonte: FERREIRA, 1928. p.219



Figura 3: Laderia do Rosário, parte central.
Fonte: FERREIRA, 1928. p.21

De acordo com Le Goff, a fotografia foi e é uma das significativas manifestações da memória coletiva, surgida no século XIX e inicio do século XX. A partir deste período as pessoas conseguiam, através delas, guardar a memória e transmitir a recordação de determinados acontecimentos, exprimindo uma democratização da memória[85]. As imagens do passado, quando selecionadas, transmitem a evocação do que deve ser lembrado e conservado pelo grupo social que as preserva. Nesse sentido, a memória é um instrumento do poder.

[85] LE GOFF, 1984, p.39.

Acreditamos que Ferreira, para legitimar suas críticas em relação a administração utilizou várias fotografias em seu livro *Terra Madastra*. Estas mostram as ruas do centro da cidade em péssimas condições de uso, todas esburacadas contradizendo a interpretação de moderna que outros autores haviam dado a cidade. Aqui as imagens servem para legitimar as criticas aos grupos que assumiam o poder político da cidade nos anos de 1920.

Ferreira acreditava que a solução estava em Hildebrando Pontes, que após uma ausência de Felipe Aché, em 1913, assume a presidência da Câmara. Pontes iria contrair um grande empréstimo para fazer algumas obras no município, dentre as quais Ferreira destaca: o calçamento de dez quilômetros de rua, a vinda de um engenheiro para orçar o serviço de água e esgoto e compra da energia elétrica. Quando a Câmara ficou sabendo que Felipe Arché não voltaria devido as divergências no partido, o nome de Pontes foi o mais cotado para ser definitivamente o presidente da Câmara.

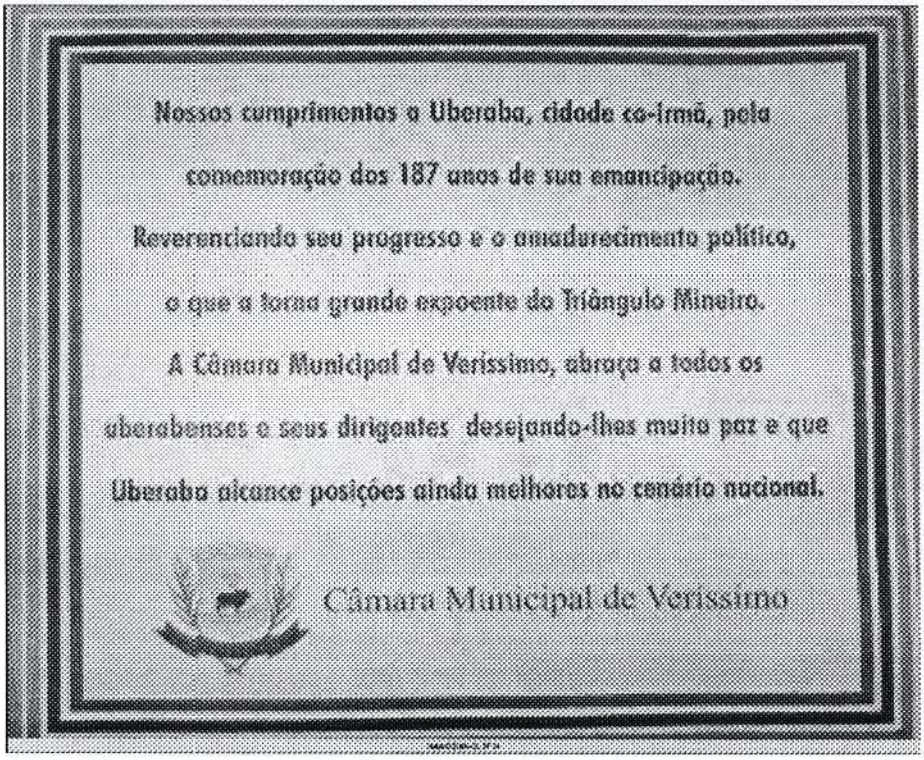
De acordo com Ferreira, a cidade apoiava a candidatura de Pontes, mas o mesmo foi "passado para trás" pelo coronel Manoel Alves Caldeira Júnior, acionista da empresa Força e Luz e José Ferreira, junto com Silvério Bernardes, ambos também acionistas da empresa. Eles se uniram, temendo o que poderia acontecer com a empresa, e a Câmara acabou elegendo Silvério Bernardes, que segundo Ferreira, não fez nada pelo município.

Neste momento, verificamos que o que prevaleceu foi o perfil de Pontes construído por Orlando Ferreira.

> *Daquelle afirma ser 'inteligente, culto honesto trabalhador (p.33) distinto, honesto, Hildebrando Pontes que compenetrado em sua alta missão (...) concebera um plano magnífico de salvação para Uberaba, plano este que até então não havia passado pelo cérebro de nenhum administrador no qual entre vários projetos, figurava o de maior preocupação, a encampação da Empresa Forca e Luz (...) Este é iludido em sua boa fé e confiança no ser humano, não continuando à frente da administração pública, na qual seu sucessor é colocado justamente para impedir a aplicação do plano administrativo, que implementado, impulsionava a cidade muito além do que ela consegue e representa nas décadas seguintes.*[86]

[86] Guido Bilharinho cita Orlando Ferreira para descrever os atos e quem era Hildebrando Pontes. Jornal de Uberaba, 08 de março de 2003 p. A02.

Verificamos que a cidade narrada por Hildebrando Pontes se confunde com seus e desejos, vontade política de melhorar a cidade. A cidade promissora de Pontes, provavelmente é aquela que almejava enquanto homem público. Pontes registrou uma Uberaba de braços abertos com a modernidade e que, para alcançar aquele patamar, percorreu "caminhos árduos", mas seus fundadores, sempre mencionados como pessoas desbravadoras, persistiram no rumo do progresso para fazer da cidade uma cidade modelo. E esta história perpetua, principalmente nas comemorações da cidade como podemos ver nas publicações mais recentes do *Jornal de Uberaba*:



Fonte: Jornal de Uberaba, 2003. Caderno 02.p2

Este material aparece nas comemorações do aniversário da cidade. Neste momento, no jornal, há várias matérias em relação cidade:



Fonte: Jornal de Uberaba, 2003. Caderno 02. p.2

Segundo Fontana[87], as nossas recordações não são os restos de uma fotografia que reproduz, na integra, a realidade. Nossas recordações são uma construção a partir de fragmentos de conhecimento que já eram, na sua origem interpretações da realidade. Essas afirmativas nos levam a perguntar quais os significados da renovação ou permanência de determinadas visões sobre a cidade ao longo dos anos, considerando que elas são feitas em outros tempos. Se a volta ao passado tem como fundamento justificar opções no presente, como entender essa ligação da história oficial aos mesmos autores e aos mesmos escritos até a entrada deste século?

Voltar ao passado significa reinterpretá-lo com os nossos pontos de vista. Neste sentido nos deparamos com um artigo de jornal, com o título: *A verdadeira História da fundação de Uberaba.* Neste, publicado em 1976, *consta:*

> *Parabéns Uberaba, minha terra, donde eu vim desde 1807 (...). Quando escrevo "minha terra Uberaba" deixo subentendido o meu ranço familiar de origem embora sem nenhuma veleidade. Ser fundador da cidade tem a sua reativa importância, mas ser descendente dele, só orgulhava ao meu pai, José Francisco Azevedo, (..). Papai, homem seco, trabalhador, pobre, sistemático, prestativo, integro por excelência, às vezes meio idiota como tantos outros, fazia questão do sobrenome Francisco Azevedo por questão de tradição (...) O saudoso Professor Dr.*

[87] FONTANA, Josep. Reflexões sobre a história, do alem do fim da história. In: *História: análise do passado e projeto social.* Bauru/Sp. EDUSC, 1998, p. 267.

> *Hildebrando Pontes, veio confirmar isso para mim como seu aluno no Colégio Santa Filomena (...) Ali, o Professor Dr. Hildebrando, nas suas famosas aulas de História, fazia questão de confirmar o que já dizia meu pai: "dizem que o fundador de Uberaba foi o Major Eustáquio, mas realmente, foi um ancestral José Francisco Azevedo, quem primeiro fincou seu ranço a margem esquerda o córrego das Lages, fez a sua posse, mas algum tempo depois, em 1811, veio o Major Eustáquio e o expulsou para as bandas do Labiado". (...) Mas os historiadores atuais ou os que gostam de história, devem, por justa razão e mesmo, para maior conhecimento de quem queira saber ou conhecer melhor do assunto, ré e ratificar a verdade, para que a posterioridade não fique embrulhada "na confusão da história de Uberaba".* [88]

O trecho exemplifica que mesmo sendo o trabalho de Pontes uma história factual, elegendo determinados segmentos sociais como desbravadores e anulando algumas manifestações humanas daquele período, verificamos que sua história é (re) apropriada para discutir diversas questões dentre as quais se destaca este trecho que contesta o verdadeiro fundador do município, não sendo o Major Eustáquio, mas Francisco Azevedo. Mesmo tendo Pontes, em seus escritos, chamado José Azevedo de trapaceiro, inventor de moda, o autor foi utilizado para contestar quem foi realmente o fundador do município. As obras, sendo assim, não possuem um sentido imutável e universal, mas, de acordo com Chartier, elas são investidas de significações plurais e móveis, construídas na negociação entre uma proposição e uma recepção que vai ao encontro das expectativas de quem delas se apoderam.[89]

Entretanto, verificamos que toda a discussão que parte dos memorialistas e que se transforma na história oficial da cidade, difundida nos jornais, nas ocasiões de comemoração do aniversário do município, não é o que as pessoas absorvem. Ao conversamos com os moradores da cidade estes nos levam a outras dimensões, eles não estão preocupados se as terras pertenceram a Igreja ou a Câmara; quem foi Tristão de Castro ou Major Eustáquio Miranda. Os moradores identificam a história da cidade com a introdução do gado Zebu e eles, quando resgatam a lembrança de uma

---

[88] *A verdadeira história da fundação de Uberaba*. Lavoura e comércio 08/05/1976.
[89] CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas.In: *Estudos Históricos,* Rio de Janeiro. vol.7, n.1. 1994 p.7 Disponível em:
< http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/140.pdf >Acesso em 05/mar./2007.

liderança, não falam dos personagens selecionados os personagens selecionados por Pontes, mas em Chico Xavier.

Segundo Silva, Francisco Cândido Xavier foi referência do espiritismo em Uberaba. Por vários anos ele exerceu a função de médium receitista e psicógrafo e, por isso, recebeu caravanas de peregrinos vindos de vários lugares. Para a autora, o médium contribuiu também para a expansão do setor econômico da cidade e para a projeção política dentro do cenário brasileiro, haja vista que, na medida em que o médium concedia entrevistas ou era motivo de reportagem na imprensa nacional, de uma certa forma o nome de Uberaba era ressaltado. *Também, em virtude da presença deste médium, Uberaba fazia fama devido ao número de turistas que recebia semanalmente, tornando-a um mercado fértil motivado por esse turismo religioso.*[90]

Em relação a Exposição Agropecuária, verificamos que ela atrai anualmente políticos -no ano de 2007 contou com presença do Presidente da República e do Governador de Minas Gerais - e empresários nacionais e internacionais, movimentando, principalmente através dos leilões, cifras milionárias. Esses dados são responsáveis pela elevação da cidade à condição de "Capital do Zebu" pela população. Sendo este titulo reforçado pela imprensa local:

> *Além das autoridades, especialistas mostram uma visão positiva do quadro econômico local, justamente pelas inaugurações e novos investimentos que devem chegar, pela diversidade setorial e pelo equilíbrio das contas públicas. O município, conhecido como capital do zebu e cidade universitária, tem atraído a atenção por diversos outros setores*[91].

> *Uberaba é a Capital do Zebu. Esse titulo, a cidade nunca vai perder. Pelo contrário vai confirmar cada vez mais. Uberaba não é um lugar de pessimismo. Em nenhuma exposição, em Uberaba, ouvi criadores se queixando por causa da crise. Não se fala em crise.*

---

[90] SILVA, Raquel Marta. *Chico Xavier: imaginário religioso e representações simbólicas no interior das Gerais - Uberaba, 1959/2001.* Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em História. Uberlândia, 2002p.166.

[91] SALVADOR. Maria das Graças. Economia cresce em Uberaba, mas é preciso investir em qualificação. Jornal de Uberaba.11/12/06. Disponível em: <http://www.jornaldeuberaba.com.br/?MENU=CadernoA&SUBMENU=Cidade&CODIGO=10723> Acesso em: 27/12/2007

Uberaba é um fenômeno. Em outras cidades os leilões não são tão bons quanto em Uberaba. Aqui é lugar de otimismo.[92]

Embora, para muitos uberabenses, as referências da cidade sejam outras, o zebu e/ou Chico Xavier, elas são trabalhadas nas memórias como sintomas de um espaço que continua sua trajetória na égide do progresso. O zebu transforma Uberaba em "capital", uma cidade conhecida pela importância da sua economia e pelos investimentos que possibilita. Chico Xavier é a liderança que coloca Uberaba no cenário político racional e impulsiona a economia com a vinda dos peregrinos. Esse deslocamento de personagens e de fatos altera as noções de história e de memória? Essas interpretações sobre a história da cidade não continuam lineares e homogêneas?

Neste sentido nos referenciamos á Hobsbawn, posto que em 'O Sentido do Passado' o autor observa que "*ser membro de uma comunidade é situar-se em relação ao seu passado, ainda para rejeita-lo*".[93] O domínio do passado coloca determinadas forças sociais que no centro de uma narrativa histórica justifica padrões hegemônicos na sociedade. Nessas narrativas a continuidade, expressa na cronologia, elege feitos e personagens, na maioria das vezes em uma linha evolutiva de busca do progresso, anulando outros sujeitos, outros acontecimentos. Ao eleger determinadas interpretações como verdades históricas, essas produções anulam o passado como lugar das diferenças, buscando preservar, no presente, posições que continuam importantes nas relações de poder vividas na cidade.

---

[92] Entrevista concedida ao Jornal da Manhã em 29/04/2007, pelo pecuarista Orestes Prata. Disponível em: <http://www.jmonline.com.br/?canais,4,07,421 >. Acesso em: 27/12/2007.
[93] HOBSBAWN, Eric. O sentido do passado. In: *Sobre a História.* São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 22.

CAPÍTULO III

História Local e do Cotidiano: as experiências no ensino fundamental.

O eixo temático expresso nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs -para o primeiro ciclo, 1ª e 2ª series, é "História Local e do Cotidiano", sendo sugerido que seja focalizado no contexto curricular das escolas diferentes histórias pertinentes ao local onde o aluno vive. O ensino e a aprendizagem da História estão voltados, inicialmente, para atividades em que os alunos possam compreender as semelhanças e as diferenças, as permanências e as transformações no modo de vida social, cultural e econômico de sua localidade, no presente e no passado, mediante a leitura de diferentes obras humanas.[94]

De acordo com os PCNs, as informações históricas locais selecionadas expressam a intencionalidade de fornecer aos alunos a formação de um repertório intelectual e cultural, para que possam estabelecer identidades e diferenças com outros indivíduos e com grupos sociais presentes na realidade vivida, ou seja, no âmbito familiar, no convívio da escola, nas atividades de lazer, nas relações econômicas, políticas, artísticas, religiosas, sociais e culturais.[95] Sendo assim, verificamos que a temática "História Local e do Cotidiano" é a relação entre o conhecimento passado e o processo de construção de uma identidade na formação de uma memória sobre o local onde se vive.

Ao analisarmos esse processo de formação da memória, nos referenciamos em Michael Pollack, posto que, para o autor, as memórias fortemente constituídas têm uma função, ou seja, é uma operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que quer, não somente garantir, mas reforçar os sentimentos de pertencimento. Ao mantermos a coesão interna e defendermos as fronteiras que possuímos em comum, onde

---

[94] BRASIL. Secretária de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geográfica. Brasília: MEC/SEF, 1997.
[95] Ibidem.

se inclui o território, estamos exercendo uma das funções da memória social, ou seja, *fornecer um quadro de referências e de pontos de referência.*[96]

Por isso a importância do estudo da História Local, que pode possibilitar ao aluno uma construção de identidade a partir da sua realidade social, ou seja, a partir do bairro, da escola, do município. Para Fernandes, o estudo da história do município permite ao aluno uma inserção na realidade do passado da cidade, possibilitando uma melhor compreensão da sociedade em que vive e na qual virá a intervir.[97]

De acordo como autor, o contato do aluno com as intuições locais e a percepção do seu modo de funcionamento preparam este não somente para uma futura participação na sociedade, mas facilita a compreensão do aluno sobre as instituições democráticas, capacitando-o para o exercício de uma cidadania crítica consciente. O acesso a fontes locais, como arquivos, bibliotecas e museus, permitem ao aluno conhecer os métodos de pesquisa e o possibilita ao exercício da produção do conhecimento histórico, além de sensibilizá-lo sobre a necessidade de preservação do patrimônio histórico.[98]

Entretanto, percebemos que há uma tentativa de controle da memória do local feita pela produção de histórias organizadas em torno do se que elege como importante. Grandes acontecimentos e grandes personagens da cidade ressaltados nas obras dos memorialistas, inclusive a de Pontes, são referências na busca desse controle, haja vista que estas que são as que resgatam, de forma linear e cronológica, a história local, apresentando aquilo que a memória oficial elege como história. A partir dessa seleção verificamos que essa memória é preservada e difundida a favor da permanência das estruturas institucionais de uma sociedade, assim nos afirma Pollack:

> *As memórias coletivas impostas e definidas por um trabalho especializado de enquadramento, sem serem o único fator aglutinador,*

---

[96] POLLAK, 1989, p.03.
[97] FERNANDES, José Ricardo Oriá. Um lugar na escola para a história local. *Ensino em Revista*. EDUFU: Uberlândia. 4(1), jan/dez. 1995.
[98] Ibidem, p.47.

são certamente um ingrediente importante para a perenidade do tecido social e das estruturas institucionais de uma sociedade.[99]

Assim sendo, notamos que há uma prevalência da memória institucionalizada e que, muitas vezes, experiências vividas são anuladas por esta memória que tem um caráter homogeneizador, pois, como já discutimos no primeiro capitulo, as obras de Pontes assim como de outros memorialista, geralmente tratam de glorificações de grandes personagens políticos ou acontecimentos econômicos da cidade desde o surgimento da mesma. Por isso essas obras são confundidas com a "busca de uma verdade absoluta[100]" e "rotuladas" de positivista. Conforme Freitas, essas obras, na maioria das vezes, são utilizadas como referência e poucas vezes como fontes primárias. *Assim, tais obras cristalizam uma certa memória da cidade, com a ajuda de historiadores, jornalistas, estudantes e professores do 1º e 2º graus*[101].

Positivistas são também as análises feitas sobre o conteúdo. Aliás, a falta das mesmas, posto que, como já mencionamos, estas obras são utilizadas como referências bibliográficas e não como fonte primária enfatizando, assim, a narrativa da memória oficial, onde fatos, marcos cronológicos e personagens ilustres são apresentados ao aluno sem nenhuma ligação com as experiências sociais do mesmo. Assim, o aluno pode até absorver o conteúdo, mas não reflete sobre sua própria historicidade, ou seja, ele não se vê enquanto sujeito da História e produtor de conhecimento.

Para ver como esse conhecimento era e é trabalhado com os alunos, sentimos a necessidade de verificar nas escolas como essa temática era abordada pelos professores. A principio gostaríamos de ter percorrido várias escolas, entretanto, devido ao tempo e a distância, optamos em trabalhar em três escolas: uma municipal, Escola Municipal Madre Maria Georgina; uma estadual: Escola Estadual Professor Hildebrando Pontes e uma particular: Colégio Cinecista Dr. José Ferreira.

Visitamos a Escola Estadual Hildebrando Pontes, com o intuito de saber como os professores da mesma trabalhavam a história do município e se estes

---

[99] POLLAK, 1989, p. 9.
[100] FREITAS, 1999, p.23.
[101] Ibidem, p.25.

conheciam Hildebrando Pontes[102]. Não conseguimos falar com as professoras, mas falamos com a orientadora da escola, que não conhecia a história de Pontes, fato comum, pois nenhuma das professoras que conversamos tinham conhecimento sobre vida e obra do autor.

Ao conversarmos com a senhora Regina Maria Pontes Machado[103], neta de Pontes, esta não ficou surpresa em saber que os professores, mesmo da escola que possui o nome de seu avô, desconheciam a biográfica do mesmo. Ela nos relatou que na década de oitenta lecionou matemática no grupo escolar e naquele período as pessoas também não conheciam quem era seu avô.

Por isso, em 1988 ela tomou a iniciativa de publicar um jornal para comemorações de 25 anos da escola. Neste, constam quem foi Hildebrando, relatos sobre o dia que, por decreto, a escola passou a se chamar "Professor Hildebrando Pontes" e homenagens, como versos de alunos sobre Pontes, e o hino da Escola:

Esta bola gigante que é o mundo
Nós queremos um instante parar
Pra mostrar nosso canto profundo
De amor, do saber, do estudar
E abraçar este espaço infinito
Ecoando um grito de paz
na instrução, nesta fé, neste grito
ajundando um Brasil que se faz.

Mestre Hildebrando Pontes
Fez jorrar mais sabedoria
Das mais claras fontes
Das letras, da alegria.

Segundo a senhora Regina, esta foi a única vez que se comemorou o aniversário da escola desta forma. Em relação ao conteúdo proposto pelos PCNs sobre a História Local e do Cotidiano, a escola adotou o livro de Maria Antonieta: *Uberaba uma cidade entre sete colinas. História e geografia*[104] . O livro ao abordar o que foi a história do município parte do presente, analisando

[102] O sentido de conhecer Hildebrando Pontes foi mais por uma questão de curiosidade, visto que sua história, devido os anseios do autor, às vezes se confunde com a história da cidade. O fato de conhecerem ou não Pontes, não era o objetivo do trabalho.
[103] Regina Maria Pontes Machado neta de Hildebrando Pontes, moradora da cidade de Uberaba. Entrevista gravada em novembro de 2007.
[104] LOPES, Maria Antonieta Borges. BORGES, Maria Soledade Gomes. *Uberaba: uma cidade entre sete colinas. História e Geografia.* 2ª Edição. Escrituras. Uberaba. 1998.

as relações sociais no estudar, trabalhar e se divertir, ou seja, parte dos princípios estabelecidos pelos PCNs. A autora busca através de imagens e do lúdico trabalhar a constituição da cidade, não seguindo uma seqüência cronológica para se trabalhar o município, mesmo porque o livro é de história e geografia. A autora separa o livro em unidades: Unidade I: Município e campo, Unidade II: A localização do município; Unidade III: Paisagens de onde moro. Aspectos Físicos; Unidade IV: A paisagem muda; Unidade V: Trabalhando...Construindo...Atividades econômicas; Unidade VI: Era uma vez uma cidade de sete colinas; Unidade VII: A vida social e Unidade VIII: Administrando o que é de todos. O governo.

Na unidade VI: Era uma vez uma cidade de sete colinas, percebemos como os escritos da autora se aproximam da obra de Pontes:

> *Antes da chegada dos brancos, viviam nesta região os índios caiapós, tremembés e araxás. Os primeiros brancos que por aqui passaram foram os BANDEIRANTES, vindos de São Paulo. (...) Estes bandeirantes haviam descoberto ouro em Minas Gerais. Tiveram noticias de que em Goiás também havia ouro e pedras preciosas. Um bandeirante – BARTOLOMEU BUENO DA SILVA – apelido de Anhangüera organizou, então, uma expedição para ir até lá. Seu caminho passava pelo Triangulo Mineiro. (...) Nas margens desta estrada foram surgindo arraiais (...). Em 1809, o governo de Goiás nomeou o sargento-mor Antônio Eustáquio da Silva e Oliveira, regente dos sertões da Farinha Podre. Ele foi morar no arraial do Desemboque.*
> *Do Desemboque partiram entre 1809 e 1812 grupos de homens aventureiros em busca de terras boas para a agricultura e para a criação do gado. Um destes grupos, chefiado por José Francisco de Azevedo fundou na cabeceira do córrego Lajeado (afluente do Rio Uberaba) um povoado que foi chamado Arraial da Capelinha ou Arraial da Farinha Podre. O povoado não se desenvolveu por falta de água e pelos constantes ataques dos índios. Alguns habitantes retornaram ao Desemboque narrando as dificuldades a Antônio Eustáquio. Ele reuniu um grupo de mais de 30 homens e dirigiu-se ao povoado. Achando que o local não era bom escolheu um novo lugar para fundar o arraial. Ficava nas margens do córrego das Lajes, perto de onde ele se junta ao rio Uberaba, e distante uns 15 Km do arraial da Capelinha.Aí fundou a nova povoação e construiu uma capela para Santo Antônio e São Sebastião. Os habitantes do arraial da Capelinha foram se mudando para o no povoado que começou a crescer e prosperar.*[105]

Este livro de Maria Antonieta também serviu de apoio para duas professoras de escolas que visitamos, Sidnéia Araújo, professora da segunda

[105] LOPES, 1998, p.105 et seq.

série do Colégio Cinecista Dr. José Ferreira, e Patrícia Bianchini, professora da terceira série da Escola Municipal Madre Maria Georgina.

No colégio Cinecista Dr. José Ferreira os professores prepararam uma apostila de História e Geografia, relacionada ao Tema História do Município. Nesta consta a história da cidade com os mesmos marcos cronológicos. Os marcos cronológicos aqui são designados por uma linha do tempo que consiste em forma crescente no ontem até chegar no presente, hoje.

O "ontem" se inicia em 1680 e enumera a partir daí os principais fatos que explicaria a história da cidade:

1680----------1682 – Bandeira do Anhanguera
1720----------1722- Abertura da estrada do Anhanguera
1750----------+- 1748 – Criação de arraiais ao lado da estrada do Anhanguera.
1760----------+- 1763 – Fundação do Arraial do Desemboque
1810----------+- 1811 – Fundação de Uberaba.
1820 – Uberaba – freguesia
1840----------1836 – Uberaba – vila.
1860---------- 1856 – Uberaba – cidade.
1870----------Chegada do gado zebu
1889----------Chegada da E.E. Mogiana
1905----------Inauguração da Luz Elétrica
1906 a 1945---------Época de maior desenvolvimento da pecuária zebuína
1932----------Inauguração do Campo de Aviação
1940 a 1955---------Inauguração das Faculdades
1970 a 1980---------Industrialização
1970 a 1990---------Desenvolvimento da Agricultura
1996 ----------Inauguração da Univerdecidade[106].

Verificamos que o "hoje" relacionado na linha do tempo já é um tempo passado, ou seja, 1996. Neste ano as crianças nem haviam nascido. Este fator se dá devido o livro de Antonieta ser da década de 90, porém os professores não seguiram a linha do tempo até os dias atuais, o que pode ter inviabilizado a condição do aluno construir uma relação presente passado a partir daquilo que ele vivenciava.

---

[106] Esta linha do tempo foi retirada do livro de LOPES, Maria Antonieta Borges. BORGES, Maria Soledade Gomes. *Uberaba: uma cidade entre sete colinas. História e Geografia.* 2ª Edição. Escrituras. Uberaba. 1998 p.116. Entretanto, a referencia bibliográfica desta linha, além de aparecer o livro de Maria Antonieta consta também o de Pontes: PONTES, Hildebrando Araújo. *História de Uberaba e a Civilização no Brasil Central.* 1ª ed. Academia de letras do Triangulo Mineiro. 1970.

Segundo o historiador Thiago Riccioppo, professor de "Metodologia do Ensino de História" na Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC, que versa justamente sobre a metodologia que os professores devem adotar na sala de aula no Ensino Fundamental, o livro de Maria Antonieta é o único elaborado para se trabalhar na sala de aula, mas há muito tempo não é revisado e, portanto está desatualizado. Aqui cabe uma indagação: a simples atualização dos dados seria suficiente para que os alunos estabelecessem "identidades e diferenças com outros indivíduos e com grupos sociais presentes na realidade vivida" como propõem os PCNs?

Em pesquisa ao site do Arquivo Público de Uberaba verificamos que o mesmo possui uma linha do tempo. Esta também possui os marcos cronológicos indicados no livro de Lopes, mas está atualizado. A última atualização foi em julho de 2007. Esta linha, denominada *Uberaba em Dados*, mostra os principais acontecimentos da cidade desde a abertura da estrada Anhangüera. Por se tratar de muitas datas, selecionamos algumas:

> *1722 Abertura da estrada de São Paulo às minas de ouro de Goiás pelo bandeirante Anhangüera. Hoje a estrada se tornou a principal ligação entre São Paulo, Goiás e Brasília, um dos eixos de desenvolvimento do Brasil Central.*
> *1809 O fundador de Uberaba, Sargento-Mor Antônio Eustáquio da Silva Oliveira, estabelecido no Arraial do Desemboque, pertencente, então, à Província de Goiás, foi nomeado "Comandante" Regente dos Sertões da Farinha Podre.*
> *1812 Início da formação do povoado de Uberaba por fazendeiros e famílias migrantes do Arraial do Desemboque, vindos em busca de pastagens e terras férteis, (...).O lugar escolhido foi às margens da estrada do Anhangüera e as primeiras atividades econômicas de seu povo foram a agricultura e a pecuária. O Arraial da Capelinha, fundado por José Francisco de Azevedo, foi o primeiro na região de Uberaba (...).*
> *02/ 03/ 1820 Criação e instalação da Freguesia (Paróquia) de Santo Antônio e São Sebastião de Uberaba, por decreto de Dom João VI, então Rei de Portugal, residindo no Brasil. O ato representou o reconhecimento oficial do povoado perante o Estado e a Igreja, definindo os limites de seu território e a abrangência do Cartório Eclesiástico nele instalado. Essa data é usada para celebrar o "Dia do Aniversário da Cidade".*
> *1836 Criação do Município de Uberaba (...). O Arraial passou a se chamar, então, Vila de Santo Antônio e São Sebastião de Uberaba. (22 de fevereiro de 1836).*
> *1837 Instalações da Câmara Municipal de Uberaba (07 de janeiro.).(...).*

1850 Início de grande incremento da atividade comercial, devido à ação de tropeiros que transforma Uberaba em centro abastecedor do Brasil Central. O "Porto do Sertão"
1856 Elevação da Vila à categoria de Cidade, com nome de Cidade de Uberaba, título homenagem merecido por seu desenvolvimento e importância. (...).
1875 Entrada dos primeiros exemplares de gado de raça zebu na região do Triângulo Mineiro, comprados em Santa Cruz, Rio de Janeiro, pelo Major Inácio de Melo França, natural do Desemboque, fazendeiro em Jataí (GO). (Hildebrando Pontes). (...).
1889 Chegada das pontas dos trilhos da estrada de ferro Mogiana a Uberaba, ligando a cidade a São Paulo e ao litoral. O município alcança seu apogeu comercial, atraindo imigrantes italianos, árabes, espanhóis, portugueses, que deram novo incremento à economia. Por seu desenvolvimento, passa ser chamada de "Princesa do Sertão". (...).
1905 Inaugurada a energia elétrica em Uberaba. (...).
1908 Criação da Diocese de Uberaba. (...).
1959 Exposição de Gado Zebu se torna nacional.
- *O médium Francisco Cândido Xavier deixa a cidade de Pedro Leopoldo e fixa residência em Uberaba. (...).*

1972 Inauguração da TV Uberaba, em 9 de junho, na gestão do ex-Prefeito Municipal Amaldo Rosa Prata (...).
1996 Instalação da Faculdade Municipal (FEU).
- *Inauguração do Parque Tecnológico UniVerdeCidade, com infra-estrutura para receber todo tipo de investimento em tecnologia de ponta. (...).*

1999 Implantação do Pólo Industrial Moveleiro em Uberaba.
- *Centenário da fundação do jornal "Lavoura e Comércio" (...).*

2002 Falecimento do Líder Espírita Francisco Cândido Xavier em 30/06, aos 92 anos (...).
2006 Inauguração da penitenciária "Aluísio Inácio de Oliveira", com 6.163 metros quadrados de construção e capacidade inicial de 395 vagas em 144 celas.
- *Comemoração do Sesquicentenário da elevação de Uberaba à condição de Cidade; (...).*
- *A empresa francesa Carrefour inaugura sua primeira loja em Uberaba e a empresa Bretãs inaugura o quarto hipermercado da rede;*

2007 A 3ª Companhia Independente de Bombeiros Militares recebe em doação um veículo autoplataforma, com escada de 30 metros, da Prefeitura de Franca/SP e recuperado numa ação conjunta do prefeito Anderson Adauto e do Deputado Federal Aelton Freitas. Este veículo é o terceiro existente em Minas Gerais e o primeiro no Triângulo Mineiro.[107]

Para confecção da Apostila do colégio Cinecista Dr. José Duarte verificamos que os professores também utilizaram o livro de Pontes: *A história*

[107] ARQUIVO PÚBLICO DE UBERABA. Linha do Tempo. Disponível em: <http://www.uberaba.mg.gov.br/sedet/uberaba_em_dados_2007/Uberaba.em.Dados.2007-cap.08-Linha_do_Tempo.pdf > Acesso: 26/Dezembro/2007.

de Uberaba e a Civilização do Brasil Central. Segundo a professora Sidnéia[108], além da apostila, os professores, juntamente com a escola, realizaram um projeto denominado Artecultura. O intuito do projeto era trabalhar a história do município e sua geografia para que os alunos conhecessem o local onde vivem contrapondo, o passado e presente e o que foi preservado tanto no ambiente como na cultura.

O ponto de partida do projeto foi uma visita ao Arquivo Público de Uberaba, onde os alunos tiverem uma pequena palestra sobre a história do município e puderam ver fotografias antigas, além da leitura do livro *A Cinderela das Bonecas*[109] que sugere uma vida em comunidade.

O projeto englobava, além de História e Geografia, todas as outras disciplinas, sendo separado em três partes para que os alunos o pudessem desenvolver aos poucos. A primeira parte constituía em uma pesquisa sobre a vizinhança, em que os alunos deveriam fazer entrevistas com pessoas mais velhas para conhecerem histórias e curiosidades sobre a cidade.

As respostas variavam, mas tinham uma certa relação, haja vista que as curiosidades eram sobre a diferença da arquitetura, do calçamento das ruas e da tranqüilidade das pessoas, posto que hoje as ruas são movimentadas e o medo da violência é freqüente. Em um dos trabalhos verificamos como a idéia de cidade moderna ainda está implícita nas falas da população, ao depararmos com a seguinte resposta:

> *Por muito tempo a ligação entre os estados de Minas Gerais e São Paulo eram realizados por uma ponte férrea sobre o Rio Grande. Depois esta mesma ponte foi adaptada para uso rodoviário, agora o fluxo passa pela nova ponte de concreto. Assim segue o caminho da evolução.*[110]

A segunda parte estava relacionada aos acontecimentos atuais, os alunos tinham que lembrar de fatos importantes que aconteceram entre 2004 e 2007, tanto no Brasil como no mundo. Nesta questão, o que mais chamou a atenção dos alunos estava relacionado com o caos aéreo e ao desastre com o

---

[108] Sidnéia Mary do Amaral Araújo. Professora da segunda série do ensino fundamental do Colégio Cinecista Dr. José Duarte de Freitas. Entrevista gravada em dezembro de 2007.
[109] ROCHA, Ruth. *A Cinderela das Bonecas. Editora FDT. 2004.*
[110] Trabalho de um aluno, gentilmente cedido pela professora Sidnéia Araújo.

avião da Tam, o vôo 3054. Outra questão era uma comparar o lugar retratado na tela do pintor Dag França, Cirandinha de 1990, e o lugar onde o aluno mora.

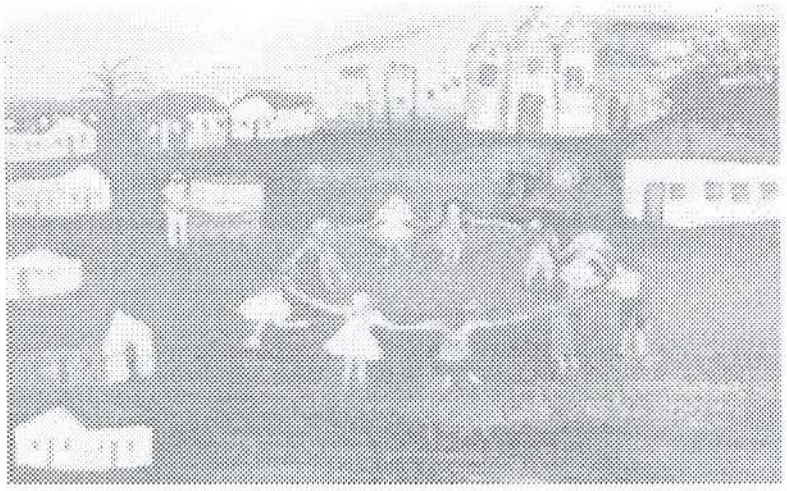


Figura 1 Cirandinha. Dag França, 1990. Óleo Sobre Tela/eucatex. 49x59cm - Museu Int. De Arte Naif do Brasil.

Nesta questão os alunos, ao compararem a tela com o local em que vivem não a relacionaram com o que a cidade possui, ou seja, casas, igrejas, as repostas, nos trabalhos pesquisados foi unânime, o local retratado na tela é diferente, pois neste as crianças brincam livremente ao contrário dos alunos: *É diferente. Onde moro as casas são mais modernas. As ruas asfaltadas e não podemos brincar nelas, pois são muito movimentadas.*[111]

A terceira parte trazia vários poemas onde o tema era "a rua". A partir da leitura dos mesmos o aluno, deveria analisar como era retratada a rua em cada um deles e depois criar um poema sobre ruas, cidades e pessoas ligando o ontem e o presente. Nesta parte consta um poema de Gabriel Totti, autor uberabense:

Desde que eu ia para a escola,
Com os livros na sacola,
Andado a esmo,
Eu gostava de apreciar
A cidade sertaneja
Demoroso eu perdia,
Horas, um dia,

[111] Resposta de um aluno da professora Sidnéia em relação a pergunta: O lugar retratado se parece com o lugar em que você mora? Se for diferente, explique.

Olhando passar as tropas
E as boiada
(...).
que cidade boa e pacata,
Provinciana,
Costumes patriarcais
Casas dos grandes beirais
Que davam de sol.
(...).
Da Igreja do Rosário,
Pelo morro do Seminário,
A Igreja de Santa Rita,
Simples e bonita
Parecia-me grande, enorme,
Hoje é tão pequenita...[112]

A proposta da escola é necessária, pois visa a relação do passado e presente na construção da identidade do aluno, mas acreditamos que neste tópico Gabriel Toti poderia ser mais explorado pelos professores. O autor escreveu um livro intitulado *Álbum de Uberaba*[113] para a comemoração do 1º Centenário de elevação de Uberaba à condição de cidade. Este livro é interessante, pois além dos marcos cronológicos e dos personagens que novamente são reproduzidos pelo autor, ele traz um capítulo que se reporta à Uberaba que ele conheceu. Neste, fala da Igreja Santa Rita[114], do mercado municipal, da Catedral, da antiga Prefeitura, locais estes, que estão presentes no cotidiano dos alunos quando percorrem as ruas da cidade. Conforme nos informa Pesavento:

> *A rua, o caminho da escola, o parque, o bar da esquina, a velha casa, a movimentada avenida, a estatua da praça, os objetos, pessoais, certos trechos e caminhos, usados, percorridos e vividos no tempo, são pontos no espaço que evocam uma trajetória de vida e que, observáveis no cotidiano ou descobertos ao acaso de um encontro fortuito (...) É possível ver, neste resto ou caco de um outro tempo e espaço, a cidade do passado, recuperada pelo pensamento na sua materialidade, sociabilidade e sensibilidade de modos de ser.*[115]

A partir da experiência no Colégio Cinecista Dr. José Ferreira, verificamos uma grande diferença entre o ensino público, Escola Estadual Prof. Hildebrando e o ensino privado. Mesmo utilizando a mesma referência

---

[112] Trecho extraído da apostila do Colégio Cinecista Dr. José Ferreira
[113] TOTI, Gabriel. *Álbum de Uberaba.* Tip. Galleli. Uberaba. 1956.
[114] Igreja Centenária em Uberaba, construída no ano de 1854. Em 1939 foi tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico sendo hoje o museu de arte sacra.
[115] PESAVENTO, Sandra Jatahy. Memória, História e Cidade: Lugares no tempo, momentos no espaço. *ArtCultura.* Uberlândia – MG, 4 (4). Jun/2002. p.27

bibliográfica, o colégio Dr. José Ferreira oportunizou o resgate de memórias e narrativas do cotidiano dos alunos, não se apoiando simplesmente no livro didático.

Esta diferença se dá, segundo a professora Patrícia Bianchini[116],devido à falta de recurso das escolas públicas. Para a professora, os professores das escolas públicas possuem dificuldade até em xerocar materiais didáticos, ademais, não possuem recurso pedagógico por isso, muitos profissionais utilizam a história do Catálogo Telefônico.

A história que consta no Catálogo Telefônico foi realizada pelo Professor Pedro Coutinho a mais de 20 anos. Segundo o Professor, em entrevista, ele utilizou-se de várias fontes para sua pesquisa, mas as principais foram: *Uberaba: História, Fatos e Homens* de autoria de Borges Sampaio e *A História de Uberaba e a Civilização do Brasil Central* de Hildebrando Pontes, como já mencionamos nos capítulos anteriores. O próprio professor admite que faz muito tempo que a introdução ainda publicada no Catálogo Telefônico foi construída. Nestes vintes anos muitas coisas mudaram, até mesmo na história oficial, haja vista que a data da comemoração da cidade foi transferida de 02 de maio para 02 de março.

Para a professora Bianchini, além da defasagem de materiais didáticos, ela questiona outro fator em relação à diferença entre a escola pública e a privada: falta de compromisso de alguns pais em relação a educação dos filhos. Os pais não participam da escola e não têm interesse em entender o processo educacional que o filho atravessa. A professora indaga que, apesar de a maioria dos pais ter transferido a responsabilidade da educação do filho para escola, os mesmos não concordam em deixar seus filhos irem no Arquivo Público por não saberem o que significa ir até lá, ademais, a escola não possui recursos que possibilitem aos alunos estas visitas.

Apesar se parecer contraditório o posicionamento da professora, (pois para que pedir autorização dos pais para uma visita ao Arquivo Público se a escola não possui recursos?) entendemos que esta, talvez, seja a vontade

[116] Patrícia Ferreira Bianchini Borges, professora da terceira série do ensino fundamental da Escola Municipal Madre Maria Georgina. Entrevista gravada em novembro de 2007.

dela, de possibilitar aos alunos novas experiências em relação ao conhecimento do patrimônio histórico-cultural da cidade. Porém ela "esbarra" nas barreiras da deficiência do ensino público, ou seja, a falta de recursos por um lado e a falta de comprometimento e ignorância dos pais em não saberem a importância de se visitar um Arquivo, por outro. Mas, mesmo se resolvidas essas deficiências a contradição permanece: ir ao Arquivo não muda a concepção de história e a nossa relação com o conhecimento histórico se não trabalharmos diferenças e semelhanças, permanências e transformações nos modos de ser e de viver na cidade.

Outro agravante é o resultado dessa falta de apoio pedagógico, o aluno da terceira serie não sabe o conteúdo da segunda e por isso a professora que leciona na terceira série não pode dar prosseguimento ao conteúdo de terceira, voltando ao conteúdo da segunda série. Sendo assim, o coteúdo estipulado para a terceira série fica comprometido.

Tivemos acesso a prova feita pela professora. Em relação à história do município geralmente constava uma questão de múltipla escolha sendo a questão relacionada com o conteúdo de geografia. A solicitação para identificação do verdadeiro exige do aluno a reprodução de um conteúdo lido ou explicado em sala de aula:

> *Marque um X apenas nas frases verdadeiras:*
> *( ) Cada município possui uma população e um governo o Governo Municipal.*
> *( ) Belo Horizonte é a capital do Estado de Minas Gerais.*
> *( ) O Estado de Minas Gerias é formado por 1.033 municípios. (...).*
> *( ) Uberaba é chamada: Uberaba das Sete Colinas. (...).*
> *( ) O centro é a parte mais nova e mais alta da cidade.*
> *( ) A nossa cidade (Uberaba) localiza-se no estado de São Paulo.*[117]

A partir da análise dos materiais e partindo do principio que o ensino de História local tem como objetivo a construção de uma reflexão critica do aluno em relação a sua realidade social, acreditamos que essa construção deveria ser trabalhada em outra direção. Não estamos apontando se está certo ou errado, mas verificamos que "a história" está sendo somente reproduzida e o

[117] Prova da Professora Patrícia Bianchini ministrada aos alunos de 3ª Serie da Escola Municipal Madre Maria Georgina.

sujeito, no caso o aluno, não tem um caráter de produtor de conhecimento, como visam os PCNs.

Em relação a falta de recursos, verificamos que no Arquivo Publico de Uberaba há várias produções de pesquisadores referentes a História Local, que podem ser utilizados como recursos para-didáticos. Entre os materiais disponíveis encontramos a *Revista Histórica do Professor*[118], que tem como objetivo dar aos professores das primeiras séries do ensino fundamental subsídios para trabalhar a história e os recursos do Município de Uberaba. A revista foi produzida de acordo com os anseios dos professores que definiram a linha de pensamento a ser desenvolvida nos trabalhos.

Ao lermos a revista percebemos que esta possuía uma grande semelhança com o livro de Pontes: *História de Uberaba e a Civilização do Brasil Central*. Os marcos cronológicos selecionados por Pontes também aparecem na revista, nela encontramos as abordagens mencionadas nos capítulos anteriores, como: o povoamento da região por índios; a fundação de Uberaba (Uberaba primitiva e Uberaba Atual); os componentes estruturadores da sociedade uberabenses (negro, índio e o branco), além da abordagem dos primeiros partidos políticos e imprensa.

Não sabemos ao certo se esta revista chegou às mãos dos professores nas escolas, mas as professoras que conversamos não a conheciam. Segundo o professor Pedro Coutinho[119],que fez parte da equipe do Arquivo Público de Uberaba por dezoito anos, todas as produções realizadas pelo Arquivo eram distribuídas para as escolas com o apoio da Secretária de Educação e Cultura da cidade. O professor Coutinho atribui a uma "preguiça intelectual" por parte dos educadores, o desconhecimento sobre a história do município, posto que a maioria das escolas não mais possui esse material.

Não queremos, como já mencionamos, apontar o certo e o errado. Questionamos sim conceito de história presente nesta história de Uberaba que é ensinada nas poucas escolas que visitamos. Esta história ainda se

---

[118] ARQUIVO PÚPLICO DE UBERABA. *Revista Histórica do Professor*. Secretaria de Educação e Cultura. S/d.
[119] Pedro Coutinho. Em entrevista gravada em outubro de 2007.

caracteriza por uma abordagem mais factualista, descritiva e cronológica, ainda muito apoiada em Pontes ou em outros historiadores que o reproduziram.

Novamente nos reportamos ás criticas em relação às obras de memorialistas, posto que as maiorias destas, implicitamente, são portadoras de valores ideológicos. Estes valores são repassados nas escolas, através de uma História de datas, fatos, nomes, assim sendo, as criticas não devem ser feitas aos memorialistas, mas a quem reproduz este conhecimento.

Para encerrar as reflexões que estão apontadas neste trabalho vale repetir uma questão já apontada no capítulo anterior: quais os significados da renovação ou permanência de determinadas visões sobre a idade de Uberaba ao longo dos anos, considerando que elas são elaboradas em presentes diferenciados?

Considerações Finais.

Ao longo deste trabalho procuramos entender as relações entre memória e história construída a partir das narrativas de Hildebrando Pontes sobre a cidade de Uberaba. Buscamos mostrar como esta memória é constantemente apropriada e reelaborada.

Verificamos que, pelo fato das obras de Pontes serem de cunho factualistas, as mesmas são julgadas como positivistas por pesquisadores que cobram, não só de Pontes, mas de outros memorialistas, uma postura mais crítica em relação aos fatos narrados. Entretanto o intuito dos escritos de Pontes era registrar aquilo que ele considerava importante lembrar da cidade.

Percebemos que o autor construiu sua narrativa a partir da atuação de alguns personagens que considerou destaque para o crescimento da cidade, buscando dar uma ordem cronológica aos acontecimentos. As suas narrativas, às vezes, se confundem com o desejo e angústia do autor e por isso o peso dado a alguns fatos históricos do município ser diferenciado e outros pouco explorados, haja vista que suas narrativas são alimentadas por uma expectativa em relação ao futuro. O autor mostrou em seus registros que, o período, em que obra estava sendo escrita, era marcado pela busca de desenvolvimento e prosperidade para a cidade.

Assim sendo, Pontes, ao escrever, não teve como objetivo fazer uma análise critica dos acontecimentos, ao contrário, ele tentou, com um discurso progressista, homogeneizar os interesses da cidade privilegiando grupos da sociedade, salientando evidências na arquitetura, na imprensa, na religião. Mostrando que a cidade tinha "vocação" para ser próspera e desenvolvida.

Entretanto, Orlando Ferreira foi quem nos permitiu conhecer algumas divergências quanto aos aspectos físicos e políticos da cidade narrada por Pontes, mostrando em seu livro *Terra Madrasta* a visão dele sobre a situação política, econômica e estrutural da cidade. Apesar do autor apontar os

problemas do município verificamos que ele tinha também, em seu âmago, uma vontade que a cidade fosse moderna e próspera, porém, isso não era possível devido à política, o clero e algumas famílias da cidade.

Grupos esses em que Pontes enfatiza a importância para o desenvolvimento da cidade. Assim verificamos que as obras de Ferreira não são utilizadas para se falar da cidade, ao contrário, dos escritos de Pontes. Na história oficial ainda prevalece o discurso de cidade próspera e moderna, o passado é reapropriado para enfatizar a importância da mesma e das pessoas que aqui moravam e contribuíram para o seu crescimento:

> *(...) vira e mexe, falam no aniversário de Uberaba no 2 de maio. A causa está mais na tradição do que na importância desta data. Afinal, antes de Uberaba ser Cidade, teve que sr fundada. Torna-ser Arraial, Distrito, Freguesia, Vila e, depois, Cidade. Quem sabe, um dia, receberá o titulo de Metrópole. Só vai depender de sua gente aguerrida e empreendedora e da ajuda preciosa da parcela de contribuição dos homens públicos comprometidos com o desenvolvimento econômico, com a qualidade de vida de sus cidadãos. (...).*
> *A Uberaba de 2 de maio de 1856 é a tradução do conflito entre os setores detentores da propriedade. É quando se estabelece o conflito entre lavoura, o campo e a pecuária. Ser cidade é não ser só rural, é ser também urbana, cosmopolita. É afirmar que novos segmentos ascenderam ao poder, revitalizando-se com outros considerados estagnadores do desenvolvimento urbano. Afinal, quem nasceu sob a batuta do campo, tornou-se pólo econômico urbano, decaiu e se diversificou na produção, não poderia ficar isento aos conflitos que permeiam a formação social. Aos vencidos e vencedores, o troféu por ter participado da história. A nós, a responsabilidade de preservá-la.*[120]

Ao longo do trabalho percebemos que essas narrativas sempre estão presentes em comemorações como no aniversário da cidade, nos jornais, no site da Prefeitura de Uberaba, entre outros. Estão presentes também nas escolas de ensino fundamental, quando os professores trabalhavam com o tema da cidade, reproduzindo o que está no livro didático sobre a história do município.

Novamente nos reportamos a Hobsbawn[121] onde o autor afirma que em história, lidamos com sociedades e comunidades para os quais o passado é o

---

[120] SILVA, Gilberto Caixeta da. A Uberaba dos nossos sonhos. *Jornal da Manhã*. Ponto de Vista. 30/04/06. p.06

[121] HOBSBAWN, 1998, p. 22.

padrão para o presente e geralmente, cada geração copia e reproduz sua predecessora até onde seja possível reproduzindo determinadas interpretações como verdades históricas buscando preservar, no presente, posições que continuam a ser importantes nas relações de poder vividas na cidade.

O caminho de reflexão percorrido ao longo dos três caminhos desse trabalho suscitou, questões que permanecem como indagações para nós, historiadores, e que foram já apontadas ao longo do trabalho. Enfrentá-las nos leva novamente a pensar o que significa produzir conhecimento histórico.

Fontes:

I – Memorialistas pesquisados:

FERREIRA, Orlando. *Terra Madrasta*. Uberaba: O Triângulo, 1928.

MENDONÇA, José. *História de Uberaba*. Academia de Letras do Triangulo Mineiro. 1ªed. Uberaba. 1974

PONTES, Hildebrandro Araújo. *História de Uberaba e a Civilização no Brasil Central*. 1ª ed. Academia de letras do Triangulo Mineiro. 1970.

_____.*A Imprensa de Uberaba*. Jornal Correio Católico de Uberaba, 1993.

_____. *De Ermida a Catedral* (Egreja Matriz de Uberaba-1939) s/d.

_____.*Nobiliarchia do Triângulo Mineiro: subsídio para a história dos grandes na mesopotâmia triangulina*. Uberaba s/d.

_____. *Vida Casos e Perfis*. Uberaba: Arquivo Público de Uberaba, 1992.

SAMPAIO, Borges. *Uberaba: História, Fatos e Homens*. Academia de Letras do Triângulo Mineiro. Uberaba. 1971.

II – Normas e Leis

CÂMARA MUNICIPAL DE UBERABA.Emenda Constitucional n.013.Uberaba, 1995.

BRASIL. Secretária de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geográfica. Brasília: MEC/SEF, 1997.

III – Periódicos

1. Jornais:

Gazeta de Uberaba, 1916.

Lavoura e Comércio, 1976.

Jornal de Uberaba, 2003.

Jornal de Uberaba. 2006.

Jornal de Uberaba, 2007.

Jornal da Manhã, 2006.

Jornal da Manhã, 2007.

2. Revistas:

ARQUIVO PÚBLICO DE UBERABA. Edição especial: Origens de Uberaba. Nº 6 março de 1995.

_____, v.1 nº1 p. 3 nov.1989.

_____ Uberaba em seus Primórdios. 1986.

_____.Revista Histórica do Professor. Secretaria de Educação e Cultura. S/d.

IV - Sites pesquisados:

Arquivo Público de Uberaba: www.arquivopublicouberaba.com.br

Jornal da manhã: www.jmonline.com.br

Jornal de Uberaba: www.jornaluberaba.com.br

Prefeitura Municipal de Uberaba: www.uberaba.mg.gov.br

Uberaba on-line: www.uberaba.com.br

V – Entrevistas:

Aurelita Ferreira: 72 anos, costureira aposentada, moradora do bairro Guanabara em Uberaba. Entrevista gravada em novembro de 2007.

Patrícia Ferreira Bianchini Borges: pedagoga, professora da terceira série do ensino fundamental da Escola Municipal Madre Maria Georgina. Entrevista gravada em novembro de 2007.

Pedro dos Reis Coutinho: Professor, teólogo, pedagogo, historiador da equipe técnica do Conselho do Patrimônio Histórico e Artístico de Uberaba – CONPHAU. Escreveu vários trabalhos sobre o município de Uberaba. Dentre os quais destacamos: *70 anos - Associação Comercial e Industrial de Uberaba: Liderando, Promovendo e Servindo Uberaba* e *História dos Irmãos Maristas em Uberaba*.Entrevista gravada em outubro 2007.

Regina Maria Pontes Machado: neta de Hildebrando Pontes, professora aposentada, moradora da cidade de Uberaba. Entrevista gravada em novembro de 2007.

Sidnéia Mary do Amaral Araújo: pedagoga, professora da segunda série do ensino fundamental do Colégio Cinecista Dr. José Duarte de Freitas. Entrevista gravada em dezembro de 2007.

VII - Outras Fontes:

Acervo Pessoal da Senhora Regina Maria Pontes Machado.

Boletim Informativo da CONPHAU - Conselho do Patrimônio Histórico e Artístico de Uberaba.

Catálogo Telefônico de Uberaba. 2006

Bibliografias:

BLOCH, Marc. *Apologia da história: ou o oficio do historiador.* Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BURKE, Peter (org). *A escrita da história: novas perspectivas.* São Paulo: Unesp. 1992.

CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas.In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro7(1), 1994.Disponível em:
< http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/140.pdf >Acesso em 05/mar./2007

CHAUI, Marilena. Os trabalhos da memória, In: BOSI, Ecleia. *Memória e sociedade e sociedade. Lembranças de velhos.* São Paulo: Cia das Letras, 1994, p.17-33.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. Um lugar na escola para a história local. *Ensino em Re-vista.* EDUFU: Uberlândia. 4(1), jan/dez. 1995

FERNANDES, Marilena Julimar. *Percursos de Memórias: A trajetória política de Pedro Ludovico Teixeira. Dissertação (Mestrado) 2003* – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. 2003.

FREITAS. *Memórias de uma "Odisséia": Tito Livio (Teixeira) e a construção da memória sobre a "Revolução de Trinta" em Uberlândia – MG.* 1999. Dissertação (mestrado) – Instituto de Filosofia Ciência e Letras, UNICAMP, Campinas 1999.

FONTANA, Josep. Reflexões sobre a história, do além do fim da história. In: *História: análise do passado e projeto social.* Bauru/Sp. EDUSC, 1998.

_____.Por uma história de todos. In: _____*A história dos homens.* Bauru, São Paulo: EDUSC, 2004.439-469.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, história, testemunho. In: BRESCIANI, Stella: NAXARA, Márcia. *Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível.* Campinas: Unicamp. 2001 85-93.

_____. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história.* Rio de Janeiro. Imago, 1997.

LE GOFF, Jacques. Memoria. In: *Enciclopédia Einaudi*, vol. I - Memória - História. Dir. de Ruggiero Romano. Tradução de Bernardo Leitão, Irene Ferreira e outros. Porto: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984.

LOPES, Maria Antonieta Borges. BORGES, Maria Soledade Gomes. *Uberaba: uma cidade entre sete colinas. História e Geografia*. 2ª Edição. Escrituras. Uberaba. 1998.

MUNANGA, Kabengele. Mestiçagem e experiências interculturais no Brasil. In: Schawarcz, Lilia Moritz, REIS, Letícia de Souza (orgs.) *Negras Imagens*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Estação Ciência, 1996.

NETO Maria Nunes Ferreira. *Memória, Política e Negócios: A trajetória de Theophilo Benedicto Ottoni.* Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas UNICAMP. Campinas. 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Memória, História e Cidade: Lugares no tempo, momentos no espaço. *ArtCultura*. Uberlândia – MG, 4 (4). Jun/2002.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Cpdoc/FGV: Rio de Janeiro, 2(3), 1989, p.03-15. Disponível em: < http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf > Acesso:05/out/2006.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In *Tempo*, Rio de Janeiro: 1(2), 1996.

RUAS, Tânia Maira Leite. *Dantas Ruas: Mais Poeta que Soldado?* Monografia. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia. 2003.

SILVA, Helenice Rodrigues da. Rememoração/comemoração: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História*, São Paulo. 22(44), 2002. p.425-38.

SILVA, Raquel Marta. *Chico Xavier: imaginário religioso e representações simbólicas no interior das Gerais - Uberaba, 1959/2001*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em História. Uberlândia, 2002.

SEIXAS, Jacy Alves. Percursos de memórias em terras de história: Problemáticas atuais.In: FENELEON, Déa Ribeiro... [et al.] (orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004. p. 37-57.

VESENTINI, Carlos A. *A teia do fato: uma proposta de estudo sobre a memória história*. São Paulo. HUCITEC, 1997.

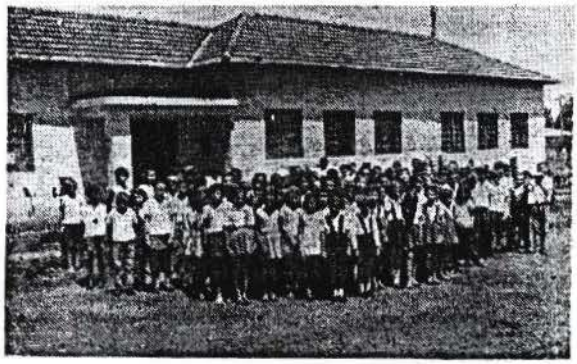
ANEXOS

-NOTIJUBILEU-

ANO I | Uberaba, 01 de junho de 1988 | Nº 1

Esc. Est. Prof. Hildebrando Pontes

LUTAS, MUITAS LUTAS, ALEGRIAS, MUITAS ALEGRIAS FORAM E VIERAM



Somos os membros, formamos um corpo: membros professores, corpo Escola.

Os membros trabalham sincronizados para que realmente a Escola possa funcionar com todas as suas forças.

Lutamos, recebemos colaboração de outras pessoas e até de autoridades do ensino, porque não dizer? Somamos mais e mais forças para constituirmos um grande evento; estamos conseguindo.

Tentamos educar e formar nossos alunos para contribuirmos no futuro desta Terra. Conseguimos algo bastante para termos orgulho de nossa missão.

Pois, a verdadeira escola é que contribue grandemente na formação dos grandes homens.

Lutas, muitas lutas, alegrias, muitas alegrias foram e vieram.

Hoje após vinte e cinco anos, o que pudemos tirar de tudo isto? Temos certeza de que grandes lucros vieram. E é pensando tudo isto, que neste instante queremos, representando o corpo docente, prestar a nossa grande homenagem a tudo e a todos que produziram esta grande soma que chama-se ESCOLA ESTADUAL "PROFESSOR HILDEBRANDO PONTES".

PROFESSORES

Hildebrando legou a Educação a Imortalidade do seu ser

O ilustre PROFESSOR DR. HILDEBRANDO PONTES nasceu no município de Sacramento, distrito de São Francisco de Assis de Ponte Alta, atual Jubay, a 16 de fevereiro de 1879.

Não era uberabense de nascimento, mas, sim de coração, pois para aqui veio muito cedo, onde tornou-se filho legítimo desta terra que tanto amou.

Foi fundador e presidente do Clube Esperanto, que se fez representar em congresso esperantistas realizados no País.

Pessoa respeitável entre os que pensaram, estudaram, pesquisaram escreveram. Legou a esta cidade a imortalidade do seu ser, tão falado pela sua inteligência que conseguiu enriquecer o patrimônio moral e intelectual do Triângulo Mineiro através de suas revista, jornais e várias obras como:

"História de Uberaba" e "Civilização no Brasil Central", "Dialeto Caipau", Natícias Estatísticos Geográfico e História do Município de Araxá", "O Berne", "de Ermida a Catedral", "O Município de Uberaba", "Fauna do Triângulo Mineiro", "Folclore do Triângulo Mineiro" e inúmeras outras.

Seu nome é muito conhecido nos meios sociais e culturais desta cidade.

Educador de raras qualidades, fundou e dirigiu a "Sociedade de Geografia e História do Brasil" em Araxá, o "Colégio Santa Filomena em Araxá, o "Colégio Luso Brasileiro" na cidade do Prata, e o "Externato Salvina" em Uberaba, sempre com elevada competência e dedicação profissional.

Além de educador, foi também Engenheiro Agrônomo.

Devido a sua valiosa colaboração dentro da nossa cultura, o seu nome, há 25 anos, recebeu da Prefeitura Municipal de Uberaba, o título de Patrono da antiga Escola Municipal Bias Fortes que passou a chamar-se ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR HILDEBRANDO PONTES.

SALVIANA PONTES MACHADO



25 ANOS

Professores e funcionários que contribuiram para esta jornada

ANTONIA VIEIRA RIBEIRO
ARLETE DOS SANTOS
CELINA CREMA
CELVITA SAID RIBEIRO
EULALIA DIAS DOS REIS
EUSA BATISTA DE PAULA LIMA
CRISTINA PROVENZANO COUTO
FILOMENA CARDOSO DOS SANTOS
GENETE MARIA DE CASTRO
HELENA GORETE SILVA BIANCHI
ILZORA APARECIDA FALCONI BRANDOLIS
MARCIA JAZON DE OLIVEIRA
MARIA BEATRIZ COSTA BOTELHO
MARIA DAS GRAÇAS COSTA
MARIA DAS GRAÇAS MANZANO
MARIA DAS GRAÇAS SOUZA
MARIA DE FATIMA INÁCIO
MARIA DE OLIVEIRA RODRIGUES PALHARES
MARIA ELISA DIAS
MARIA JOSÉ DE OLIVEIRA
MARIA PAULINA FINHOLDT
MARIA PEREIRA RIBEIRO
MARIA UMBELINA DE JESUS
MARISA FATIMA COSTA DIAS
MARLY BIANCHI DE ARAÚJO
MARTA RODRIGUES DE CARVALHO
ODETE DOS SANTOS
REGINA MARIA PONTES MACHADO
SONIA MARIA DE FREITAS
TEREZINHA DE O. GONÇALVES
VANDENILZA NOMELINI
VERA LÚCIA RAMOS DA COSTA
VIRGILIA AGRELLE
WALDERES RESENDE COSTA
ZANIA DA CUNHA GUIMARAES

ADELINA BERTOLDI SOUZA
ANA MARIA DE MAGALHÃES QUEIROZ
ANA MARIA MANSUR GUIMARÃES

CARMEM FALCONI DE CASTRO EUFRASIO
CRISTINA HELENA DE CASTRO

DEA MAGNABOSCO
DIVINA RODRIGUES SUCUPIRA

EDINA APARECIDA LINS LEMOS
ESTER LIMIRO BROGAGÃO

FAUSTA CIRIANI DA SILVA

GLÓRIA MARIA MIRANDA BUENO

JACY CUNHA PEREIRA

LIGIA BENTO ALVES
LYDIA LIBIA BRUNO CASTANHEIRA SILVA
LUCIANA FLORILÚ S. DE AMORIM AZANK

MARIA FRANCISCA DA SILVA
MARIA JOSÉ DEL PAPA DA FRANCA
MARIA JOSÉ DOS REIS
MARIA JOSÉ DOS REIS
MARIA LÚCIA DIRCEU
MARISETE ABRAHÃO STUCCHI
MARLENE BRITTO FERREIRA
MARTA MACHADO CARNEIRO GONÇALVES
MARY LUCE DA CRUZ DOS REIS
MIRAMYRTES RIBEIRO FERREIRA

MIRIAM AMARAL SANTOS

NADIR GONÇALVES REZENDE

ROSA MARIA MONTEIRO
ROSE MARY ELIAS

SILVIA NOGUEIRA
SONIA BEATRIZ MARQUES MENDES
SONIA MARIA FRANCO

TEREZA JANOTTI SILVA GUAZZELLI

VERA LÚCIA DA SILVA SIQUEIRA

WALDEMAR CORA

ZAINE MARIA DE ALMEIDA
ZILDA CASTANHEIRA LINS

Drogaria Cosme – Damião Ltda

R. DELFIM MOREORA, Nº 599 — FABRICIO

FONE: 333-2930

REGINALDO CARLOS NASCIMENTO

25 anos de lutas, conquistas, vitórias e....

Maria Elisa

A vida nos ensina, nos mostra, nos orienta!

Arrebata-nos às vezes a vontade e caimos no desânimo. ....

Mas... uma palavra, um sorriso, um olhar, um gesto, basta para que nossos corações se renovem e se reconfortem para a luta.

Esta lição muitas vezes repetidas, serve-nos de exemplos e estímulos para conseguirmos as metas desejadas.

Este sorriso, esta palavra, este olhar, este gesto, recebidos de você MARIA ELISA, é indescritível, é indefinível. é como a gota de orvalho que envolve o porvir.

O olhar matreiro às vezes, o andar silencioso, o riso gostoso. faz com que esta casa tenha brilho, tenha luz, tenha cor!

Não importa, às vezes as leves censuras, nem sequer a testa franzida, pois seus olhos brilham como púrpura, ao perceber o dever cumprido com amor, o trabalho honrado e engrandecedor de toda a sua equipe. Sei que dela você se orgulha e como isto nos faz feliz!

Você Maria Elisa, é o esteio desta casa, é a mão firme, em que confiamos, é o apoio que necessitamos!

São 25 anos de lutas, de conquistas, de angústias, mas de vitórias! Elas estão bem marcadas por todos os que por aqui já passaram e os que aqui ainda permaneceu; todos que deram e dão a sua parcela de contribuição para o engrandecimento deste educandário é que sentem como você é corajosa, é lutadora, é grande, é amiga!

Sim MARIA ELISA, você é muito nossa, você é nossa amiga.

(CELINA CREMA)

HOMENAGEM DOS PROFESSORES

Orgulho de uma conquista, grandes esperanças

Que alegria!

"São vinte e cinco anos ajudando a construir um Brasil melhor".

Quando me lembro....

Era uma tarde ensolarada de maio.

Convidada a comparecer a uma reunião na Prefeitura Municipal para receber uma Escola que agora passaria a pertencer ao Estado, lá fui eu cheia de espectativa, pois não conhecia nem mesmo a localização do prédio.

Feitas as apresentações comuns a estas reuniões, recebo a incumbência de dirigir o "Grupo Escolar Prof. Hildebrando Pontes".

No dia seguinte, bem cedo tomei o caminho indicado e fui conhecer o prédio, o pessoal e o meu novo ambiente de trabalho.

O coração batia descompassado.

A emoção era muito grande.

Ao avistar o prédio, levei um grande susto. Numa praça mal cuidada: um prédio recém pintado, muito simples, sem portas, e vitrôs só com as armações, sem um vidro sequer.

Pensei em desistir, mas como possuidora de grande vontade de trabalhar e servir, resolvi prosseguir.

Fiz um grande esforço para parecer natural, mas estava tomada de uma forte emoção.

As professoras receberam-me muito bem, mas eu percebia nelas também uma forte expectativa sobre tudo que estava acontecendo naquele momento.

Fizemos uma pequena reunião como primeiro contáto e solicitei a ajuda de todas, pois sozinha não conseguiria fazer nada.

Hoje... graças ao esforço e colaboração de nossas professoras e pessoas da comunidade, o prédio já conta com mais algumas salas, uma aparência física razoável, e mais do que uma vontade imensa de progredir.

Amanhã... Fica a esperança de um prédio bem amplo com possibilidade de expansão de série, e a certeza de ter cumprido com o nosso dever.

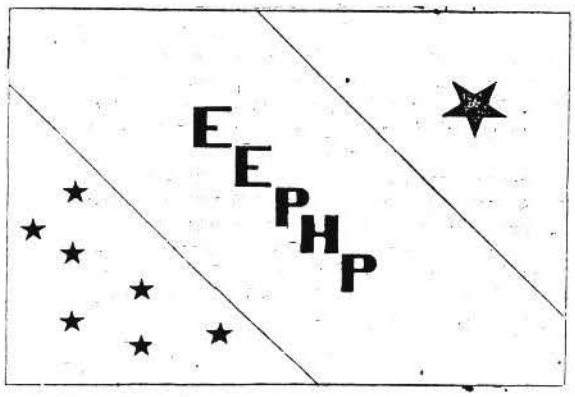
(MARIA ELISA DIAS)

Você Sabia ?

Que, por ato do Senhor Governador do Estado de Minas Gerais. Ilmo Sr. Dr. José de Magalhães Pinto, em Decreto nº 6.992 de 15 de maio de 1963, foi criado o Grupo Escolar "Professor Hildebrando Pontes". De acôrdo com a publicação de 6 de junho de 1974, tendo em vista o Decreto nº 16244 de 08 de maio de 1974 passou se a denominar "Escola Estadual "Professor Hildebrando Pontes".

Sua primeira e atual diretora é a srta. Maria Elisa Dias.

"A Escola é o caminho e a luz da nossa vida"



Os dois triângulos são de côr azul e a faixa do centro é branca representando o uniforme dos alunos.

A estrela maior — a direção da escola
As 7 estrelas menores — as classes e os alunos
As iniciais — Escola Estadual "Professor Hildebrando Pontes".

Este símbolo foi criado em 28.05.81 pela aluna Silvania Beatriz da Silveira, da 4a. série da Professora Beatriz Botelho.

HINO DA ESCOLA ESTADUAL

"PROF. HILDEBRANDO PONTES"

Letra e música — Arahilda Gomes Alves

Esta bola gigante que é o mundo
nós queremos um instante parar
prá mostrar nosso canto profundo
de amor, do saber, do estudar
e abraçar este espaço infinito
ecoando um grito de paz
na instrução, nesta fé, neste grito
ajudando um Brasil que se faz.

Mestre Hildebrando Pontes
fez jorrar mais sabedoria
das mais claras fontes
las letras, da alegria.

(HOMENAGEM DE SANTINO GOMES DE MATOS)

O céu requer nosso conto
com o enfeite das palmeiras,
pra colocar no seu manto
também o verde das almas.

Saudemos nosso patrono,
O mestre Hildebrando Pontes,
que dorme no eterno sono
mas ainda abre horizontes.

Somos a luz que amanhece
na instrução e no saber
sementes da grande messe
que o futuro vai colher

A escola multiplicada
por dezenas de cem mil,
produz os degraus da escada
por onde sobe o Brasil

A ignorância vencida,
o saber buscando a fé,
eis a pátria redimida,
eis o gigante de pé!

PEQUENOS GÊNIOS, GRANDES CRIAÇÕES

A Escola Professor Hildebrando Pontes
Com muita honra e glória
Hoje comemora seu Jubileu de Prata
Seu nome ficará na história.

Foi nessa Escola Querida
Que aprendi a primeira lição
E hoje escrevi estes versinhos
Saídos do meu coração.

As minhas mestras, diretora e serventes
Quero hoje agradecer
O ensino, a educação
Que me fez enriquecer.
Ana Márcia Del Duque
2a. Série

A nossa escola está toda enfeitada
Bem bonita deve estar
A turma toda animada
Para seu aniversário festejar.
Sílvio Martins Ribeiro

4a. Série

Vamos com carinno e amor
Saudar nossa escola amada
Vamos cantar, vamos alegrar
Esta escola abençoada.
Wellington Soares da Silva
3a. Série

Minha escola está completando 25 anos
que prazer e alegria
De estar presente neste dia
Junto de meus amigos
Nesta festa de harmonia.
Wladimir
3a. Série

CENTRO EDUCACIONAL
DESPORTIVO JUDO ORIENTE
— RUA GOVERNADOR VALADARES N' 45
FONE: 333-4231
CURSOS — MUSCULAÇÃO — HALTÉRES,
CONDICIONAMENTO FÍSICO — AERÓBICA
— RUA GOVERNADOR, N' 84
CURSOS — JUDÔ E KARATÊ

Coordenação: Professores Noturno

Colégio Cenecista
Dr. José Ferreira
Compromisso com a vida
CNEC

(1J)

2ª série do Ensino Fundamental

Trabalho Integrado de Pesquisa

Projeto Artecultura

Nome: Cillan Cizl Marques Vitor

Introdução

Observação: este trabalho será entregue em partes separadas para que você o desenvolva aos poucos. Cada parte deverá ser devolvida ao professor no dia marcado e, ao final, quando toda a pesquisa estiver pronta, será anexada em uma pasta chamada **Portfólio**, onde ficarão arquivadas várias atividades desenvolvidas durante todo o ano.

Pontos de Partida:

– livro *A Cinderela das Bonecas*, de Ruth Rocha

– visita ao Arquivo Público de Uberaba.

Disciplinas Envolvidas:

Língua Portuguesa, Geografia, História, Artes, Ciências e Matemática.

A visita ao **Arquivo Público** permitiu-nos adquirir conhecimentos sobre nossa cidade: como nasceu, como era antigamente, seu desenvolvimento, etc. Vimos fotografias antigas e pudemos compará-las com as paisagens atuais; enfim, foi um grande aprendizado.

Conhecer e falar sobre o lugar onde vivemos é uma forma de saber quem somos, de fazer comparações entre o modo de vida em comunidade, contrapondo o ontem e o hoje, de verificar o que foi ou não preservado no ambiente e na cultura para, entre outras coisas, melhorar nossas relações com os grupos sociais aos quais pertencemos.

A história *A Cinderela das Bonecas* sugere uma vida em comunidade e acontece em uma vizinhança em que todos se conhecem, se gostam e participam da vida uns dos outros.

Trabalho Integrado de Pesquisa (Portfólio) 1ª Parte

Projeto Artecultura

Nome: Cillan Cizl Marques Vitor Data: 12/09/07

Créditos distribuídos: _____ Créditos obtidos: _____

1) Passando da história para a realidade, faremos uma **pesquisa** sobre **nossa vizinhança**.

Procure saber primeiro se há, em sua vizinhança (ou família), pessoas mais velhas que conhecem fatos, histórias e curiosidades sobre a nossa cidade. Peça-lhes para contarem esses fatos. A seguir, escreva-os nas linhas abaixo. Caso o espaço não seja suficiente, utilize uma folha à parte, com margem.

Em muito tempo a ligação entre os estados de Minas Gerais e São Paulo, eram realizada por uma ponte férrea sobre o rio Grande. Depois foi construída uma ponte de concreto para os carros trafegarem. Assim segue a construção até hoje!

2) Pergunte a eles também como eram as ruas, as casas, a paisagem, o relacionamento entre os vizinhos.

As ruas eram de asfalto, as casas eram algumas de estilo colonial outras de estilo barroco. O relacionamento entre os vizinhos eram bastante afetuoso.

3) E o que se podia fazer antigamente que não se pode fazer hoje? Por quê?

Jogar bolinha de gude na rua. Porque hoje as ruas são movimentadas.

DICAS:

Se algum desses familiares ou vizinhos possuir uma foto antiga (de lugares, objetos, pessoas) que possa lhe dar, traga-a para que, juntamente com as fotos trazidas por seus colegas, possa ser montado um painel intitulado "Ontem e Hoje – O que mudou".

Em Uberaba, ainda há muitas casas antigas. Se você quiser, ilustre seu trabalho com fotos dessas casas, e para isso, peça aos seus pais que tirem fotos delas.

"Conhece-te a ti mesmo!"

Conhecendo as origens

4) Há muitos de nossos familiares que vieram de outros países ou de outras regiões do País para morar aqui. Se houver algum familiar seu que se encaixe em uma dessas situações, pergunte-lhe:

– Por que saiu de suas terras e por que escolheu Uberaba para morar? Anote a resposta nas linhas abaixo.

Meu avô materno é paulistano e mudou para Uberaba para morar e seu próprio negócio.

5) Observe, no gráfico a seguir, os novos destinos dos migrantes. Antes, procure no dicionário o significado da palavra **migrante**.

Migrante:

Quem muda de um país ou lugar.

Contexto

Os novos destinos dos migrantes



Quarenta por cento dos brasileiros residem fora do seu estado de origem. O principal destino dos migrantes ainda é São Paulo, mas a proporção de pessoas que escolhem esse estado caiu nos últimos dez anos. A mudança ocorreu porque, em outros estados, há menos desemprego e a expectativa de renda é maior



Universidade Federal de Pernambuco e IBGE

6) Analisando o gráfico, responda ao que se pede.

a) Antes, o principal destino dos migrantes era São Paulo. Esta situação, porém, mudou. Por que ocorreu essa mudança?

Porque em São Paulo aumentou o nível de desemprego

b) Quais são os novos destinos dos migrantes?

Bahia, Santa Catarina e Pará.

c) Onde o fluxo de migrantes cresceu mais?

Bahia.

Procure a palavra **fluxo** no dicionário:

Fluxo:

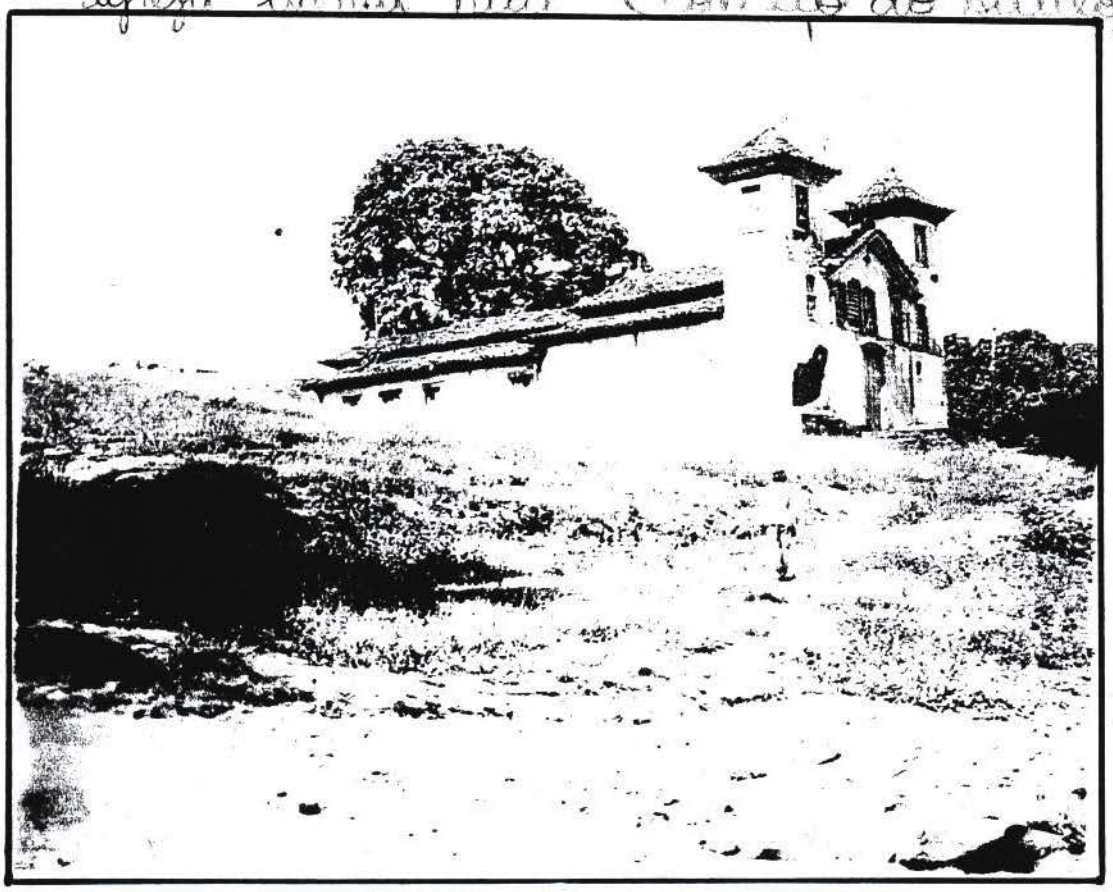
Passagem, corrente, fluxo, circunstância dos acontecimentos, abundância.

d) Qual a diferença de crescimento registrada entre os Estados da Bahia e de Santa Catarina?

Equação	Operação
55% - 47% = 08%	$-\overset{4}{5}15$ 47 08

Resposta: A diferença é de 8% a mais na Bahia.

Igreja Santa Rita (começo de século)



(atual)



Trabalho Integrado de Pesquisa (Portfólio) 2ª Parte

Projeto Artecultura

Nome: Allan Cezil Marques Vitor Data: 12/09/07

Créditos distribuídos: _____ Créditos obtidos: _____

Nossa gente, nossa história

1) Lembre-se de alguns fatos importantes que aconteceram entre 2004 e 2007, no Brasil ou no mundo, e escreva-os nas linhas a seguir.

Em 2004, ocorreu a Guerra do Iraque e os Jogos Olímpicos na Grécia.
Em 2007, ocorreu o Pan-Americano (Rio de Janeiro - RJ) e as Olimpíadas Para-Pan-Americano no Rio de Janeiro.

2) Qual descoberta você fez, através desta pesquisa, que achou mais interessante? Justifique.

Descobri que Tarsila do Amaral nasceu em São Paulo, pois retratou uma grande luta no sistema cíclico no Brasil.

3) Observe a tela *Cirandinha*, de Dag França.



Cirandinha. Dag França, 1990. Óleo sobre tela / eucatex. 49 x 59 cm – Museu Int. de Arte Naif do Brasil.

a) O lugar retratado se parece com o lugar em que você mora? Se é diferente, explique.

Não porque esta tela retrata a cotidiano do começo do século.

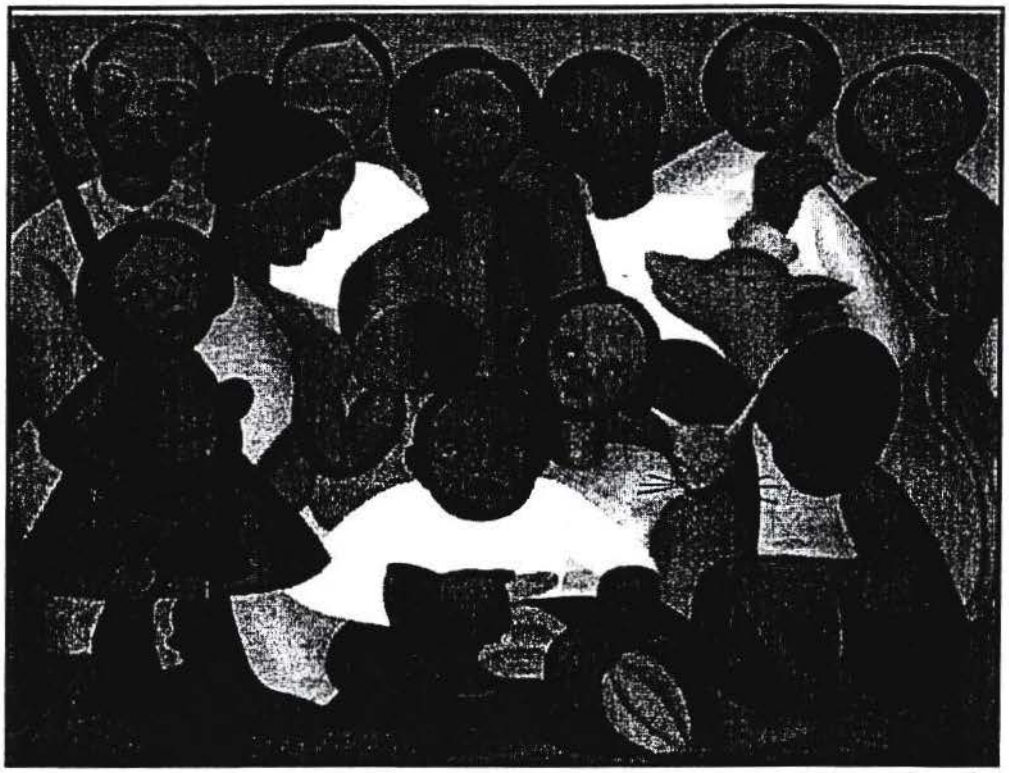
b) Imagine que canção as crianças da tela estão cantando. Escreva alguns versos dessa canção.

Cirandinha

"Cirandinha cirandinha, vamos todos cirandar.

"Vamos dar meia volta, volta e meia vamos dar.

4) Observe esta tela da pintora brasileira Tarsila do Amaral.



Tarsila do Amaral. *A família*. 1925. 79 x 101,5cm. Óleo sobre tela.

a) Coloque uma folha de papel tampando a parte inferior da tela. O que aparece na parte superior?

Adultos

b) Na parte inferior, o que se destaca mais?

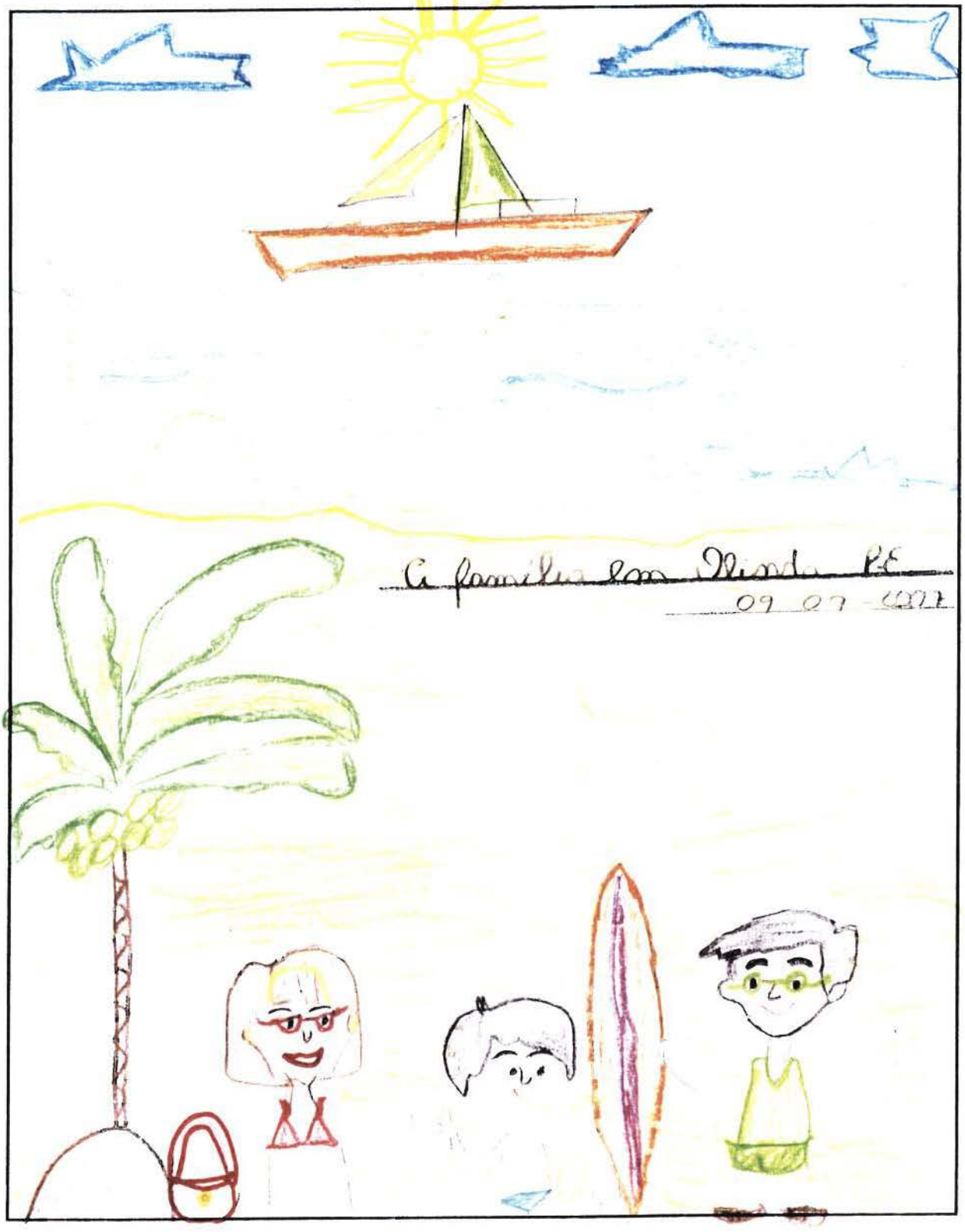
Crianças.

c) Se a tela se chama *A família*, quem são as pessoas retratadas?

Pais, mães, avós, tios e etc

d) Por trás das pessoas, o que há?

e) Pense em uma paisagem (lugar) e desenhe-a. Junto a ela, desenhe também sua família. Dê um nome à sua tela, indicando quando a fez.



5) Procure saber mais sobre a pintora Tarsila do Amaral e responda às questões a seguir.

a) Qual é seu nome completo, quando e onde nasceu?

Tarsila do Amaral nasceu em 1º de setembro de 1886 na fazenda São Bernardo, município de Capivari, interior do Estado de São Paulo

b) Como foi o início de sua carreira?

Começou a pintar em 1917, com Pedro Alexandrino. Em 1920 foi a Paris e estudou na Academia Julian. Voltou para o Brasil e integrou-se ao grupo Modernista de São Paulo.

Casou-se em São Paulo com o escritor Oswald de Andrade depois de 2 anos morando em Paris com a amiga Antropofágica

c) Quais são suas principais obras? Fale sobre elas.

- A negra (1923), representa uma figura de lábios avantajados, espécie de amazonas (brasil)
- Abaporu (1928) pintado em homenagem ao marido como "Canibal".
- Operários (1933), retrata a diversidade racial do Brasil

d) Conte algum fato interessante sobre a pintora.

Tarsila do Amaral casou-se três vezes, algo incomum para época

f) Agora, usando figuras de revistas, crie uma tela bem original. Faça primeiro o fundo e, sobre ele, monte uma família.



Trabalho Integrado de Pesquisa (Portfólio) 3ª Parte

Projeto Artecultura

Nome: Stricia _____ Data: 27/09/04

Créditos distribuídos: _____ Créditos obtidos: _____

Rua, ruas, cidade: é a vida em movimento, lugar onde as pessoas se encontram...

Como é a rua em que você mora? Há árvores, crianças, flores, pássaros, jardins, casas antigas?

É uma rua calma, ou perigosa? Há muitos prédios, carros e fumaça?

E como é a rua dos seus sonhos? E como seria a rua ideal para um poeta?

Muitos de nossos escritores também retrataram, em seus textos, as cidades, os lugares, as ruas.

Veja:

A Rua das Rimas

A rua que eu imagino, desde menino, para o meu destino pequenino
é uma rua de poeta, reta, quieta, discreta,
direita, estreita, bem feita, perfeita,
com pregões matinais de jornais, aventais nos portais, animais e varais nos quintais;
e acácias paralelas, todas elas belas, singelas, amarelas,
doiradas, descabeladas, debruçadas como namoradas para as calçadas;
e um passo, de espaço a espaço, no mormaço de aço baço e lasso,
e algum piano provinciano, quotidiano, desumano,
mas brando e brando, soltando, de vez em quando,
na luz rala de opala de uma sala uma escala clara que embala;
e, no ar de uma tarde que arde, o alarde das crianças do arrabalde;
e de noite, no ócio capadócio,
junto aos espiões, os bordões dos violões;
e a serenata ao luar de prata (mulata ingrata que me mata...);
e depois o silêncio, o denso, o intenso, o imenso silêncio...
A rua que eu imagino, desde menino, para o meu destino pequenino
é uma rua qualquer onde desfolha um malmequer uma mulher
que bem-me-quer;

é uma rua, como todas as ruas, com suas duas calçadas nuas,
correndo paralelamente, como a sorte, como a sorte diferente de toda a gente;
para a frente,
para o infinito; mas uma rua que tem escrito um nome bonito,
bendito, que sempre repito
e que rima com mocidade, liberdade, tranqüilidade: RUA DA FELICIDADE...

Guilherme de Almeida. Col. *Literatura Comentada*. São Paulo: Abril Educação. 1982. p.70-1.

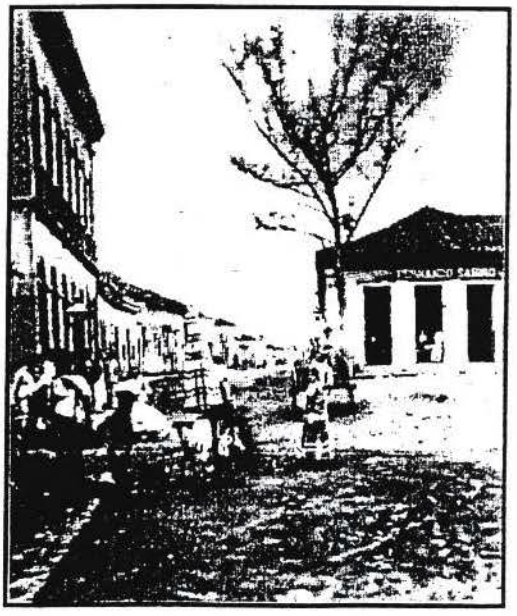
Uberaba em oito fotos

"Desde que eu ia para a escola,
Com os livros na sacola,
Ingênuo, bobo mesmo,
Andando a esmo
Eu gostava de apreciar
a cidade sertaneja
Demoroso eu perdia,
Horas, um dia,
Olhando passar as tropas
e as boiadas,
Vendo os carros de bois,
Enfileirados, lentos,
Cantando a canção
Do sertão.
Que cidade boa, pacata,
provinciana.
Costumes patriarcas
Casas dos grandes beirais
Que davam sombra de sol,
Abrigo de chuva.
Ruas cheias de poeira,
Água a escorrer pela ladeira,
Da Igreja do Rosário,
Pelo morro do Seminário.
A Igreja de Santa Rita,
Simples, bonita,
Me parecia grande, enorme,
Hoje tão pequenita..."

Gabriel Toti, (escritor uberabense) *Uberaba de uma vez.*



Rua Tristão de Castro



Praça Rui Barbosa

Rua dos Cataventos – II

Dorme, ruazinha... É tudo escuro...
E os meus passos, quem é que pode ouvi-los?
Dorme o teu sono sossegado e puro,
Com teus lampiões, com teus jardins tranqüilos...

Dorme... Não há ladrões, eu te asseguro
Nem guardas para acaso persegui-los...
Na noite alta, como sobre um muro,
As estrelinhas cantam como grilos...

O vento está dormindo na calçada,
O vento enovelou-se como um cão...
Dorme, ruazinha... Não há nada...

Só os meus passos... Mas tão leves são
Que até parecem, pela madrugada,
Os da minha futura assombração...



Poesias para gostar de ler. Poesias, vol 6. Ed. Didática, Ática, 1980

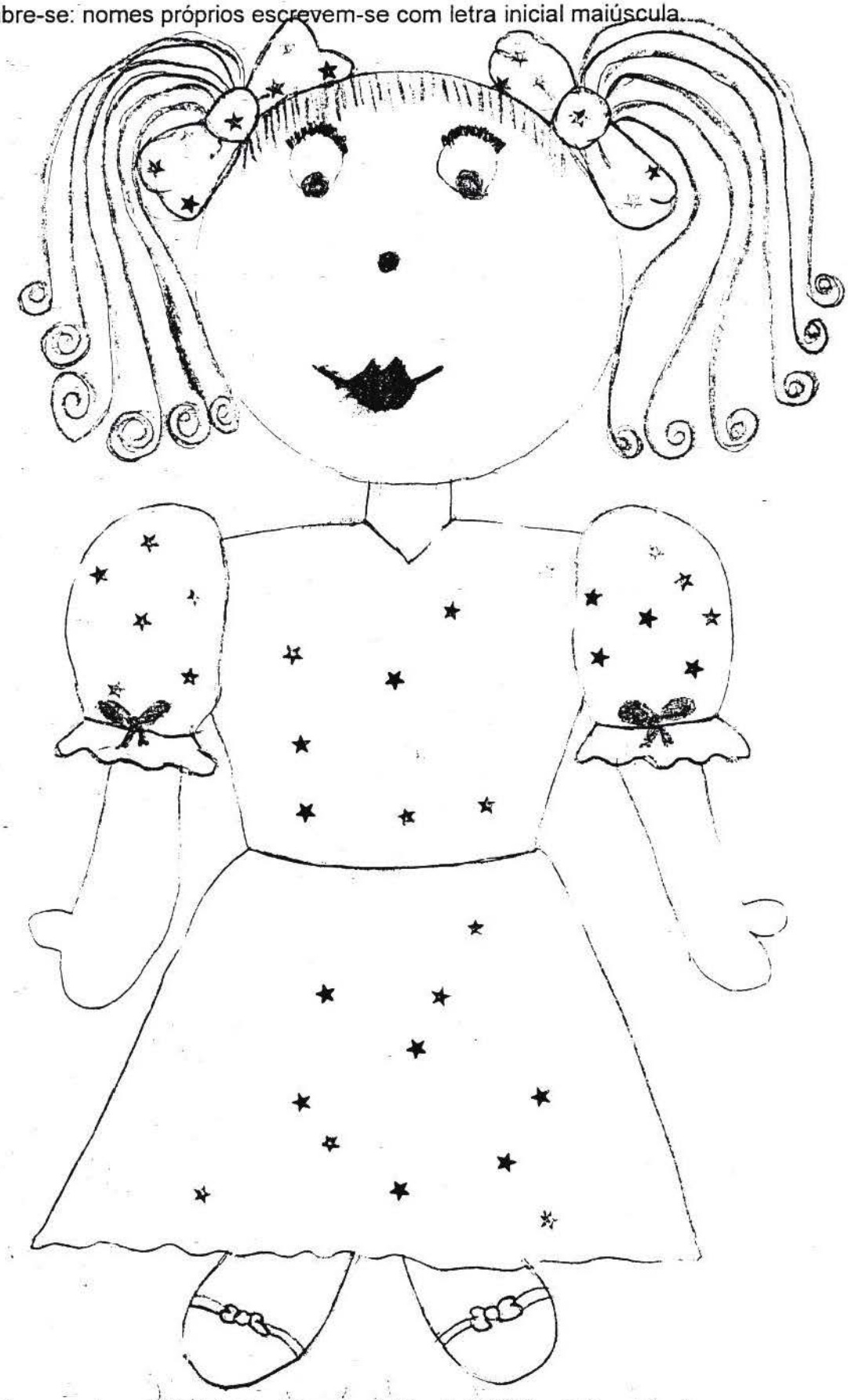
1) Depois de ler, de várias formas, os poemas, imaginando essas ruas a que os poetas se referiram, compare-os e responda.

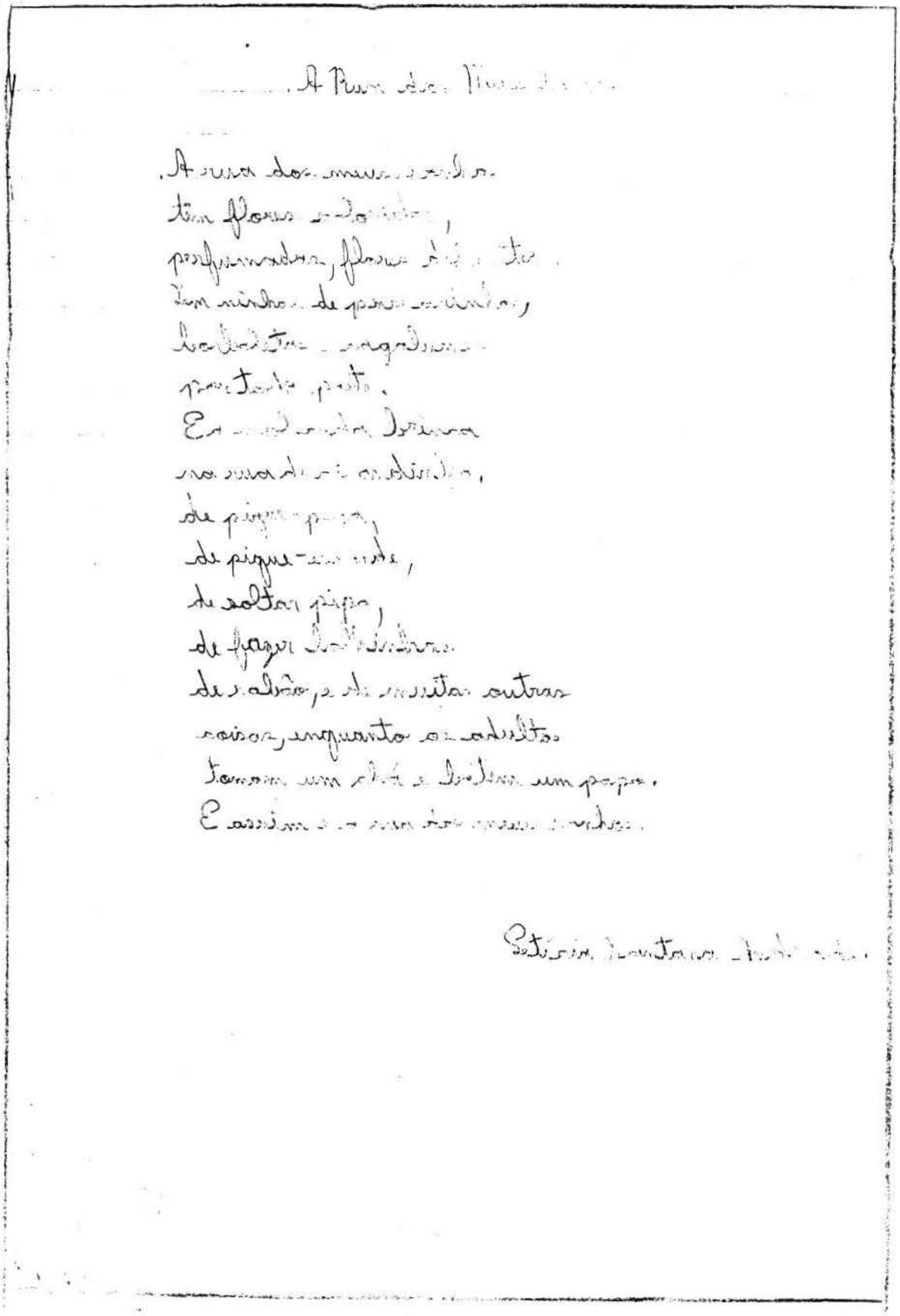
a) Como a rua é retratada em cada um dos **poemas**?

b) Depois de tantas descobertas, de tantas histórias, de tantos poemas, que tal ser poeta também? Crie um poema sobre ruas, cidades, pessoas... sobre o ontem e o hoje, sobre a vida... Escolha seu tema e mãos à obra! Você é o escritor!

2) Agora, imagine que você vai participar de um concurso de bonecas e pipas. Desenhe e escreva como seria seu brinquedo, dando-lhe um nome.

Lembre-se: nomes próprios escrevem-se com letra inicial maiúscula.





A Rua dos Meninos

A rua dos meninos
tem flores coloridas,
perfumadas, flores bonitas.
Tem ninhos de passarinhos,
borboletas engraçadas
pra todo gosto.
Em cada casa branca
na rua dos meninos,
de pique-pega,
de pique-esconde,
de soltar pipa,
de fazer bolhas de sabão,
de brincar com outras
coisas, enquanto os adultos
tomam um chá e batem um papo.
E assim é a rua dos meninos felizes.

Estefânia Fontana Andrade

ESCOLA MUNICIPAL MADRE MARIA GEORGINA

"Educar com amór e carinho, formando cidadãos participativos e criativos"

Nome; _____

Professora: Patrícia Ferreira Bianchini Borges

Data: _____/_____/_____ Turma: 9 anos Período: matutino

1. Leia o texto abaixo:

A arara



A arara é uma ave muito bonita, que vive nas matas do nosso país.

Ela tem belas penas coloridas. Cava um buraco com o bico e põe seus ovos no oco das árvores. A arara cuida dos ovos.

Ela come frutas maduras.

Há araras de penas azuis chamadas araraúnas. Outras têm penas tão escuras que são chamadas de araras pretas.

2. De acordo com o texto:

a) O título do texto é o nome de

( ) um pássaro ( ) uma planta ( ) um inseto ( ) um enfeite

b) O texto se refere:

( ) às araras pretas ( ) às araras azuis ( ) às araras em geral

c) Qual é a alimentação da arara?

( ) minhocas ( ) pedras ( ) frutas verdes ( ) frutas maduras

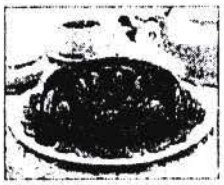
d) Escreva o nome das araras:

. de penas escuras:_____

. de penas azuis:_____

3. Veja o texto abaixo:

Bolo de Cenoura



Ingredientes:

- 3 cenouras médias
- 1 xícara de óleo
- 4 ovos
- 3 xícaras de farinha de trigo
- 1 pitada de sal
- 1 colher (sopa) de fermento em pó
- 2 xícaras de açúcar

Agora responda.

a) Este texto serve para:

( ) anunciar um produto ( ) divertir o leitor

( ) ensinar uma receita ( ) dar um recado

b) O bolo é de:

( ) chocolate ( ) cenoura ( ) abacaxi

c) Quantos ovos são gastos para se fazer esse bolo?

( ) três ( ) seis ( ) quatro

d) Você não tem margarina em casa... Você pode fazer o bolo de cenoura?

( ) sim ( ) não

12. Existem, no Brasil, 340 espécies de araras. Dessas, 70 vivem em cativeiro. Quantas araras estão livres?

Resposta: _____ araras estão livres.

13. Se eu uso 4 ovos para fazer um bolo de cenoura, quantos eu vou gastar para fazer 3 bolos?

Resposta: Vou gastar _____ ovos.

14. Assinale corretamente:

a) Os bairros:

( ) são todos iguais ( ) são diferentes

b) Quando vamos ao centro da cidade, usamos a expressão "Vamos descer". Isso por que:

( ) o centro da cidade fica na parte baixa da cidade.

( ) o centro da cidade fica na parte alta da cidade.

c) O primeiro documento que temos é:

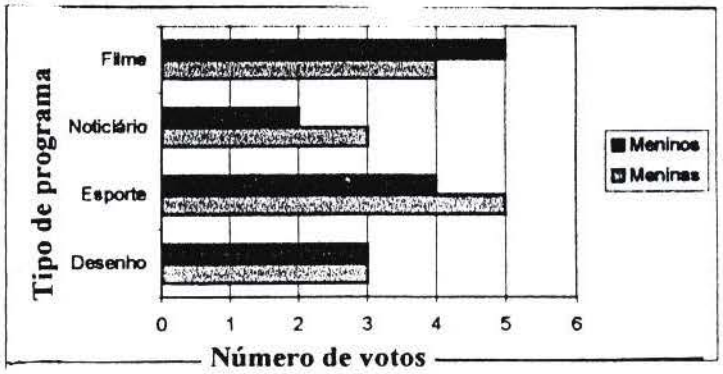
( ) certidão de casamento ( ) CPF

( ) título de eleitor ( ) certidão de nascimento

09. Na classe de Laura foi feita uma pesquisa com base na seguinte pergunta:

Entre desenho, esporte, noticiário e filme, qual você prefere assistir na tevê?

A partir dos dados obtidos, foi elaborado o gráfico ao lado, no qual foram separados os votos de meninos e meninas.



Responda consultando o gráfico:

a) Quantos meninos votaram em Esporte: _____
b) Quantas meninas há na classe: _____
c) Qual tipo de programa mais votado pelos meninos: _____
d) Qual o tipo de programa que recebeu 5 votos da classe? _____
e) Quantos alunos há na classe: _____

10. Na loja uma televisão que custa R$1.199,00, está em promoção por R$899,00. Se eu comprar essa televisão, na promoção, quanto vou economizar?

Resposta: Vou economizar R$_____.

11. Em uma estante da biblioteca da escola, tem 212 livros de Literatura e 329 livros de Português. Quantos livros têm nessa estante?

Resposta: Têm _____ livros na estante da biblioteca.

15. Numere a segunda coluna de acordo com a primeira:

(1) tio	(	) filho da minha tia
(2) tia	(	) mãe do meu pai
(3) primo	(	) irmão da minha mãe
(4) avô	(	) pai da minha mãe
(5) avó	(	) irmão do meu pai

16. Quando votamos nas eleições, ou referendos:

( ) podemos mudar a história

( ) não fazemos diferença

17. Marque um X apenas nas frases verdadeiras:

( ) Os alimentos devem ser protegidos dos insetos.

( ) Não é necessário varrer nossa casa.

( ) O lixo pode ser reciclado.

( ) As estrelas tem luz própria.

( ) A Terra e a Lua são estrelas.

( ) O Sol é um planeta.

( ) O universo não tem fim.

( ) A cidade é formada por bairros.

( ) O centro é a parte mais nova da cidade.

( ) Verde, amarelo, azul e branco são as cores da bandeira do Brasil.

( ) Os 5 sentidos do corpo humano são: audição, paladar, olfato, tato e visão.

( ) O homem é um animal invertebrado.

( ) As conseqüências do movimento de rotação da Terra são: o dia e a noite.

( ) O corpo humano se divide em três partes: cabeça, tronco e membros.

( ) A nossa cidade (Uberaba) localiza-se no estado de são Paulo.